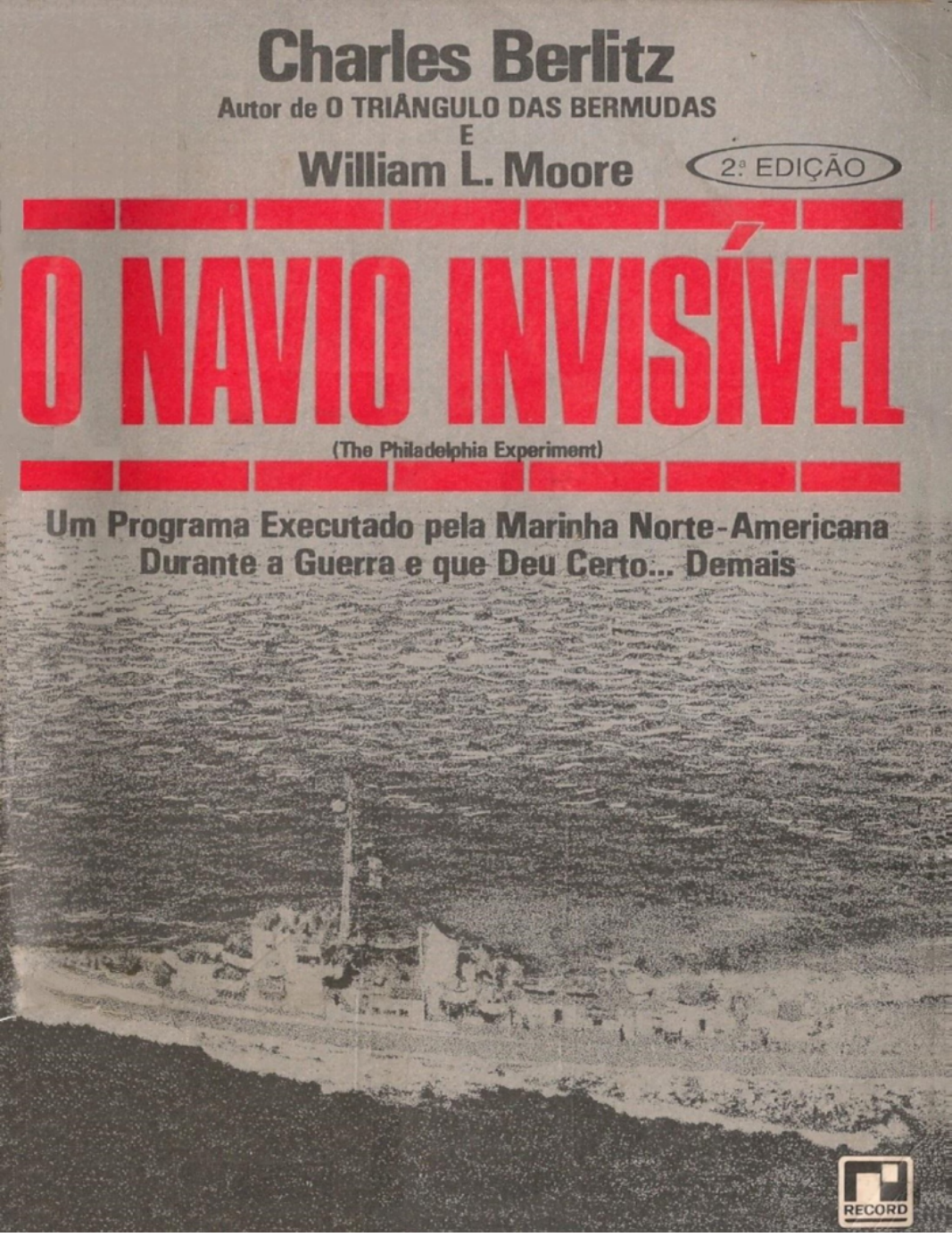
Charles Berlitz
Autor de O TRIÂNGULO DAS BERMUDAS
E
William L. Moore

2ª EDIÇÃO

# O NAVIO INVISÍVEL

(The Philadelphia Experiment)

## Um Programa Executado pela Marinha Norte-Americana Durante a Guerra e que Deu Certo... Demais



RECORD

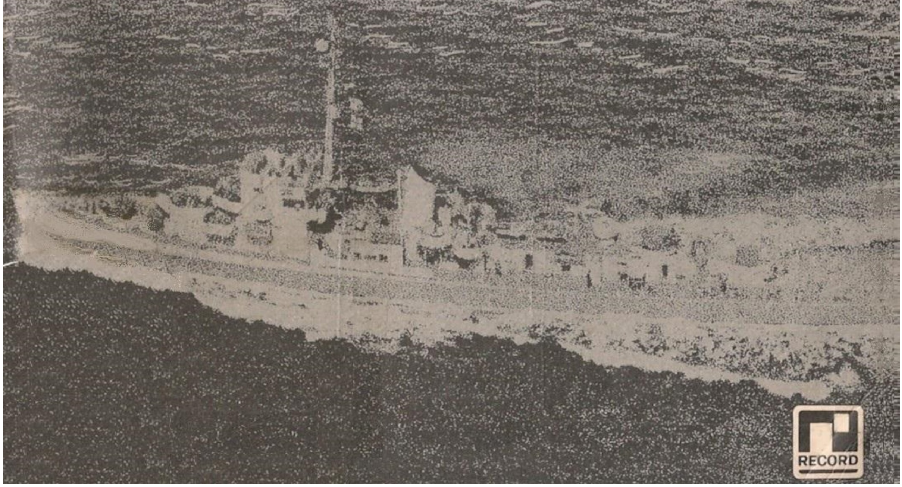
Charles Berlitz
Autor de O TRIÂNGULO DAS BERMUDAS
E
William L. Moore

2ª EDIÇÃO

# O NAVIO INVISÍVEL

(The Philadelphia Experiment)

Um Programa Executado pela Marinha Norte-Americana
Durante a Guerra e que Deu Certo... Demais



RECORD

## OBRAS DE CHARLES BERLITZ

O TRIÂNGULO DAS BERMUDAS *(The Bermuda Triangle) em 1974*

O NAVIO INVISÍVEL (Com William L. Moore) *(The Philadelphia Experiment: Project Invisibility) em 1979*

1999 - O DIA DO JUÍZO FINAL (*Doomsday 1999 A.D.) em 1981*

Charles Berlitz William L. Moore

# O NAVIO INVISÍVEL

(The Philadelphia Experiment)

**Um Programa Executado pela Marinha Norte-Americana Durante a Guerra e que Deu Certo... Demais**

Tradução de

RONALDO SERGIO DE BIASI

Título original Norte-americano

THE PHILADELPHIA EXPERIMENT

*Copyright (*C) 1979 by William Moore and Charles Berlitz

Publicado mediante acordo com Grosset & Dunlap, Inc. Todos os direitos reservados

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa em todo o mundo adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA SA.

Rua Argentina 171 - 20921 - Rio de Janeiro, RJ que se reserva a propriedade literária desta tradução.

**Revisão da tradução e conversão para ebook**

**TVCINESOM**

# Nota do Editor

Já se passaram mais de 30 anos desde os supostos acontecimentos em torno do Experimento Filadélfia. Muitas das pessoas que podem ter se preocupado agora estão mortos, outros podem ter muito medo de vir à frente; qualquer prova documental, se alguma vez existiu, desapareceu e é improvável que venha à luz. Se houve ou não alguma vez uma experiência de invisibilidade que conseguiram realizar de forma tão dramática e terrivelmente, não podem, nas atuais circunstâncias ser totalmente fundamentada.

Tudo o que se pode dizer é que, durante sua longa experiência como pesquisador e conferencista sobre os mistérios do mundo, Charles Berlitz tem sido questionado com mais frequência em relação ao Experimento Filadélfia do que em qualquer outro assunto. Apesar de uma sucessão de becos sem saída, desmentidos pelo Escritório de Pesquisa Naval Americano (ONR) e uma total falta de provas concretas, o assunto não vai morrer. De alguma forma, em algum lugar, ela se originou, e com bastante fé na sua autenticidade o assunto sobrevive levando os autores a sugerir o que poderia ter acontecido. Eles realizaram pesquisas cuidadosas e, embora não tenha surgido nenhuma prova final, eles sentem que as evidências que conseguiram coletar é, provavelmente, o suficiente para julgar a verdade. O fato de que Einstein avançou até certo ponto com a sua Teoria do Campo Unificado significa que a possibilidade de fazer algo - ou alguém - invisível não pode ser descartada; nos últimos anos muitas teorias igualmente incríveis têm conseguido respeitabilidade através da pesquisa científica, e sabemos que estamos apenas arranhando a superfície dos muitos fenômenos estranhos que se acumulam em nosso universo.

Aqui, então, é a história do Experimento Filadélfia. Os autores nos deixam abertura para concluirmos com nossas próprias mentes sobre se podemos acreditar ou não.

# Sumário

Introdução

1 Um Contato Imediato com o Inacreditável
2 Cartas de Fãs para um Cientista
3 A Marinha Toma Conhecimento
4 Algumas Pistas e Conjecturas
5 O Misterioso Senhor Allende
6 Investigações Podem Ser Fatais
7 A Conexão Einstein
8 Os Arquivos Indescritíveis
9 A Testemunha-Chave
10 Os Campos de Força de Townsend Brown
11 A Realidade do Impossível
12 O Círculo se Fecha

Agradecimentos

Bibliografia em Ordem Cronológica

*Dedicado aos pioneiros da ciência, que, em busca de conhecimentos, investigam as estrelas mais distantes e os mundos mais recônditos.*

Quando um cientista eminente, mas de certa idade afirma que alguma coisa é possível, é quase certo que tenha razão. Quando afirma que alguma coisa é impossível, é provável que esteja errado.

- Arthur C. Clarke

Na verdade, o maior obstáculo ao progresso científico é a recusa de algumas pessoas, inclusive cientistas, de acreditarem que coisas que parecem espantosas possam realmente acontecer.

- George S. Trimble (da Glenn L. Martin Co., 1955; mais tarde, Diretor do Manned Spacecraft Center da NASA, em Houston)

# Introdução

Quando estava levantando dados para um livro sobre o Triângulo das Bermudas, tive conhecimento de um incidente tão incomum em termos de conhecimentos científicos atuais que chega a ser quase inacreditável. No passado, talvez fosse aceito com maior facilidade, mas como uma manifestação de pura magia - o trabalho de bruxos. Porque o dito incidente envolvia nada menos que uma experiência bem-sucedida de invisibilidade, realizada em 1943 no ambiente nada místico da Base Naval de Filadélfia.

De acordo com uma das versões do incidente, um destroier da Marinha foi levado, por uma série de manifestações magnéticas, a desaparecer temporariamente e depois reaparecer *em outro lugar*. Versões mais detalhadas falam de efeitos nocivos sobre os membros da tripulação da belonave, como perturbações psicológicas e mesmo mortes, que fizeram com que a experiência fosse abandonada.

Este incidente, história ou lenda, tem sido insistentemente desmentido pelo Serviço de Informações da Marinha Americana, mas ainda assim parece ter assumido vida própria e sempre em expansão, através de referências na imprensa e declarações de pessoas (que em geral preferem o anonimato) que afirmam haver testemunhado os eventos que hoje, por falta de um nome melhor (ou de um nome de código), são chamados de "Experimento Filadélfia".

Meu interesse pelo Experimento Filadélfia está ligado à possibilidade de que uma mudança da composição molecular da matéria, induzida por fenômenos magnéticos, faça um objeto desaparecer... uma explicação viável para alguns dos desaparecimentos no Triângulo das Bermudas. Em minhas conferências nos EUA e no exterior, observei um notável interesse do público sempre que mencionava o Experimento Filadélfia, e, para minha surpresa, de vez em quando aparecia uma "testemunha", que geralmente me pedia para guardar seu nome em segredo.

Durante uma conferência em uma universidade, há dois anos, conheci um jovem professor de Inglês, um escritor com gosto pela pesquisa. Seu interesse obsessivo pela história do Experimento Filadélfia o havia levado a várias partes da América do Norte, e sua persistência o havia ajudado a superar os desmentidos oficiais, a localizar documentos convenientemente "perdidos", a refrescar a memória de testemunhas, e mesmo a encontrar certos cientistas-chave que haviam participado do "experimento que nunca ocorreu" e que hoje vivem tranquilamente em uma área extremamente isolada, talvez por questões de saúde (ou de sobrevivência).

Os novos dados levantados por Bill Moore, o pesquisador incansável a que me referi acima, foram incluídos na investigação conjunta que se segue, e que apresenta informações nunca antes reveladas; informações que sugerem que o experimento "impossível" realmente ocorreu. A pesquisa em si é a história fascinante de uma luta para superar a inércia, a camuflagem e os despistamentos dos órgãos oficiais. E a conclusão é extraordinária, pois, se a experiência foi realizada da forma como imaginamos, isso significa que estivemos pela primeira vez, e talvez ainda estejamos, a um passo de descobrir como tornar invisíveis objetos e pessoas - um dos sonhos mais antigos do homem.

Este e outros sonhos antigos não parecem mais tão impossíveis, especialmente a partir de 1945, quando o sonho de um poder quase ilimitado se tornou realidade em Alamogordo (cidade no Condado de Otero, no Novo México, nos Estados Unidos). Por coincidência, pelo menos dois outros projetos mais propriamente reservados ao domínio da ficção científica estavam sendo supostamente colocados

em curso em uma época (1943) em que os Estados Unidos buscavam maneiras pouco ortodoxas de se proteger e ganhar a guerra. Um desses projetos envolvia a antigravidade, e o outro a invisibilidade, mas ambos foram suspensos depois do evidente sucesso da bomba atômica.

Este livro apresenta argumentos bastante palpáveis para a tese de que a experiência de invisibilidade foi realmente executada com êxito. Ao mesmo tempo, queremos lembrar que as grandes descobertas da ciência não são necessariamente desencadeadas por condições de guerra. A exploração pacífica do espaço é um bom exemplo do que afirmamos.

Se o Experimento Filadélfia foi suspenso a um passo do sucesso, é possível que seja continuado ou iniciado novamente. Porque, se o universo se expande em torno de nós, não podemos nunca interromper nossos esforços para desvendar os segredos cósmicos da matéria, espaço e tempo.

Charles Belitz

# CAPÍTULO 1

## Um Contato Com o Inacreditável

A área ao redor de Colorado Springs é particularmente bela durante todo o ano, mas especialmente no final do verão, quando o calor do dia é temperado por noites frescas e o céu às vezes tem uma claridade quase cristalina. Foi em uma dessas noites, em 1970, que dois aviadores, James Davis, de Maryland e Allen Huse, do Texas, sem nada em particular para fazer, saíram com uma câmera fotográfica para uma caminhada refrescante no Parque próximo do Memorial de Guerra (War Memorial). O ar estava morno e agradável e, quando anoiteceu, Huse começou a tirar fotografias da lua. Enquanto isso, Davis passeava ao redor do parque, aproveitando a interrupção bem-vinda da rotina na Base Área em Colorado Springs, ali perto, onde ambos os homens tinham sido alocados por alguns meses.

Pouco depois, Davis foi subitamente abordado por um homem com uma aparência estranha, a quem ele havia notado anteriormente parado próximo ao monumento em memória aos mortos na guerra – um sujeito baixo, de cabelos ralos e um pouco desleixado. Davis se lembra de notar que o homem tinha uma espécie de olhar distante. A impressão inicial de Davis foi que ele estava prestes a pedir uma esmola. Mas uma surpresa estava reservada para ele.

- Então você está na Força Aérea - disse o homem. – Que tal? Está satisfeito?

Davis respondeu que ele se dava bem, mas que às vezes gostaria que a rotina não fosse tão rigorosa.

- Não tenho tempo suficiente para relaxar - disse ele.

O homem concordou.

Um assunto levou a outro e logo os dois estavam trocando histórias.

- Você sabe - disse o desconhecido, - eu também já fui oficial. Servi na Marinha, durante a guerra. Mas eles fizeram algumas coisas comigo, e no final me colocaram para fora para pastar. Louco, eles disseram. - Ele bateu na lateral de sua cabeça levemente com um dedo. - Mas eu não sou, você sabe. Foi essa experiência que fez isso. Não foi possível aguentar a pressão, então eles me colocaram para fora. - Ele puxou a carteira do

bolso e mostrou um cartão de identificação desgastado e, obviamente, ultrapassado. - Está vendo? - disse ele. - Da Marinha, como eu lhe disse.

Davis foi curioso.

- Experiência? disse ele. - Que tipo de experiência você está falando?

A resposta surpreendeu-o.

- Invisibilidade - disse o homem. - Foi quando eles estavam tentando fazer um navio invisível. Teria sido a camuflagem perfeita se tivesse dado certo. E até deu! Com o navio, sabe. Mas para nós, que estávamos a bordo... para nós não funcionou muito bem. Nós não suportamos os efeitos do campo de energia que eles estavam usando. Eles fizeram essas coisas em nós. Eu nunca deveria ter aceitado essa missão na Filadélfia. Era ultrassecreto (*Top Secret*). Eu poderia ter recusado, mas eu não fiz isso. Se eu tivesse alguma ideia do perigo em que eu estava me metendo, eu, com certeza, teria dito a eles que estava caindo fora.

Davis começou a se perguntar se ele estava mesmo ouvindo o que ele pensava.

- Apenas me diga do que é que você está falando? - ele queria saber. - Você está querendo dizer que a Marinha tentou torná-lo invisível, em algum tipo de experimento, ou o quê?

- Camuflagem eletrônica - foi a resposta. - Algum tipo de camuflagem eletrônica produzida por campos pulsantes de energia. Eu não sei exatamente que tipo de energia eles estavam usando, mas era um bocado de energia. Foi demais para mim... para todos nós. Embora nos afetasse de maneiras diferentes. Alguns apenas começaram a ver duas imagens, outros começavam a rir e a cambalear como se estivessem bêbados, e alguns poucos desmaiaram. Alguns até alegaram que haviam passado para outro mundo e que tinham visto e conversado com estranhos seres alienígenas. E, em alguns casos, os efeitos não foram temporários. Disseram-me depois que vários haviam morrido. De qualquer forma, eu nunca mais os vi novamente. Mas, para o resto de nós - aqueles de nós que sobreviveram, bem, simplesmente nos mandaram embora. Incapacidade, eles disseram. Reformados como mentalmente desequilibrados e inaptos para o serviço ativo. Aposentado! - ele disse amargamente.

- Mas por quê? - perguntou Davis.

Nessa altura, Huse, que ouvira trechos desta estranh a conversa de uma certa distância, aproximou-se e juntou-se ao par. Davis apresentou-o ao seu amigo e eles apertaram as mãos.

- Fico feliz em conhecê-lo - disse o homem.

Após a breve introdução Davis continuou no seu ponto.

- Você quer dizer - disse ele - que a Marinha aposentou todos esses homens como desequilibrados mentais, porque o experimento fracassou?

- Isso mesmo - disse seu companheiro misterioso. - Foi exatamente o que eles fizeram! Naturalmente, estivemos isolados alguns meses antes de fazerem isso. Para "descansar", foi o que disseram. E também para tentar convencer-nos de que nada havia acontecido, eu acho. De qualquer forma, no final eles nos fizeram jurar segredo... embora seja provável que ninguém vá acreditar em uma história como essa! E você? Você está na Força Aérea; você acredita? Você acredita no que estou te contando?

- Não sei - respondeu Davis. Eu certamente concordo que é uma história fantástica. Talvez fantástico demais. Simplesmente, eu só não sei.

- Bem, mas é a pura verdade. Cada palavra que eu disse! É claro, que foi exatamente por isso que eles nos aposentaram como mentalmente incapazes. Em caso de alguém pensar em acreditar em nós, eu quero dizer. Dessa forma, se a Marinha for questionada sobre o assunto, eles podem apenas dizer que foi como uma história elaborada por um bando de malucos! Você tem que admitir que foi uma jogada inteligente, do ponto de vista de segurança. Quem vai acreditar em um homem que foi declarado oficialmente louco? De qualquer forma, essa é a minha história.

Os dois pilotos trocaram olhares e Huse revirou os olhos um pouco. Mas antes que pudessem decidir como reagir a esta confidência bizarra, o homem mudou de assunto para algo mais mundano e passou a se ocupar em fazer previsões sobre as manchas solares e o clima.

Menos de uma hora depois, eles deixaram o local e voltaram para a base. Já era noite fechada e o frescor de uma noite de Colorado estava começando a penetrar em seus uniformes.

Mesmo que eles nunca mais vissem esse homem estranho novamente, Davis e Huse discutiram muito este conto bizarro várias vezes ao longo dos próximos meses. Huse, que tinha ouvido apenas uma parte da história do homem, foi o mais cético dos dois. Mas ambos se perguntaram que podia haver alguma coisa de verdade na história desse estranho personagem que encontraram no parque, ou se ele realmente estava louco. Futuramente, Davis deu baixa e Huse foi transferido, e os dois nunca mais se encontraram.

Anos depois, em janeiro de 1978, Davis, por acaso, pegou uma cópia do rascunho de Charl esBerlitz "*O Triângulo das Bermudas*" e ficou surpreso ao ler um relato do chamado

"Experimento Filadélfia", em que a Marinha teria tornado invisível um destroier de escolta e toda tripulação, através do uso de campos de força durante a Segunda Guerra Mundial. Ele então se lembrou imediatamente da conversa com o estranho homem, que já estava lá traz em sua memória. Depois de pensar no assunto por vários dias, ele finalmente decidiu escrever para Berlitz, por intermédio de seu editor e contar sua história. Mais tarde, em uma entrevista por telefone com Bill Moore, Davis identificou Huse como o amigo que tinha estado com ele, mas disse que ele não tinha ideia do paradeiro de Huse, já que ele tinha perdido o contato com ele desde que tinha deixado a Força Aérea. Ele acreditava, disse ele, que se Huse pudesse ser encontrado, ele certamente se lembraria da conversa no parque e, portanto, corroborar a história.

Uma semana depois, Moore conseguiu localizar Huse e falou com ele pelo telefone. Huse era de fato capaz de confirmar os fatos básicos da história de Davis. Ele lembrava-se do encontro no parque e te ter discutido com Davis a respeito daquele tipo esquisito várias vezes depois disso, entre uma cerveja e outra, mas ele não foi preciso nos detalhes exatos do que o homem lhes havia dito.

- Isso foi alguns anos - disse ele. - Eu realmente não me lembro exatamente o que o homem falou. Só sei que eram algumas coisas realmente estranhas.

- Poderia ele ter feito referência a ter sido envolvido em algum tipo de um projeto experimental da Marinha em Filadélfia? - Moore perguntou.

- Sim, isso mesmo! - Respondeu Huse após um momento de reflexão. - Sim, eu me lembro que ele dizia isso. Ele disse algumas coisas loucas - eu não me lembro exatamente dos detalhes - mas eu me lembro de algo sobre uma experiência. E também me lembro de estar bastante cético sobre o que ele dizia. Na época achei que era tudo mentira.

- Mas você não se lembra dos detalhes?

- Infelizmente, não. Mas Davis deve se lembrar mais do que eu. Foi ele quem começou a conversa como homem.

- Você tem estado em contato com o Sr. Davis ultimamente?

- Não, não o vejo desde que deixei a Força Aérea, que foi em algum momento de junho de 1973.

Nota: Davis tinha dito que ele havia deixado Colorado Springs em agosto de 1971.)

- Voltando para o homem no parque, porque você acha que

ele escolheu você e seu amigo para contar sua história?

- Eu não sei. Na época tive a impressão de que foi porque estávamos de uniforme. Acho que ele meio que nos selecionou. Ele parecia que queria se desabafar com alguém e achou que nós éramos as pessoas indicadas. Nós conversamos sobre isso várias vezes em reunião de trabalho e até mesmo mencionamos a alguns dos nossos outros amigos. Todo mundo pensou que a coisa toda era muito esquisita.

- Você tem ideia quem era este homem ou onde morava?

- Não. Só o vi naquela noite. Tenho certeza que eu o teria reconhecido se eu o tivesse visto pela cidade, mas eu nunca mais o vi. Voltamos ao parque algumas vezes depois disso, também.

- Você se lembra dele ter mencionando sobre sua dispensa ou de sofrer algum dano por causa da experiência?

- Acho que ele falou que havia sido reformado por causa disso, mas eu não tenho certeza. Havia algo sobre um experimento, no entanto. Eu tenho certeza disso.

Assim terminou uma entrevista que forneceu mais outra peça de um quebra-cabeça já estranho e misterioso que estava sendo montado há quase 35 anos e que ainda hoje está longe de ser completado, e talvez nunca venha a ser. Projetos de invisibilidade, homens que desaparecem para sempre, outros homens que são declarados como insanos, as referências a 'alienígenas' do espaço ou de outra dimensão... poderia haver algo de verdadeiro em alguns destes elementos incríveis, mas possivelmente relacionados?

É natural que relatos desse tipo sejam encarados com reserva. Seria hesitante creditar tais relatórios e suas fontes. Mas, no entanto, por mais de vinte anos os rumores persistem de que a Marinha dos EUA, trabalhou sob circunstâncias ultrassecretas na Base Naval da Filadélfia durante a Segunda Guerra Mundial, conseguindo produzir um campo de força eletrônico poderoso que, por algum motivo, fugiu ao controle e resultou em um desaparecimento de navio e, segundo alguns, foi "teletransportado" da Filadélfia para Norfolk e de volta para Filadélfia em questão de *segundos*.

Inacreditável? Sim... talvez. Mas talvez depois que todas as evidências tiverem sido examinadas, talvez não seja tão incrível depois de tudo. Investigações sobre o inexplicável, ocasionalmente, revelam fatos ainda mais incomuns do que a história original. Neste caso não foi exceção.

# CAPÍTULO 2

## Cartas de um Fã Para um Cientista

O Triângulo das Bermudas, o abominável Pé-Grande (o Homem das Neves), discos voadores, estranhos desaparecimentos, fantasmas e espectros de todos os tipos e descrições, fenômenos psíquicos... tudo faz parte de uma lista cada vez maior de acontecimentos e aparições, que, quando alguém se dá ao trabalho de tentar classificá-los, são inevitavelmente colocados em algum lugar no submundo entre a ciência e a fantasia, que é conhecido como "o inexplicável". Muitos leitores, aqueles com outros interesses mais urgentes, se contentam com um dar de ombros ou um sorriso, e admitem que, pelo menos uma excursão ocasional no reino do desconhecido pode ser muito interessante - se por nenhuma outra razão do que para o entretenimento. Outros, com suas mentes irremediavelmente deslumbradas e com seu julgamento cego por alguma necessidade interior pela verdade, encontram-se prisioneiros por aquilo que começou inocentemente como um interesse passageiro. O processo começa inevitavelmente com aquele tipo peculiar da curiosidade, que leva um observador, uma vez casualmente interessado, em tentar encontrar algumas respostas por conta própria. Inevitavelmente alguma história estranha ou outra consegue despertar mentes curiosas apenas o suficiente para aumentar o desejo de resolver um mistério, ou, pelo menos, para levantar alguns fatos mais pertinentes.

E assim começa mais um daquelas infelizes "investigações" pessoais que geralmente não vão além de uma discussão com um amigo interessado, algumas poucas cartas não respondidas, ou talvez alguns telefonemas que não resultaram em nada, a não ser em uma gorda conta no fim do mês. Mas ocasionalmente - apenas ocasionalmente - o destino intervém e permite que o investigador esbarre em alguns poucos fatos que mais tarde se tornam, quase sem nenhum esforço deliberado, as primeiras peças forjadas na cadeia de uma história mais fantástica do que a que o investigador tinha em mente quando iniciou a busca.

Como qualquer um que já tenha ido mais fundo em investigar o mundo dos fenômenos paranormais garante que existem inúmeras histórias flutuando no limiar de credibilidade que, embora contadas, recontadas e, ocasionalmente, examinadas de

perto por investigadores de fenômenos psíquicos, nunca trazem suas histórias ao público, seja porque elas são consideradas demasiadas fantásticas demais para serem acreditadas, ou porque acredita que não há material suficiente para escrever um livro a respeito do assunto. Uma das mais bizarras e incríveis destas histórias "malditas", que repetidamente tem aparecido ao longo dos anos, sem merecer mais do que rápidas citações na imprensa popular, é o chamado Experimento Filadélfia. Embora tenha sido mencionada em livros e artigos de pelo menos uma dúzia de escritores e pesquisadores do inexplicável no curso das últimas duas décadas, relativamente pouquíssimos fatos novos em termos de material, foram acrescentados à história original, e em consequência a história permaneceu em uma espécie de animação suspensa, à espera de alguém disposto a fazer uma investigação aprofundada. Aqui está, portanto, uma das histórias mais fantásticas que já apareceram, no que se propõe a ser uma apresentação factual - fornecida juntamente com os resultados de uma investigação intensiva que, ironicamente, começou como uma tentativa honesta por parte de Bill Moore para desmentir o mito.

O mistério começa com um cientista que, à primeira vista parece ser um homem misterioso. Não se sabe muito sobre a infância e a juventude de Morris Ketchum Jessup, exceto alguns fatos. Que ele era um homem de muitos e variados interesses - cientista, astrônomo, astrofísico, matemático, pesquisador, conferencista a escritor - é do conhecimento de todos, a despeito do fato de que ele não era do tipo que buscava muita publicidade. Batizado com o nome de um notável tio rico de sua família no século XIX, que foi barão, financista e filantropo e que deu seu nome ao Cabo Morris K. Jessup, localizado no extremo norte da Groenlândia, Jessup nasceu em Rockville, Indiana, em 20 de março de 1900. Estando com a idade de 17 anos algumas semanas depois da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, Jessup, como tantos outros jovens de sua idade, estava cheio de fervor patriótico, e sua formatura no colégio foi praticamente simultânea com seu alistamento no exército dos EUA. Mais tarde ele viria a atingir o posto de sargento.

Com o fim da guerra, Jessup continuou os estudos, chegando a professor universitário em astronomia e matemática na Universidade de Drake, em Des Moines, Iowa, e na Universidade de Michigan, em Ann Arbor. Como estudante de doutorado em Michigan, no final da década de 1920, ele aproveitou uma oportunidade de viajar para a União Sul-Africana com uma equipe de pesquisadores, para trabalhar no Observatório Lamont-Hussey

da Universidade de Michigan, em Bloemfontein, no Estado de Orange Free. Enquanto trabalhava com o que era na época o maior telescópio refrator do hemisfério sul, Jessup desenvolveu um programa de pesquisa que resultou na descoberta de várias estrelas duplas, hoje catalogadas pela Royal Astronomical Society de Londres.

Mais tarde, de volta aos Estados Unidos, Jessup usou essas experiências como base para sua tese de doutorado no campo da astrofísica. El finalmente concluiu e publicou este trabalho em 1933, mas não consta que jamais tenha recebido realmente o seu título de Ph.D. Mesmo assim, muitos daqueles que o conheceram de perto se referem a ele como o Dr. Jessup, e parece justo que nós continuemos a fazê-lo.

Durante aqueles anos de depressão, num momento em que muitos professores foram forçados a ganhar a vida em outras profissões, por causa de uma aguda escassez de fundos para pagar os salários dos profissionais, Jessup foi nomeado pelo Departamento de Agricultura dos EUA como parte de uma equipe de cientistas que iria ao Brasil "estudar as fontes de borracha bruta nas nascentes do Rio Amazonas." Uma tarefa estranha para um astrônomo, mas pelo menos era um trabalho, e o trabalho era interessante.

Depois do seu regresso das selvas brasileiras, Jessup trabalhou para o Instituto Carnegie em Washington, DC, como fotógrafo em uma expedição arqueológica que estava sendo organizada para estudar as ruínas maias na América Central. Jessup, ao que parece, estava começando a tomar gosto pelo trabalho na selva.

Do México, ele passou a explorar as ruínas Inca e pré-Inca do Peru. Enquanto ele estava lá, ele chegou a uma conclusão surpreendente. Ao observar o enorme tamanho de algumas dessas ruínas de pedra e sua complexidade, precisão e sofisticação das técnicas de construção empregadas, e considerando a impossibilidade virtual de que este tipo de trabalho tivesse sido feito à mão, sem sequer o auxílio de um animal de carga maior do que a lhama, Jessup, como Erich von Daniken faria anos mais tarde (embora com muito menos publicidade), especulou que uma possível explicação para essas gigantescas construções de pedras era que, ao invés de terem sido construídas pelos incas, teriam sido construídas em períodos antediluviano com o auxílio de dispositivos antigravitacionais, operados por naves especiais. Esta foi uma declaração bastante incomum para alguém que se considerava um cientista, e, não é preciso dizer, não o tornou muito popular entre seus colegas. Mas fez de Jessup um dos

primeiros que propuseram do que é hoje, mais de três décadas depois, a teoria dos "antigos astronautas", hoje tão conhecida.

Deixando de lado a ortodoxia científica, com grave risco para sua carreira e reputação acadêmica, Jessup continuou a interessar pelas origens desconcertantes dessas antigas ruínas da América Central e do Sul, e no início dos anos 1950 ele se comprometeu a continuar seus estudos à sua própria custa. Foi justamente durante tais estudos de culturas antigas nos planaltos do México que Jessup descobriu um grupo bastante notável de formações geológicas que, após um exame mais detalhado, parecia ser uma série de crateras de algum tipo. Havia pelo menos dez delas, e que se pareciam em estrutura e tamanho com as misteriosas crateras lunares Linne e Hyginus N. Mais uma vez adotando uma posição pouco ortodoxa para um cientista, Jessup, depois de completar um estudo preliminar do assunto, chegou à conclusão que haviam sido "feitas por objetos vindos do espaço." Mais tarde, comentando a respeito do assunto, ele revelou que havia descoberto que a Força Aérea dos EUA possuía uma série de fotografias aéreas dessas crateras, que haviam sido tiradas por aviões de operação de reconhecimento com a permissão do governo mexicano, mas que estas fotografias e as descobertas associadas a elas estavam sendo mantidas sob alto sigilo. Como desejava continuar seus próprios estudos destas formações, mas não dispondo de dinheiro para financiar a operação. Jessup foi forçado a retornar para os Estados Unidos em 1954, a fim de tentar levantar os fundos necessários.

Tendo se interessado pelo fenômeno dos discos voadores, que se tornaram populares sobre o cenário norte-americano no final de 1940 e início dos anos 1950 - a princípio, apenas por uma questão de curiosidade pessoal e, posteriormente, por um interesse mais profissional - Jessup começou a imaginar se haveria alguma conexão entre essas possíveis "espaçonaves" e as ruínas antigas e as crateras misteriosas. Firmemente convencido de que tinha que haver uma base sólida científica para o fenômeno, e em busca de fundos, independentemente da origem, ele começou a elaborar um esboço mental para um livro que, em sua opinião, seria a primeira tentativa verdadeiramente "científica" de examinar a questão dos OVNIs com base em evidências históricas disponíveis. Ele acreditava que os OVNIs (objetos voadores não identificados) não só vinham nos visitar há muitos anos, mas poderiam fornecer respostas para muitas das ocorrências até então inexplicáveis e acontecimentos da história - incluindo as misteriosas chuvas de gelo, pedras e mesmo animais. O funcionamento dos OVNIs se baseava, segundo ele, por algum princípio como a ainda não reconhecida antigravidade, e eles certamente pareceram ter sido

projetados por seres inteligentes.

Depois de se mudar para a área de Washington, DC, Jessup começou a trabalhar no livro, que já havia tomado forma em sua mente - uma obra que levaria um olhar verdadeiramente sistemático de um fenômeno que ele acreditava merecer séria atenção científica. Ele montou um monumental esforço de pesquisa e trabalhou durante todo o verão, outono e inverno de 1954, e o trabalho começou lentamente a tomar forma. O livro foi finalmente concluído em editor em 13 de janeiro de 1955. Intitulado *The Case for the UFO* (O Caso dos OVNIs), no prefácio Jessup caracterizou o seu trabalho como "uma tentativa séria para trazer ordem ao caos, uma tentativa de colocar todas as facetas desta controvérsia em uma base sólida que permita fazer uma avaliação inteligente do assunto." Jessup mal podia suspeitar que a publicação deste livro pela Citadel Press, no início de 1955, marcaria o início de uma avalanche ainda mais misteriosa de eventos que iria continuar a ser objeto de intensa controvérsia para os próximos anos.

Uma das principais áreas de interesse de Jessup foi a questão da força motriz dos OVNIs. Várias vezes, tanto em seu livro como em sua correspondência com amigos e colegas, ele voltava a este tema e a sua crença de que a Terra já havia testemunhado aplicações deste tipo de energia em épocas antigas ou pré-históricas. Um exemplo de suas opiniões a respeito do assunto é a seguinte citação de uma carta escrita em 20 de dezembro de 1954 - quando ele estava a poucas semanas da conclusão da versão final do seu livro: "A explanação do tema da força-motriz (dos OVNIs) para incluir a religião parece bastante óbvia", escreveu ele. "Esta raça espacial *pode* ser nosso *Deus*. Eles poderiam ter deixado a Terra há milênios."

Ele acreditava que a força motriz era a chave que faltava para o desenvolvimento do homem; e até que a humanidade descobrisse (ou redescobrisse) alguma coisa mais confiável do que a força "bruta" dos foguetes, ela estaria presa à Terra como uma criança à saia da mãe. Esse "algo", na opinião de Jessup, era a utilização do campo gravitacional universal como fonte de energia.

Jessup fez vários apelos, tanto por escrito como em conferências, para que fosse iniciada uma investigação científica séria neste campo, seja pelo governo ou por particulares e empresas. As teorias de Jessup perturbaram pelo menos um de seus leitores, a tal ponto que ele iniciou uma correspondência em que supostamente o material confidencial da Marinha e aparentes divagações de uma mente perturbada se misturava.

Apesar do livro *The Case for the UFO* (O Caso dos OVNIs), nunca ter ficado na lista dos mais vendidos, ele conseguiu vender um número suficiente de exemplares encadernados para merecer uma edição de bolso da Bantam, que apareceu no início do outono de 1955. Pouco tempo depois do lançamento desta edição de bolso (provavelmente em meados de outubro), o Dr. Jessup recebeu uma carta muito estranha. Ela veio no meio de um pacote do tipo de "cartas de fã" comumente geradas pela publicação de quase qualquer livro e que são rotineiramente encaminhadas pelos editores aos seus autores.

Esta carta particular, com um carimbo na Pensilvânia, foi escrita em mão, numa caligrafia irregular, com vários tipos e cores diferentes de lápis e caneta, e com um estilo muito estranho. Letras maiúsculas eram estranhamente usadas no meio das frases, as palavras assumiam sentidos inesperados havia muitos erros ortográficos, e a pontuação estava quase ausente; parecia que as palavras haviam sido jogadas como uma espécie de adendo. Frases inteiras eram frequentemente ressaltadas em diferentes cores de tinta.

Ainda mais estranho do que a aparência da carta, no entanto, foi o seu conteúdo. Seu autor, ao que parece, estava particularmente interessado em algumas referências do livro de Jessup que falava sobre o poder da levitação (isto é, desafiando a força da gravidade para levantar objetos pesados) como se fosse conhecido dos antigos. Ele afirmava que o comentário de Jessup sobre o uso deste poder para construir muitas estruturas antigas era essencialmente correto. Na verdade, de acordo com o autor da carta, o poder de levitação não era apenas cientificamente possível, mas já havia sido um "processo conhecido" aqui na Terra.

Infelizmente, nenhuma cópia desta carta original parece ter sobrevivido, mas sabemos que o estilo da carta foi tão convincente que Jessup se perguntou se o autor, por meio de seu estilo de escrita estranha, estaria tentando dizer-lhe que, pessoalmente, possuía algum conhecimento em primeira mão do processo. A carta foi assinada por "Carlos Miguel Allende".

Embora incerto de como encarar a missiva, Jessup ficou suficientemente intrigado para enviar uma resposta breve para o enigmático Senhor Allende pedindo-lhe que fornecesse mais detalhes.

Nessa ocasião, Jessup se viu bastante atarefado, e depois de vários meses, sem qualquer palavra adicional de seu estranho correspondente, ele quase esqueceu o caso. Ocupado com uma série de conferências e, ao mesmo tempo, trabalhando para concluir um segundo livro intitulado *UFO and the Bible* (OVNIs e a

Bíblia) (a pressa em grande parte era devido às manobras de seus agentes literários em Nova York, que esperavam capitalizar sobre o sucesso de seu primeiro livro), Jessup teve pouco tempo para pensar em cartas de fãs de qualquer espécie.

Ao viajar para fazer o circuito de palestras, Jessup continuou a impressionar o público quanto à necessidade urgente de algum tipo de programa de pesquisa patrocinado pelo governo para investigação na área da antigravidade. Na ocasião, ele chegou ao ponto de aconselhar a seu público que, se eles realmente queriam ajudar a fazer a bola rolar eles poderiam entrar em contato com os representantes do Congresso sobre este tema. "Se todo o dinheiro, inteligência, tempo e energia que hoje estão sendo investidos inutilmente para o desenvolvimento da propulsão de foguetes fossem aplicados em um estudo básico da gravitação, começando talvez com uma extensão dos conceitos da Teoria do Campo Unificado do Dr. Einstein", disse ele, "é completamente provável que pudéssemos ter viagens espaciais eficazes e econômicas na próxima década, por uma pequena fração dos custos em que estamos incorrendo."

Sem que o Dr. Jessup soubesse, Allende parece ter feito parte da plateia durante pelo menos uma dessas palestras, e o que ouviu o levou a escrever outra carta mais incomum.

Em 13 de janeiro de 1956, exatamente um ano depois de terminar o original de *The Case for the UFO* (O Caso dos OVNIs), Jessup, que se mudara para Miami, foi surpreendido ao receber uma nova carta do mesmo Carlos Allende, que agora assinava como "Carl M. Allen". Embora a carta estivesse escrita no mesmo estilo ímpar e tivesse o mesmo endereço de remetente da primeira, na Pensilvânia, o papel da carta trazia o timbre do Hotel Turner, Gainesville, Texas, e o carimbo do correio era de Gainesville. (A fim de que o leitor não fique tentado a escrever para o endereço na Pennsylvania procurando informações, deve-se esclarecer que uma verificação com os correios de New Kensington, Pensilvânia, em dezembro de 1975, revelou que não há mais qualquer endereço como este em New Kensington ou em qualquer uma das várias rotas RFD. As cartas enviadas para este endereço seriam rotineiramente devolvidas ao remetente.)

Esta carta é às vezes erroneamente referida em outras fontes como a primeira carta de Allende ao Dr. Jessup. Como vimos, é na verdade a segunda. Ela é reproduzida aqui, juntamente com uma terceira carta, por cortesia do Dr. Reilly H. Crabb, diretor da Borderland Sciences Research Foundation, Inc., Vista, Califórnia, que foi o primeiro a publicá-las, em 1962, como parte de um panfleto de edição limitada.

*Carlos Miguel*
*Allende R.D.*
*Nº. 1 Box 223*
*New Kensington, Penn.*

*Meu Caro Dr. Jessup,*

*Seu apelo junto ao público para escreva em Massa para seus Representantes no Congresso e assim apliquem suficiente Pressão em um suficiente Número de Lugares para que seja promulgada uma Lei exigindo investimento na Pesquisa da Teoria do Campo Unificado do Dr. Albert Einstein (1925-1927) Não é necessário. Pode Interessar ao senhor saber que O Bom Doutor não interrompeu o trabalho por dificuldades Matemáticas, mas por preocupações Humanísticas.*

*Cálculos posteriores, feitos exclusivamente para seu próprio uso & avaliação a edificação, a respeito de ciclos de Civilização & Progresso Humano, em comparação com o Desenvolvimento do Caráter do Homem Global foram suficientes para horrorizá-lo. Por isso é que "dissemos" hoje que a Teoria está "Incompleta".*

*O Dr. B. Russell me afirmou, em particular, que a Teoria está completa. Ele também diz que o Homem Não está Preparado para ela & Não estará até depois da Terceira Guerra Mundial. No entanto, os "Resultados" do Meu amigo Dr. Franklin Reno Foram usados. Eles Consistiram em uma Verificação completa da Teoria, tendo o Objetivo de descobrir uma Aplicação rápida para ela. E a Matemática foi confirmada e uma aplicação Física foi descoberta. MAS A MARINHA AINDA TEM MEDO DE USAR ESTE RESULTADO. O Resultado era e ainda é uma Prova de que a Teoria do Campo Unificado é correta até certo ponto... Além de que em certa medida Nenhuma Pessoa em seu juízo perfeito, ou que tenha algum bom sendo em todos os sentidos, terá Jamais a vontade de ir a mais um desafio. Lamento que eu tenha omitido este fato em Minha Carta Anterior Mas a única Verdade que existiu foi que uma forma de Levitação foi realizada no passado como descrito. Também é uma reação Muito comum observada em certos Metais a Determinados Campos que cercam uma Corrente Elétrica, campo, este campo que está sendo utilizado para essa finalidade. Se Farraday tivesse se interessado pelo campo Magnético que envolve uma Corrente Elétrica, Nós hoje NÃO existiríamos ou, se existíssemos nossa situação Geopolítica atual não teria a mesma atmosfera que existe agora de bomba-relógio, contando os minutos para a Destruição. Tá certo! Tá certo! O "resultado" foi a completa invisibilidade de um navio, do tipo destróier, e de toda a tripulação, em pleno mar. Eu*

*estava navegando (Outubro 1943). O Campo criado eficazmente tinha a forma de uma esfera achatada, e se estendia a cem metros (Mais ou Menos, dependendo da Latitude e Posição da Lua) de cada lado do navio. Qualquer Pessoa Dentro dessa esfera ficava com uma forma vaga, MAS Ele também observou as Pessoas a bordo daquele navio como se elas também estivessem no mesmo estado, mas andando sobre o nada. Qualquer pessoa fora desta esfera não podia ver Nada,* exceto a *forma claramente Definida do Casco do Navio na Água... CONTANTO, naturalmente, que a pessoa estivesse suficientemente próxima para ver, isto é, perto dos limites do campo. Por que estou lhe dizendo isso Agora? Muito Simples; se o senhor resolver ficar Louco então revelará esta informação. Metade dos oficiais & praças daquele Navio está atualmente Maluca como o Chapeleiro Louco. Uns poucos estão Mesmo confinados a certas áreas onde Podem receber ajuda de treinamentos Científicos quando ou "Desaparecem", ou "Desaparecem & Ficam Presos". "Desaparecer" não é de todo uma experiência desagradável para Saudáveis Marinheiros Curiosos. No entanto, quando eles também 'Ficam Presos' é que eles chamam de "INFERNO NA TERRA". O Homem assim atingido Não pode Mover-se por sua própria vontade a não ser que dois ou Mais daqueles que se encontram dentro do campo o toquem rapidamente, caso contrário ele fica "Congelado".*

*Se um Homem fica congelado, Sua posição Deve ser Marcada com cuidado e então o Campo é desligado. Todos, menos o Homem "Congelado" é capaz de se mover para poder voltar à Solidez novamente. Então, o Membro mais Próximo da tripulação Deve aproximar-se do Ponto, onde vai encontrar a face do Homem "Congelado" ou a pele nua, que Não está coberto pelo Uniforme. Às vezes, leva apenas uma hora Às Vezes toda a Noite ou ainda o Dia inteiro & Pior É que uma vez levou seis meses, para conseguir "Descongelar" Um Homem. Este "Profundo Congelamento" não é psicológico. É o Resultado de um Hipercampo que se forma, dentro do Campo do Corpo, Enquanto O "Campo Principal" está ligado durante um tempo considerável...*

*Uma Parte Altamente Complicada dos Equipamentos Teve que ser construída, a fim de "Descongelar" aqueles que se tornaram "Verdadeiros Congelados" ou "Profundamente Congelados". Geralmente um Homem em "Profundamente Congelamento" fica LOUCO, num Forte Delírio, balbuciando, COMO LOUCO FURIOSO, pois seu "congelamento" dura muito mais do que um Dia em nosso tempo.*

*"Falo do TEMPO, mas os Homens em "PROFUNDO Congelamento" Não têm consciência do Tempo como nós conhecemos. Eles ficam como uma pessoa em estado de semi-coma, que mesmo*

*vivo, respiram, veem e Sentem, mas não têm Consciência das Coisas tão Completamente que se encontram no "Mundo do Nada" para eles. Um homem em um Congelamento normal tem consciência do Tempo, às vezes de forma aguçada. No entanto, Eles Nunca têm uma noção do Tempo precisamente como você ou eu somos conscientes disso. O Primeiro Homem em "Profundo Congelamento" como eu disse levou seis meses para Corrigir. Também exigiu mais de 5 Milhões de Dólares de equipamentos Eletrônicos & um Cais Especial. Se ao se Aproximar da Base Naval de Filadélfia você vir um grupo de Marinheiros no ato de colocar suas mãos em cima de um companheiro ou em cima do "ar rarefeito", observe os Dedos do Homem Atingido. Se parecerem pouco nítidos, como se vistos dentro de uma Miragem, vá rapidamente e coloque as SUAS mãos sobre Ele, Porque aquele Homem é o mais Desesperado dos Homens. Nenhum desses Homens jamais desejou tornar-se invisível novamente. Eu Não Acho que muito mais coisas precisam ser ditas a respeito do por que este Homem Não Está preparado para o Trabalho do Campo de Força. Não é?*

*Você Ouvirá frases desses homens como "Apanhado na Correnteza" ou "Imprensado" ou "Atolado" ou "Eu estava indo DEPRESSA", Essas Expressões referem-se a alguns efeitos secundários do Campo de Força, que podem agir durante décadas. "Apanhado na Correnteza" Descreve exatamente a sensação de um homem "Atolado" que está entrando em "Congelamento Profundo" ou "Congelamento Simples" qualquer um dos dois. "Imprensado" pode se referir ao Que sente um*
*Homem, brevemente, Quando ele é ou está prestes e a inadvertidamente "Desaparecer", isto é,*

*"Tornar-se Invisível" ou prestes a se fixar em um "Congelamento Profundo" ou "Congelamento Simples".*

*Hoje existem ainda apenas alguns poucos Membros da Tripulação original que participaram do Experimento, Senhor. A maioria está insana. O mais insano, "atravessou" a Parede do alojamento na frente de sua Esposa & Filho e dois outros Membros da Tripulação (NUNCA MAIS FORAM VISTOS NOVAMENTE), dois foram "Apanhados pelas Chamas", isto é, "Congelaram" e pegaram fogo enquanto carregavam Bússolas Comuns, um Homem levou uma bússola & Pegou fogo, o outro chegou perto para "Tocá-lo", pois ele era mais próximo, mas ele também pegou fogo. ELES QUEIMARAM POR 18 DIAS. A fé na "Imposição de Mão" Parou Quando Isso Aconteceu & Muitos Ficaram Malucos. O experimento foi um Sucesso completo. Os Homens foram Fracassos Completos.*

*Confira os jornais da Filadélfia à procura de um pequeno parágrafo (parte Superior da folha dentro do jornal Perto do terço*

*final do Jornal, 1944-1946 na Primavera Outono ou no Inverno, NÃO no Verão) de um Artigo descrevendo as Atividades dos Marinheiros após a Primeira Viagem. Eles Invadiram as instalações do Bar do Arsenal de Marinha "Fábrica de Gin" ou "Conjunto da Cerveja" e causaram tamanha Comoção e paralisia nas garçonetes que elas não conseguiram compreender o que podia ter dado neles, por isso o Autor do Parágrafo sem acreditar, diz: "Eu apenas Escrevi o que essas Mulheres me Contaram, mas não Acredito, estão loucas...". Então, tudo que eu vejo é uma história ruim...*

*Verifique as tripulações dos navios de observação, o Liberty da Matson Lines, navio que partiu de Norfolk (a Companhia PODE ter o Diário de Bordo daquela viagem, ou a Guarda Costeira o tem). O Imediato Mate Mowsely do S.S. Andrew Furuseth, (mais tarde vou descobrir o Nome do Capitão) (O diário de Bordo tem a Lista da Tripulação) um membro da tripulação chamado Richard Price ou "Splicey Price" Pode Lembrar-se dos Nomes de Outros Homens da Tripulação (a Guarda Costeira tem o registro dos Marinheiros que receberam "Papéis") O Sr. Price tinha 18 ou 19 Anos na ocasião, outubro de 1943, e Vivia ou Viveu com sua Família naquele tempo em Sua Casa velha em Roanoke, Virgínia, uma pequena cidade com uma agenda telefônica Pequena. Estes Homens Foram Testemunhas, os Homens desta tripulação "Connally da Nova Inglaterra" (ou Boston?), Pode ter Testemunhado também, mas eu duvido. (A Grafia Pode estar incorreta). Peço-lhe que Faça uma pequena investigação apenas para que Morda Sua Língua quando se Lembrar de sua campanha para "pedir que o assunto seja pesquisado publicamente."*

*Desrespeitosamente*
*Carl M. Allen*

*P.S. Eu vou Ajudá-lo a saber Mais, se me Disser como (Z416175)*

**Dias depois**

*Notas adicionais com relação à Carta. (Contate o Contra-Almirante Rawson Bennett para a verificação das minhas informações. Ele é Chefe de Pesquisa da Marinha. Talvez ele lhe ofereça um emprego, em última instância)*

*Friamente e analiticamente falando, sem as Divagações que estão nesta Carta que acompanha esta nota, vou dizer o seguinte, com toda*

*a Justiça para o senhor & para a Ciência. (1) A Marinha Não sabia que os homens ficariam invisíveis quando FORA DO NAVIO & SOB A INFLUÊNCIA DO CAMPO. (2) A Marinha Não sabia que haveria homens morrendo pelos efeitos estranhos do "HIPERCAMPO" dentro ou fora do "Campo". (3) Além disso, Eles mesmos ainda hoje Não sabem Por Que isso aconteceu & nem sequer têm mesmo certeza se a P*** desse "Campo" é o responsável de tudo isso. Em suma: a bomba Atômica não acabou com os experimentos e assim os experimentos continuaram - mas eventualmente um ou dois foram mortos acidentalmente. Mas todos sabiam A Causa da morte deles. Pessoalmente "acho" que tinha algo relacionado com aquela bússola do barco pequeno que "desencadeou" as "Chamas". Eu Não tenho nenhuma prova, mas a Marinha também Não. (4) PIOR AINDA & não Mencionado foi Quando um ou dois de seus homens, Visíveis-dentro-do-campo-paratodos-os-outros, apenas caminharam para o nada, Desapareceram totalmente, e NUNCA MAIS foram encontrados, nem com o "campo" ligado ou DESLIGADO! Então, Novos Temores Surgiram. (5) Pior, Ainda, quando um Homem Visível aparentemente e em Boa Saúde "atravessou" a parede de seu alojamento, a área circundante foi exaustivamente Examinada por todos os Homens... MAS NADA FOI ENCONTRADO DELE. Assim havia Muitos Muitos Medos, e ao Final qualquer um desses homens ou os Homens que Trabalhavam nos experimentos Não tinham mais Condições de voltar a enfrentar tudo isso.*

*Gostaria de mencionar que de alguma forma, também, o navio Experimental Desapareceu da sua doca em Filadélfia e apenas Poucos Minutos Mais Tarde apareceu nas docas da área de Norfolk Portsmouth, Newport News. O navio foi visto e identificado distintamente MAS o navio então, outra vez, desapareceu e Voltou a aparecer na doca de Filadélfia poucos Minutos Depois. Isto também foi observado pelos jornais Mas eu esqueci o jornal que eu li ou quando isso foi publicado. Provavelmente No final dos experimentos, pode ter sido em 1946, após as Experiências terem sido interrompidas, Não Posso dizer com Certeza.*

*Para a Marinha essa coisa Toda era tão pouco prática devido aos seus efeitos desastrosos sobre o Moral. Tantas foram que a operação do Navio foi drasticamente prejudicada e depois desta ocorrência Ficou Demonstrado que não seria possível confiar na tripulação. Em suma, a falta de Conhecimento dessa coisa criou Tanto Terror, que no Nível das operações pretendidas, com o conhecimento disponível na época, novas tentativas das operações foram julgadas impossíveis e Impraticáveis e demasiadamente Horríveis.*

*Acredito que se tivesse sido VOCÊ Trabalhando no projeto, e com a equipe que estava trabalhando nele e Você sabendo o que SABE agora, que as "Chamas" não teriam sido tão inesperadas assim, ou não seria um Mistério tão Terrível assim. Além disso, Mais do que Provavelmente, devo dizer com toda a franqueza, que Nenhuma dessas outras ocorrências poderia ter acontecido sem algum conhecimento da possibilidade de que ocorressem. De fato, Talvez Eles Pudessem ter evitado as consequências se tivessem criado um Programa muito Mais Cauteloso E de uma Seleção Muito Mais Cuidadosa da Tripulação e dos Oficiais dos Navios. Mas esse não foi o caso. A Marinha usou o que tinha disponível de Material Humano que estava mais â mão, sem se preocupar a respeito do caráter & Personalidade desse Material. Se todo cuidado for tomado, Um Grande Cuidado, na seleção da tripulação do Navio, e de seus oficiais, E Se houver Instrução Cuidadosa juntamente com exames cuidadosos sobre artigos de vestuário, tais como anéis & Relógios & pulseiras de identificação & fivelas de cintos, e Mais E ESPECIALMENTE os sapatos da Marinha dos EUA, que possuem cravos especiais nas solas, eu sinto que algum progresso poderia ser feito no sentido de dissipar a ignorância temerosa em torno deste projeto que poderá ser certamente realizado e com mais segurança. Os Registros da U.S. Maritime Service House, de Norfolk, Virgínia, (para Marinheiros graduados de suas escolas) irá revelar a quem foi atribuída o S.S. Andrew Furuseth no Mês de setembro ou no máximo outubro de 1943. Lembro-me positivamente de um outro observador que estava ao Meu lado durante os testes. Ele era de Nova Inglaterra, moreno, Cabelo Castanha, Encaracolados olhos azuis, Não me lembro do Nome dele. Deixo ao senhor a Decisão se esta Investigação deve continuar ou não, e Escrevo esta carta na Esperança de que a resposta seja Afirmativa,*

*Muito sinceramente,*

*Carl M. Allen*

Navios invisíveis? Desaparecimento dos membros da tripulação? Uma história realmente fantástica, na verdade - mas ao mesmo tempo intrigante capaz de despertar a curiosidade de um homem com os interesses de Jessup. De acordo com o "breve relato" do caso, publicados como parte do livro de Vincent Gaddis, *Invisible Horizons* (Horizontes invisíveis), em 1964: "A primeira reação de Jessup era de que a carta era ou uma farsa ou uma declaração de um maluco. A própria natureza da investigação dos OVNIs costuma atrai mentes distorcidas e instáveis."

Mas, continuou Gaddis, Jessup ainda sentia que havia uma possibilidade de que "o autor estava contando com certo exagero uma ocorrência real. Houve muitos experimentos secretos executados durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1943, estava em andamento a pesquisa que levou à criação da bomba atômica. Tinha sido inspirado pela carta do Dr. Einstein ao presidente Roosevelt. A teoria do "Campo Unificado" deste cientista famoso, poderia ter sido a base para a outras experiências, não tão bem sucedidas."

Se de fato a carta era uma farsa algum tipo, então por que a inclusão de tantos detalhes em relação a nomes, lugares e acontecimentos? É pouco usual para um farsante fornecer a sua vítima detalhes que podem resultar em uma exposição de sua farsa. Jessup estava perplexo.

Finalmente, movido por um sentimento inexplicável de urgência e pela mesma curiosidade que motivou ele desde a primeira vez, Jessup respondeu à carta - desta vez por cartão postal em que ele dizia que considerava de "grande importância" que Allende lhe enviasse "de uma só vez" provas de qualquer espécie que servisse para corroborar as estranhas alegações de sua história.

Como da vez anterior, meses se passaram sem resposta. Jessup, ainda ocupado com outros assuntos, assumiu que o incidente tinha ficado pra trás, e após as primeiras semanas, ele raramente pensava sobre isso.

Quase cinco meses depois, no entanto, a caixa de Pandora se abriu novamente a vomitar ainda outra missiva de Allende - esta tão enigmática como as outras duas. No carimbo lia-se "Du bois. Pensilvânia, 25 de maio. 1956", e o texto (mais uma vez cortesia do Dr. Crabb) era o seguinte:

*Carlos M.*
*Allende R.D.*
*Nº 1 Box 223*
*New Kensington, Pa.*

*Caro Sr Jessup:*

*Tendo recentemente voltado para casa depois de uma longa viagem por todo o país e descobri que o senhor finalmente me escreveu. O senhor me pede para responder "imediatamente", e Depois de levar todos os fatos em consideração, decidi fazê-lo. O senhor quer uma prova positiva, mas apenas a duplicação desses dispositivos que produziram "Estes Fenômenos" poderia ser uma prova convincente,*

*penso eu. Pelo menos, se eu tivesse tendências científicas, e se eu tivesse Tão Curioso a respeito de uma experiência que foi produzida a partir de uma teoria abandonada (1927) como incompleta, tenho a certeza que só me convenceria se visse os aparelhos que produziram essa interação tão curiosa de Força & Campos em plena operação & o resultado de seu produto. Sr. Jessup, eu NUNCA poderia satisfazer a seu pedido. A razão é que eu não posso, e o Departamento de Pesquisa da Marinha (na época sob o atual Ministro da Marinha, Burke) nunca afirmaria ter conhecido de tal coisa e que tal coisa nunca foi autorizada a ser feita. O senhor compreende, foi graças à Curiosidade & Dedicação & entusiasmo de Burke que este experimento foi solicitado para que fosse ativado e que fosse realizado. Afinal, não passou de um Elefante Branco, mas foi a atitude de Burke em relação à pesquisa avançada & ultra avançada que o colocou no cargo que ocupa hoje. (Ou pelo menos, contribuiu muito para isso). Se o resultado do Experimento desse resultado ruim, Burke também seria crucificado.*

*Entretanto tenho notado que no passado, as pessoas colocadas nesta situação, depois que as paixões vulgares que causam a primeira reação esfriam E novas pesquisas são realizadas ABERTAMENTE, essas pessoas crucificadas atingem um estado semelhante ao da santidade. O senhor diz que esta experiência, "é da maior importância". Eu discordo do senhor, não só Sinceramente, mas de forma veemente. No entanto, ao mesmo tempo, suas ideias & curiosidade são semelhantes às minha, mas as minhas, diferente das suas, são baseadas na Moralidade filosófica e não na curiosidade, que é o que Move a Ciência tão rapidamente. Eu acho que posso ser-lhe de alguma ajuda útil, mas para isso seria necessária um Hipnotizador, de um Pentotal Sódico, de um gravador & de um excelente datilógrafo, a fim de produzir material de real valor.*

*Como o senhor sabe, uma pessoa hipnotizada não pode Mentir e quem está hipnotizado e ao mesmo tempo é dado o "Soro da verdade", como é vulgarmente conhecido, NÃO TEM A MÍNIMA POSSIBILIDADE DE MENTIR. Além disso, para arrancar, Minha Memória precisaria ser ASSIM, para me lembrar das coisas em detalhes, como as coisas que a minha consciência atual não consegue se lembrar de todo, ou de que me recordo apenas de forma vaga. Eu poderia, assim, ter a possibilidade de não só me Lembrar de nomes COMPLETOS, mas também endereços e números de telefone E talvez, os números de identificação de alguns marinheiros que participaram da experiência. Eu poderia também, pois tenho talento de Imitador, ser capaz de falar exatamente como estas testemunhas falavam e imitar ou ilustrar seus Maneirismos & Hábitos de pensamento, e assim seus*

*psicólogos poderia planejar ANTECIPADAMENTE a Melhor Maneira de interrogá-las. Eu Não poderia fazer isso com alguém se eu não tivesse observado durante algum tempo, mas eu convivi com esses homens cerca de 6 meses, de modo que os resultados devem ser excelentes. O cérebro NUNCA esquece, realmente Não, como o senhor bem sabe. Assim, eu me proponho a dar o meu depoimento e, além disso, a usar minha pessoa para ilustrar os Hábitos & Maneirismos de outras testemunhos, com o objetivo de induzir esses Homens a se colocarem a sua disposição (HIPNOTICAMENTE OU SOB EFEITOS DO SORO DA VERDE), um Objetivo que poderia ter Efeitos ainda Maiores, devido à concordância entre as Experiências recordadas Hipnoticamente por Homens que não se veem nem se comunicam há mais de 10 anos. Assim, com esses Homens como Testemunhas, e que poderiam dar testemunhos irrefutáveis, acredito que se, Não a Marinha, mas a Força Aérea (isto é, o Departamento de Pesquisa), for confrontada com este tipo de provas, não fariam tanto tumulto ou fariam um esforço secreto e determinado para conseguir COM SEGURANÇA "aquilo" que a Marinha não CONSEGUIU, como espero que o senhor tenha compreendido, eles não só atingiram a invisibilidade de matérias metálicas e orgânicas, como sem dúvida conseguiram transportar milhares de toneladas de Metal & de Seres Humanos a uma grande distância em um piscar os olhos. Embora este último efeito da experiência tenha sido considerado indesejável e a coisa toda os levou a considerar a experiência como um fracasso. EU ACREDITO QUE NOVAS EXPERIÊNCIAS TERIAM RESULTADO NATURALMENTE*

*NO TRANSPORTE CONTROLADO DE GRANDES TONELADAS A ALTA VELOCIDADE PARA O PONTO DESEJADO NO INSTANTE DESEJADO através do uso de uma área coberta por: (1) essas cargas e (2) o "Campo" que faria com que essas cargas, Navios ou partes do navio (OU MESMO HOMENS) se deslocassem também para outro ponto. Acidentalmente & para o embaraço e a perplexidade da Marinha, ISTO JÁ ACONTECEU COM UM NAVIO INTEIRO, INCLUSIVE A TRIPULAÇÃO. Eu soube disso e DAS ATIVIDADES DA TRIPULAÇÃO, que na ocasião estava invisível, através de um JORNAL da Filadélfia. SOB HIPNOSE SEREI CAPAZ DE ATIVAR MINHA MENTE PARA DIVULGAR O NOME, DATA, CADERNO E O NÚMERO DA PÁGINA desde Jornal e do outro. Assim, os arquivos desses jornais FORNECERÃO PROVAS POSITIVAS DE QUE A EXPERIÊNCIA FOI REALIZADA. Será possível descobrir o nome do REPÓRTER que escreveu com ceticismo a respeito desses incidentes (A INVASÃO DO BAR DA BASE & O DESAPARECIMENTO DO NAVIO) E QUE ENTREVISTOU AS GARÇONETES do restaurante, e assim o*

*testemunho DELE e das Garçonetes poderá ser acrescentado aos Registros. Uma vez nesta pista, eu acredito que o Senhor poderá levantar NOVAS EVIDÊNCIAS muito mais claras que confirmem que o... (poderia chamar de ESCÂNDALO ou DESCOBERTA?) realmente ocorreu. O senhor vai precisar de um instituto para Convencer estas pessoas a falarem. Seria mais barato do que pagar todas as testemunhas & Muito Mais Ético. A ideia É, para as pessoas Leigas, totalmente ridícula. Entretanto, o senhor pode se recordar, por acaso, a Data de um Jornal no qual viu um artigo interessante há mais de 5 anos? Ou se lembrar dos nomes e telefones de pessoas que não vê desde 1943-44?*

*Eu espero que considere o meu plano. Não há outra forma de prosseguir a Investigação. Sei que precisará de um Homem capaz de convencer as pessoas, que conheça Hipnotismo, um que pode procurar as pessoas de que falei para conseguir com que: 1 venham a Sua Demonstração & se sintam Satisfeitos de ajudar & de lhe fazer um grande favor & ou de fazer parte da investigação por uma pequena taxa Ele teria que SER um Homem capaz de Fabricar uma história plausível de acordo com a personalidade do interlocutor. A capacidade de convencer as pessoas de uma Mentira deslavada como sendo a verdade absoluta seria um de seus pré-requisitos principais. Sim, algumas trapaças deste tipo teriam de ser pensadas e serem bem feitas. NO FINAL TERÁ UMA VERDADE MUITO GRANDE, DEMASIADO FANTÁSTICO, PARA NÃO SER CONTADA. A VERDADE BEM FUNDAMENTADA, APOIADA POR UMA OFUSCANTE PROVA POSITIVA. Eu gostaria de saber onde é que esses Marinheiros vivem Agora. Sei que algumas poucas pessoas podem, de alguma forma, dizer-lhe um nome de um Homem & Endereço residencial SOB HIPNOSE EMBORA NÃO CONHEÇAM O INDIVÍDUO. Essas pessoas têm naturalmente um fator PSI (ou percepção extrassensorial[1]) muito elevado ou simplesmente elevado que pode ser intensificado em condições de extrema tensão OU que é geralmente intensificado pelo medo. Também pode ser RE-intensificado pela hipnose, assim é como procurar uma informação na Enciclopédia. Embora a Invasão do Bar tenha sido executada por homens invisíveis ou parcialmente invisíveis, esses HOMENS PODIAM VER UNS AOS OUTROS E ASSIM, no tumulto, devem ter Mencionado, NOMES, sobrenomes ou apelidos. Uma verificação dos REGISTROS de Dispensas*

*Navais ou idas ao Hospital, ou da prisão da Base nesse dia especial em que ocorreu a invasão do Bar, Poderá revelar OS NOMES EXATOS DE QUEM PRECISAMENTE ERAM OS NOMES, SEUS NÚMEROS DE REGISTRO & PORTANTO A INFORMAÇÃO DE SEU ENDEREÇO NA ÉPOCA & depois de uma "abordagem adequada daqueles que não se*

*mudaram, O NOME DO LUGAR onde se encontram atualmente.*

*O SENHOR GOSTARIA DE FALAR COM ALGUÉM QUE JÁ ESTEVE INVISÍVEL? (E QUE PODE TORNAR A FICAR INVISÍVEL A QUALQUER MOMENTO, SE DESLIGAR O APARELHO QUE CARREGA COM ELE) Bem, tudo o que mencionei será necessário, não esqueça nada, o Hipnotizador-psicólogo e tudo o mais. Talvez esteja sugerindo algo Metódico & trabalhoso demais para seu gosto, mas eu, como primeiro paciente, absolutamente não se incomodo de ser Hipnotizado, mas também sinto uma curiosidade irresistível a respeito desta coisa. Quero descobrir tudo o que puder. Estou interessado em que o Trabalho da "Teoria do Campo" prossiga.*

*Eu sou um sonhador, Sr. Jessup. Eu Não faço mistério disso e também acho que, se o assunto for ABORDADO DA FORMA APROPRIADA, ISTO É, APRESENTADO AO PÚBLICO & À CIÊNCIA DA FORA PSICOLOGICAMENTE MAIS FAVORÁVEL, o Homem chegará em breve para onde Ele agora sonha em chegar - até as estrelas, através de uma forma de transporte que a Marinha acidentalmente descobriu (para seu constrangimento) durante a EXPERIÊNCIA. O NAVIO desapareceu e tornou a aparecer um minuto mais tarde a centenas de quilômetros de distância, na área da Baía de Chesapeake. Li sobre isso em outro jornal & só sob hipnose um Homem poderia recordar todos os detalhes de que jornal, data, etc, compreende? Espere aí. Talvez a Marinha tenha usado este acidente de transporte para construir seus OVNIs. É um avanço a partir de qualquer ponto de vista lógico. O que acha?*

*RESPEITOSAMENTE,*
*Carl Allen*

Hipnose? Soro da verdade? Sistemas de propulsão dos OVNIs? Certamente não é muito difícil de imaginar os pensamentos que devem ter passado pela mente de Jessup depois de ler esta última carta. Se ele pudesse afirmar, diria que, de que alguma forma, tropeçou em uma das maiores histórias da década, ou ele estaria sendo vítima de uma trapaça elaborada?

Mas se Jessup estava perplexo a essa altura, isso não era nada comparado ao que viria logo a seguir. Porque, enquanto ele ponderava que, se sua reação era assim após essa última revelação, eventos ainda mais estranhos estariam começando a se desdobrar em algum outro lugar.

seria o elo de ligação do quarto ao terceiro plano de existência. (Nota do tradutor)

# CAPÍTULO 3

## A Marinha Toma Conhecimento

Se a história tivesse terminado aqui, parece quase certo que o Dr. Jessup teria ficado satisfeito em esquecer toda a questão das cartas estranhas como os delírios de um maluco. Várias pessoas que o conheceram concordam que, apesar de seu interesse inicial no assunto, Jessup havia finalmente chegado à conclusão que o que foi escrito era demasiado fantástico para merecerem crédito.

Embora não se saiba se Jessup se deu ao trabalho de responder à terceira carta ou não, parece seguro afirmar que se ele eventualmente fez isso provavelmente foi apenas por desencargo de consciência. Isso não importa. O que se sabe é que Jessup estava ocupado demais tentando angariar apoio para uma outra expedição ao México para correr atrás de histórias fantásticas sobre os navios e as tripulações desaparecidas por invisibilidade. Seu objetivo imediato era, obviamente, tornar a examinar as crateras que havia descoberto.

Foi, de fato, com este objetivo em mente que ele escreveu o seguinte para Gray Barker, um de seus correspondentes menos misterioso, no final de 1956:

> *É claro que você sabe dos meus interesses no México, e eles se reacenderam recentemente: (1) Uma companhia privada provavelmente vai me mandar para o México, para analisar os minerais existentes nas crateras dos meteoros; e (2), parece muito provável que o governo pode financiar uma expedição patrocinada pela Universidade de Michigan. Na primeira hipótese, provavelmente, partirei por volta de 10 de dezembro, para uma viagem por cerca de cinco semanas. Na segunda, poderia viajar por volta de 1º de abril (de 1957) e permanecer no México durante pelo menos cinco meses..., mas, até agora não tenho ainda nenhum dos dois contratos assinado.*

Embora, infelizmente, nenhuma das duas "oportunidades" se tenha efetivamente concretizado, é evidente que Jessup estava em um estado de espírito exultante nesta ocasião; suas cartas deixam transparecer um alto grau de otimismo. Adicionando isso ao fato de que ele estava trabalhando em um outro livro novo (*The Expanding Case for the UFO* - A Expansão dos Casos de OVNIs), não é difícil

entender por que ele estaria tentado a deixar de lado assuntos menos urgentes, entre os quais estavam certamente as cartas de Allende. Talvez quando ele dispusesse de mais tempo e quisesse fazer algo, voltasse a examinar o assunto - mas por ora, ele as manteria como estavam.

No entanto, a despeito da opinião de Jessup de que as cartas eram um assunto morto, acontecimentos que ele não tinha nenhuma maneira de conhecer ou controlar estavam começando a desenrolar - uma série de coincidências extremamente curiosas.

Note-se aqui, com toda a franqueza, que há várias versões da história que se segue - todas diferentes umas das outras, em maior ou menor grau, dependendo da distância entre a pessoa que escreveu e as fontes originais. Tendo levado tudo isto em conta, tentamos reconstruir a versão que segue a partir do que parece ser a mais confiável das fontes de informação. Naturalmente, relatos de primeira mão, de pessoas que conheceram Jessup, pessoalmente, mereceram maior crédito em relação às versões que são, obviamente, de segunda ou terceira mão.

Esta parte da história parece ter começado no final de julho ou início de agosto de 1955 - que, se esta data for precisa, é pelo menos vários meses *antes* de Jessup receber a primeira de sua série de cartas desconcertantes de Allende. Em todo caso, tudo começou com um envelope de papel pardo endereçado ao "Almirante N. Furth, Chefe do Escritório de Pesquisa da Marinha (ONR), Washington 25. DC", que, dizem, foi incluído na correspondência recebida de um major Darrel L. Ritter, Oficial do Projeto Aeronáutico do Comando Militar dos Estados Unidos na ONR (Escritório de Pesquisa Naval Americano). Este envelope foi carimbado "Seminole, Texas, 1955" e na parte externa tinha sido escrito à mão as palavras "Feliz Páscoa". Dentro, sem endereço do remetente ou carta de explicação, estava uma cópia do rascunho do livro de Morris Jessup, *The Case for the UFO* (Os Casos de OVNIs). Ao abrir o livro, Ritter viu que tinha sido fortemente marcado com anotações manuscritas com vários tipos de letras diferentes e sublinhado com pelo menos três cores diferentes de tinta - comentários que pareciam implicar que o escritor delas possuía conhecimento profundo a respeito dos OVNIs, seus meios de propulsão, origem e história. O livro em si estava bem desgastado, e quem quer que fosse responsável por este trabalho tinha gasto uma grande quantidade de tempo fazendo isso.

O próprio Almirante Furth não parece ter se interessado pelos tais rabiscos - se é que de fato chegou a ler o livro - mas o Major Ritter parece tê-lo considerado como de uma curiosidade interessante. Pelo menos foi o que pareceu, pois foi graças a ele que o livro não foi imediatamente jogado fora. Provavelmente Ritter

resolveu manteve o livro com ele quando ele viu que Furth não estava interessado, e deve ter passado grande parte de seu tempo livre lendo o livro. Suas reações imediatas ao que ele encontrou não são registradas, mas lendo o livro junto com sua coleção de anotações bizarras deve tê-lo deixado em um estado de assombro. Nas anotações pareciam estar explicações dos desaparecimentos misteriosos de navios, aviões e pessoas, discutidos nos livros de Jessup e muitos dos incidentes ocorrendo dentro da área do misterioso "Triângulo das Bermudas". Além disso, elas se referiam às vezes com pormenores, sobre a origem de muitas "tempestades e nuvens estranhas, objetos caindo do céu, estranhas marcas e pegadas, e outros assuntos", sobre os quais Jessup tinha escrito. Foi mencionado também a construção de cidades submarinas por dois grupos de, presumivelmente, criaturas extraterrestres referidas como "os L-M" e "os S-M", das quais apenas uma (os "L-M") devia ser considerada como amigável. Além disso, termos estranhos - nave mãe, nave-base, nave morta, grande arca, grande bombardeio, grande retorno, grande guerra, homenzinhos, campos de força, congelamento profundo, marcadores de medida, naves de reconhecimento, campos magnéticos, campos gravitacionais, folhas de diamante, raios cósmicos, cortadores de força, trabalho de dobramento, conversa do espaço livre, telepatia, nós, vórtices, redes magnéticas - foram encontradas em quase todas as diferentes anotações manuscritas.

É bem possível que o major Ritter, que conhecia a importância que estava sendo colocada na pesquisa antigravidade pelos militares na época, sentisse que talvez tivesse tropeçado em algum tipo de pista sobre o assunto. Mas seja qual for sua motivação, nós podemos estar certos de que foi ele quem preservou o livro porque foi das suas mãos que o comandante George W. Hoover, Oficial dos Projetos Especiais da ONR, juntamente com o Capitão Sidney Sherby, um recém-chegado ao ONR (Escritório de Pesquisa Naval Americano), recebeu o livro alguns meses mais tarde, depois de se mostrar interessado em lê-lo. Ambos oficiais estavam profundamente envolvidos no Projeto Vanguard (em curso na Marinha), nome de código para os esforços dos EUA para desenvolver seu primeiro satélite artificial da Terra, e estavam interessados na pesquisa antigravidade também.

Reunião da Comissão do Projeto Orbiter de Wernher von Braun (o grupo que convocou o Dr. Jessup) em 17 de março de 1955, em Washington, DC Sentados da esquerda para a direita): Comandante George W. Hoover, oficial da Marinha americana do Escritório de Pesquisa Naval (ONR); Frederick C. Durant III, da empresa Arthur D. Little, Inc (primeira empresa de consultoria do mundo); James B. Kendrick, da empresa Aerophysics Development Corp. (Corporação de Desenvolvimento de Aerofísica); William A. Giardini, da empresa Alabama Tool & Die (empresa de fabricação de ferramentas de corte); Philippe W. Newton, do Departamento de Defesa; Rudolf H. Schlidt, da Agência do Exército de Mísseis Balísticos (ABMA); Gerhard Heller, também da ABMA; Wernher Von Braun, da ABMA; Em pé: Vice-Comandante William E. Dowdell, da Marinha dos Estados Unidos (USN); Alexander Satin, do Escritório de Pesquisa Naval Americano (ONR); Comandante Robert C. Truax, engenheiro de foguetes na Marinha dos Estados Unidos; Liston Tatum, da IBM; Austin W. Stanton, da empresa Varo, Inc., que criou visão noturna para telescópios e equipamentos de alta tecnologia; Fred. L. Whipple, astrônomo americano da Universidade de Havard; George W. Petri, da IBM; Lowell O. Anderson, do Escritório de Pesquisa Naval Americano (ONR); Milton W. Rosen, engenheiro norte-americano da NRL e trabalhou no Laboratório de Pesquisa Naval dos EUA. (***Smithsonian Institution*** – uma Instituição Educacional e de Pesquisa associada a um Complexo de Museus)

O Comandante Hoover ficou tão impressionado com as estranhas anotações que se dispôs a dedicar uma boa parte do tempo de folga a investigar o assunto, numa tentativa de determinar exatamente o que era, ou o que estava por trás de tudo isso. O Capitão Sherby estava interessado também, e eles gastaram um tempo considerável discutindo a estranheza da questão. Foi desta forma que em algum momento na primavera de 1957 Morris Jessup recebeu uma carta de Sherby ou Hoover convidando-o para visitar o Escritório de Pesquisa Naval em Washington para discutir seu livro.

Quando Jessup chegou, mostraram-lhe a cópia de bolso do livro *The Case for the UFO* (Os Casos de OVNIs) contendo as anotações, e que tinha caído nas mãos de Ritter cerca de dezoito meses antes.

- Este livro foi-nos enviado pelo correio de forma anônima -, um dos oficiais explicou. - Aparentemente, ele foi passado de mão em mão entre pelo menos três pessoas que fizeram anotações. (Uma suposição errônea baseada no uso de três cores de tinta e da impressão das várias anotações pareceu ser uma conversa dirigida de uma pessoa para outra. Na realidade, não parece ter tido mais do que um anotador.) Olhe para ele, Sr. Jessup, e diga-nos se você tem alguma ideia de quem escreveu essas observações.

De acordo com que o relato de Vincent Gaddis, "assim que Morris Jessup viu a cópia anotada, tornou-se cada vez mais alarmado, porque os comentários faziam alusão a questões de que tinha conhecimento, mas que não foram mencionados em seu livro. Além disso, a pessoa ou pessoas que escreveram essas notas e comentários, obviamente, sabia muito sobre o então atual 'folclore' da época a respeito dos OVNIs, extraterrestres, e muitos outros assuntos relacionados, principalmente, a médiuns, ocultistas e místicos. Se estes eram verdadeiros ou não, não importava. Mas o surpreendente era que um desconhecido estivesse tão bem informado as respeito."

Jessup ficou intrigado. Por que, ele se perguntou, a Marinha teria se interessado em algo que era obviamente o produto de uma mente perturbada? Mas quem poderia ter produzido tal coisa, ele não tinha a menor ideia - não poderia, isto é, até que aconteceu notar uma determinada passagem curiosa que fez referência a uma experiência secreta realizada pela Marinha que, alegadamente, teria ocorrido em 1943. Percebendo que ele tinha ouvido a mesma história antes, Jessup continuou a folhear as páginas. Ao encontrar um pouco mais de referências diretas ao navio desaparecido, Jessup teve certeza: seu correspondente misterioso, Carlos Miguel Allende, tinha que ser ligado de alguma forma com este livro estranho. Satisfeito com suas conclusões, é relatado neste momento que Jessup olhou para cima e comentou que ele tinha certeza de que ele tinha pelo menos duas cartas em seus arquivos escritas por "um dos autores das anotações." -

Obrigado, Senhor Jessup - Hoover respondeu. – Precisamos ver essas cartas.

Hoover, em seguida, informou a Jessup que ele estava tão interessado em tudo isso a tal ponto que ele já havia tomado a liberdade de arranjar para Jessup a reprodução completa do livro com todas as anotações misteriosas em uma "edição limitada para a circulação entre alguns de nosso pessoal de alta patente". E ele prometeu a Jessup:

- Vamos ver se você recebe uma cópia.

Jessup deve ter cumprido com o pedido de Hoover, uma vez que as cartas foram mais tarde reproduzidas como parte da "introdução" de uma especial "edição limitada" do livro de Jessup. (Hoover e Sherby aparentemente escreveram o resto da introdução.)

Uma fonte próxima a Jessup vai ainda mais longe ao afirmar que Jessup fez no total de três visitas separadas a ONR para falar sobre o assunto.

A tarefa de reproduzir este livro, pelo processo lento e trabalhoso de digitar novamente em sua totalidade, complementando com as anotações mimeografadas em estêncil (estas levaram dias para fazer, pois naquela época não havia copiadoras) e depois criar cópias em duas cores (preto para o texto e vermelho para as anotações e sublinhados), em papel comum de 28 X 22cm, foi realizado pela empresa Varo Manufacturing Company de Garland, Texas - uma empresa da "era espacial" fortemente envolvida em projetos militares e com a qual Hoover e Sherby são conhecidos por terem tido ligações significativas, uma vez que ambos foram mais tarde encontrar emprego nesta empresa. Não se sabe se quem financiou o projeto foi a Varo, o Escritório de Pesquisa Naval, ou Sherby e Hoover, pessoalmente. O que se sabe é que a digitação foi feita pela Srtª. Michael (Michelle?) Ann Dunn, secretária pessoal do então presidente da Varo, Austin N. Stanton, e que o mimeógrafo pertencia a uma divisão da empresa conhecida como "Assistência Militar."

Uma fonte afirma que a senhorita Dunn não era de fato secretária do Sr. Stanton, mas apenas uma funcionária temporária contratada especialmente para este trabalho. De fato, a Varo nega qualquer registro de uma "Srtª. Dunn" como empregada da empresa.

Exatamente 127 cópias foram produzidas (outras fontes citam números que variam entre 12 e 25), com a já mencionada introdução de Hoover e Sherby, mais três páginas de apêndices não assinadas, contendo cópias digitadas das duas letras que Jessup recebeu de Carlos Miguel Allende. As páginas impressas foram laboriosamente ordenadas à mão e encadernadas em um livro tipo espiral, com capa de papelão azul-claro.

Em retrospecto, parece que o interesse de Sherby e Hoover neste

livro surgiu a partir de sua crença, expressa na introdução, que "por causa da importância que atribuímos à possibilidade de descoberta de pistas sobre a natureza da gravitação, nenhuma informação nova, por mais duvidosa do ponto de vista da ciência clássica, deve ser menosprezada." Exatamente a "que pistas sobre a natureza da gravitação" estavam se referindo não é exatamente claro, já que parece haver apenas algumas poucas referências ao assunto (embora se admita que, possui uma qualidade que desperta ou estimula o interesse) nas anotações da edição da Varo, e os comentários do próprio Jessup a respeito disso sejam bastante vagos.

No entanto, por qualquer que tenha sido a razão, a verdade é que o "livro resultante" foi, de fato, circulado por um tempo nos meios militares de Washington. Sobre este aspecto da questão, o ufólogo e editor Gray Barker, há muito um dos principais investigadores na tentativa de resolver o mistério das cartas Allende, comentou em seu livro publicado em 1963 "*The Strange Case of Dr. M. K. Jessup* (O Estranho Caso do Dr. M. K. Jessup)" da seguinte forma:

> *Soube pela primeira vez da cópia anotada quando eu estava conversando com Sra. Walton Colcord John, diretora da publicação Little Listening Post (Pequeno Correio de Escuta), uma revista sobre OVNIs e Nova Era, publicada em Washington. Falando por telefone, a Sra. John me falou de um estranho boato que ouvira de que alguém havia enviado uma cópia do exemplar com anotações para Washington e que o governo tinha feito despesas de mimeografar o livro inteiro, de modo que todos os sublinhados e anotações originais. Esta história estava circulando nos meios militares.*
>
> *Ela não tinha, naturalmente, visto uma cópia do mesmo, e não sabia muito sobre isso, mas de alguma forma parecia que o conecta a uma suposta experiência da Marinha em que um navio tinha desaparecido completamente de vista. Eu não dei muita importância ao fato até que tive conhecimento, mais tarde, das estranhas Cartas de Allende, que falou da experiência de uma maneira assustadora.*

Mas, como estamos mais interessados em Jessup e nas enigmáticas cartas de Allende do que na edição anotada da Varo "*The Case for the UFO*" (O Caso dos OVNI's), devemos deixar este caso de lado e prosseguir em nossa investigação. (Se o leitor quiser obter a matéria do livro com as anotações, a reimpressão da edição original da Varo pode ser obtida escrevendo para o Sr. Barker em Saucerian Press, PO Box 2228, Clarksburg, West Virginia, 26302.)

Exatamente como o efeito de todos estes desenvolvimentos inesperados atingiu Jessup é difícil determinar, mas parece que juntamente com um acidente de carro e dificuldades conjugais, vivida por ele naquele momento, constituíram um choque da qual ele nunca

foi capaz de recuperar totalmente. Mais uma vez contando com o relato de pessoas mais próximas a Jessup, uma coisa que parece certa é que depois que Jessup recebeu suas prometidas cópias (três) da reimpressão da Varo da ONR, ele passou uma grande quantidade de tempo analisando o livro em detalhe. Consta que ele estava tão perturbado com o conteúdo verdadeiramente bizarro dessas anotações que ele se deu ao trabalho de 'Reescrever' o livro, datilografando seus próprios comentários fixando as folhas no livro, mais ou menos de 10 em 10 páginas. (Esta cópia reescrita, aparentemente, continua a existir, mas o dono se recusou a emprestá-lo aos investigadores.)

Enquanto isso, o interesse de Sherby e Hoover no caso é confirmado pelo fato de que um (ou talvez os dois) tenham aparentemente vindo a realizar esforços para localizar Carlos Allende.

Parece que Hoover chegou a fazer uma viagem para o endereço rural da Pensilvânia, que aparecia nas cartas de Allende, mas foram infrutíferas - como o foram todas as tentativas de localizá-lo por outros métodos tradicionais. Allende, ao que parecia, tinha desaparecido. Além dos esforços dos homens da Marinha, consta que um amigo não identificado do Dr. Jessup também disse ter tentado localizar Allende, neste mesmo endereço (talvez a pedido de Jessup?) e com os mesmos resultados. Segundo este relatório, o homem encontrou a casa vazia e conseguiu apenas dos vizinhos que um homem chamado Carlos ou Carl tinha morado lá há algum tempo com um casal de idosos e depois se mudou. Algum tempo depois disso, um caminhão de mudança veio, e carregou o casal de idosos e seus pertences - com destino ignorado.

Jessup, um astrofísico formado, achava difícil imaginar por que a Marinha se dedicava a todo este trabalho, a menos que houvesse, de fato, algum fundo de verdade nas alegações de Allende. Não há dúvida de que o experimento de invisibilidade alegadas foram de especial interesse para ele, e parece que passou, pelo menos, algum tempo investigando as possibilidades.

Depois que suas esperanças de voltar a exploraras crateras mexicana foram por terra, em 1958, Jessup, praticamente abandonou a carreira de professor e tentou ganhar a vida como escritor. Apesar de não ser imediatamente bem sucedido neste caminho, ele aparentemente sentiu-se livre o suficiente para continuar a tentar por um tempo, mesmo que significasse viver com uma renda um pouco reduzida, uma vez que seus filhos estavam crescidos e haviam se afastado e sua esposa o havia deixado. Assim, após perceber que sua casa no subúrbio de Miami estava grande demais, ela foi fechada, e ele se mudou de volta a sua terra natal Indiana, onde ele se estabeleceu como editor de uma pequena revista sobre Astrologia. Aqui ele continuou a tentar sua carreira de escritor e, ao mesmo

tempo tornando-se mais e mais interessados em fenômenos psíquicos - talvez porque os considerasse como uma maneira possível de explicar alguns de seus cada vez mais conturbados sentimentos pessoais. Aqueles que mantiveram contato com ele durante este período descrevem-no com evidentes sinais de agitação emocional e cada vez mais tenso e perturbado. De fato, uma de suas amigas ocultistas, que aceitou um convite para jantar com ele no início de 1958, durante uma das visitas de Jessup a Ann Arbor, comentou como ele parecia em choque "com a mudança nas vibrações do Doutor." "Elas haviam adquirido", observou cruamente, "uma espécie de cheiro de corpo astral."

*O início do fim veio no final de outubro de 1958, quando Jessup viajou de Indiana para Nova York, aparentemente com o propósito de entrar em contato com organizações e editores de Astrologia. Tal viagem, aparentemente, pelo menos, não tinha nada fora do comum para ele, já que Jessup tinha feito muitas viagens a Nova Iorque no passado e tinha muitos conhecidos na cidade. Consequentemente aqueles que o conheciam em Nova York não tinham razão para suspeitava que era sua última visita.*

Por volta da noite de Halloween, Jessup, em resposta a um convite para jantar, fez uma visita à casa de um de seus amigos em Nova York - o proeminente naturalista Ivan T. Sanderson. Sanderson é o fundador da Sociedade para a Investigação do Inexplicável (SITU), hoje situado em Little Silver, Nova Jersey. Ele publicou um relato da última visita do Dr. Jessup na Edição Nº 4 (setembro de 1968) da revista da sociedade, *Pursuit*, de onde tiramos o seguinte trecho:

*Então, em 1958, ocorreu uma série de eventos misteriosos... As coisas mais bizarras começaram a acontecer, e dariam material suficiente para um livro. E terminaram em uma tragédia realmente medonha.*

*Em um determinado dia... Morris Jessup foi jantar comigo em minha casa em Nova York. Havia cerca de uma dúzia de pessoas presentes, entrando e saindo, antes, durante e depois do jantar. A certa altura, Morris perguntou a três de nós se poderíamos ter uma conversa confidencial no meu gabinete. Lá ele nos entregou uma cópia do livro com suas anotações pessoais, e pediu-nos com grande sinceridade que, após lê-lo devíamos, em seguida, guardá-lo sob custódia, "caso alguma coisa aconteça comigo." Isto tudo pareceu muito dramático no momento, mas, depois de ter lido este material, é preciso admitir que ficamos um pouco preocupados...*

Morris adorava os filhos e se preocupava especialmente com bem-estar futuro de seus netos. Neste nosso último encontro, ele

estava extremamente perturbado e admitiu que, devido a um interesse puramente intelectual pelos fenômenos naturais, ele havia sido completamente envolvido por um mundo completamente insano e irreal. Ele mostrou-se apavorado com a série interminável de "coincidências" que tinha ocorrido em seu trabalho e na sua vida privada; porém, mais que isso, ele temia ser acusado de insanidade se mencionasse esses problemas por que estava passando.

Em resumo, o que ele realmente disse para nós foi: Eu não acho que estou ficando maluco, mas acredito que todos esses absurdos estão realmente acontecendo, não é uma invenção da minha imaginação. Se vocês lerem este livro, verão por que chequei a esta conclusão. Agora, se estou certo, eu tenho um sentimento de que isso não pode continuar por mais tempo sem acontecer algo desagradável, e, se algo der errado e alguém ler *estes* comentários, vão imediatamente dizer que eu, obviamente, enlouqueci; e uma vez sugerido isso, vocês sabem muito bem que toda a minha família será prejudicada.

Esta foi uma situação muito trágica. Naturalmente demos a nossa promessa solene de que o pedido de Morris seria escrupulosamente observado; enquanto ele, por sua vez, acrescentou a condição de que os comentários somente poderiam seriam publicados se certas pessoas nomeadas por ele autorizassem (e com firma reconhecida).

Sanderson afirma ainda que foi pressionado "repetidas vezes" a revelar o nome das pessoas a quem Jessup escolheu para guardar o seu material naquela noite, mas ele "sempre se recusava a fazê-lo" e iria "continuar a fazer assim". Até agora, como é conhecido, Sanderson escrupulosamente cumpriu sua palavra até o momento de sua morte, em 1973, embora certas coincidências tenham levado o autor a suspeitar que o homem que Jessup escolheu não era outro senão ele próprio. Sanderson.

Jessup programou retornar à sua residência em Indiana dentro dos próximos dois dias, de modo que ninguém ficou realmente surpreso quando ele deixou Nova York um dia ou dois depois do jantar na casa de Sanderson. Mas quando, com o passar dos dias, ele não apareceu em Indiana, certas pessoas, entre elas seus editores, começaram a temer por sua segurança. Finalmente, após cerca de dez dias sem notícia, conseguiram de alguma forma obter o nome de um dos sócios de Jessup em Nova York e escreveram-lhe pedindo informações sobre o paradeiro de Jessup. Eles ficaram consternados ao saber que o homem não sabia.

Finalmente, em meados de dezembro de 1958, cerca de um mês após o retorno da carta que solicitava o paradeiro de Jessup, e após seis semanas depois de sua partida de Nova York, novamente de acordo com Sanderson, "outro dos seus amigos em Nova York descobriu que ele estava na Flórida, tinha ido lá diretamente de Nova

York, abriu sua casa, e um alguns dias depois tinha sido envolvido em um acidente de carro muito sério a partir do qual ele ainda se recupera."

Pouco se sabe da vida Jessup durante os meses seguintes, exceto que seu estado de morbidez e depressão aumentou muito rapidamente durante esse tempo. Esta situação lamentável foi agravada por seu acidente, que o deixou incapaz de trabalhar, pela recusa de seu editor de vários dos seus manuscritos como "fora do padrão", e pelas críticas continuadas de suas obras publicadas que vinham de vários círculos científicos e acadêmicos em todo o país. Em todo caso, parece não haver dúvida de que Jessup passou uma fase bastante crítica.

Em meados de abril de 1959, menos de dois meses depois de fazer 59 anos, Jessup parece haver tomado uma decisão. Em uma longa carta "deprimente e depressiva", dirigida ao seu principal confidente, em Nova York, um conhecido apresentador de televisão de programas noturnos de talk-show "Long Nebel John" (já falecido), Jessup abriu a sua alma. A carta, descrita como um "típico bilhete suicida", deixou claro que ele se sentia como "um vegetal", e, depois de pedir que determinados desejos fossem realizados em seu nome, ficou claro que preferia correr o risco de "viver em uma outra existência ou universo ser melhor do que este mundo miserável." Ele acrescentava que havia chegado a esta única conclusão após cuidadosa consideração e não era ato de qualquer desespero repentino.

O desejo final de Jessup, de acordo com a carta recebida por Nebel, era de que, se ele se suicidasse, Nebel iria organizar uma forma de realizar uma sessão em seu rádio durante toda noite com o propósito de tentar determinar se a comunicação após a morte era possível. De acordo com Paris Flammonde, o produtor do "*Long John Nebel Show*" por muitos anos, o programa já estava pronto ir ao ar, quando foi "abortado pelo advogado Sr. Nebel, que sentiu que a privacidade de certas pessoas poderia ser violada."

Foi sabido mais tarde, em relatórios confidenciais, que Dr. Jessup escreveu pelo menos duas outras cartas a amigos próximos, o número real ou o seu conteúdo é relativamente sem importância. Em 20 de abril de 1959, a cerca de 06:30, o corpo moribundo do Dr. Morris K. Jessup, notável escritor, às vezes astrônomo e um dos livres-pensadores do mundo e o primeiro a investigar seriamente o fenômeno dos OVNIs, foi encontrado dormindo ao volante de sua caminhonete, que, de acordo com as informações de seu atestado de óbito, estava estacionada na zona rural de Dade County Park, não muito longe de sua casa de Coral Gables. Dizem que ele morreu apenas momentos mais tarde, ou a caminho do hospital ou logo depois de ter chegado lá - uma vítima de intoxicação auto infligida por monóxido de carbono por meio de uma mangueira que foi anexado ao

cano de descarga do carro e passou para o compartimento interior através de uma janela quase fechada. Como veremos mais tarde, houve alguns que sugeriram que isso não foi suicídio.

Ivan Sanderson, um dos amigos mais próximos de Jessup, foi levado a comentar alguns anos mais tarde e que era o consenso de vários amigos e colegas de Jessup que haviam se reunido para discutir o assunto, de que os eventos bizarros em torno do "caso Allende" foram diretamente responsáveis por desencadear a cadeia "de eventos" que levou à morte de Jessup. No livro "*Uninvited Visitors*" (Visitantes não Convidados), Sanderson descreve Jessup como "um entusiasta incorrigível... entusiasmado em demasia e confiante de suas próprias teorias" antes de receber as cartas. Depois disso, "ele parecia que não acreditava em mais nada". Sanderson continuou:

"Naquela última reunião, ele nos disse, francamente, que não conseguia "pensar cosmicamente", explicando que os conceitos propostos por Allende em suas cartas e anotações no livro estavam além de sua compreensão, mas tudo se ajustou bem quando ele concluiu que tinha ganhado em conhecimento do que ele sempre considerou com algo bastante simples e mais ou menos um negócio "isolado", ou seja, os OVNIs."

Enquanto Sanderson retratava Jessup como estando "completamente confuso" por todo Caso Allende, ele concorda com a análise de Jessup que parecia haver "muito mais nestas cartas para simplesmente ignorá-las." "A Ufologia", escreveu Sanderson, "é um negócio verdadeiramente engraçado. Não pode ser tudo uma mentira; contudo algumas de suas implicações são tão bizarras que quase vão além da compreensão." Somando tudo isso, ele conclui que o mistério do Caso Allende era "mais digno de uma investigação aprofundada do que qualquer outro de que tenha conhecimento."

# CAPÍTULO 4

## Algumas Pistas e Conjecturas

Será que o chamado Experimento Filadélfia realmente aconteceu? Desde a morte de Jessup a controvérsia continua, ocasionalmente, reforçada de vez em quando por novas provas, mas com o restante do mistério básico permaneceu sem solução. Certamente uma história tão estranha e bizarra e de implicações tão sérias não poderia simplesmente ser esquecida. Mas com a morte do homem que foi a figura central no caso até aquela ocasião, a questão desconcertante das cartas de Allende transformou-se muito rapidamente (e bastante previsível, suponho) para se tornar uma espécie de lenda.

A história parece ter sido mantida viva por um grupo muito pequeno, mas gradualmente crescente de crentes que, após análise, parece se encaixar muito bem em duas categorias diferentes: ou eles conheceram pessoalmente o Dr. Jessup durante a sua vida e, portanto, tiveram algum conhecimento de primeira-mão sobre as cartas e os eventos em torno delas, ou eles souberam do caso por intermédio de alguém na categoria anterior que havia discutido a história com eles. Em qualquer caso, até os dias atuais, a história continua a despertar interesse, principalmente por causa da possibilidade de que, se essas cartas e anotações do livro realmente existiram, possam ser capazes de fornecer respostas com respeito à existência e aos efeitos desconhecidos e inexplorados de outras formas de energia. Embora o envolvimento inicial de Sherby e Hoover parece ter origem em seu interesse em descobrir possíveis pistas para os segredos da antigravidade e propulsão de OVNIs, esse interesse continuou ao longo dos anos por uma variedade de razões, que vão de uma simples curiosidade até o desejo de descobrir novos fenômenos físicos.

A Teoria do Campo Unificado de Einstein é ainda hoje um conceito nebuloso e pouco compreendido. Os mistérios que possam eventualmente ser revelados por alguma aplicação futura dessa teoria poderia muito bem ser mais surpreendente para o mundo do que foi o desenvolvimento de energia atômica Ada equação E = mc2. Aqueles que leram as cartas de Allende e não as rejeitaram como mero lixo ou delírios de um psicopata - em suma, aqueles que se deram ao trabalho de questionar se há, eventualmente, um elemento de verdade nelas – chegam forçosamente a conclusões

surpreendentes. Se de fato a Marinha obteve sucesso de alguma forma, seja por acidente ou por acaso, na criação de campo de força invisível, ou mesmo na criação de um dispositivo de teletransporte (a transferência instantânea de objetos sólidos a partir de um lugar para outro) - então, por exemplo, talvez os resultados de tais experiências não possam oferecer também algumas pistas para explicar a série de estranhos eventos e desaparecimentos que parecem assolar a área popularmente conhecida como o Triângulo das Bermudas, onde as nuvens eletromagnéticas parecem anunciar o desaparecimento de aviões e navios? Existe uma possibilidade de que essas embarcações, paradas no tempo e esquecidas da passagem do tempo, continuem a viajar para um destino que nunca vai chegar? Será que a experiência forneceu provas da existência de outras dimensões no tempo e no espaço? Seria o ponto de partida para um novo e barato meio de viajar ou de produção de energia, para não mencionar o fato de que em tal descoberta fantástica poderia estar a chave para uma arma muito mais poderosa do que a bomba de hidrogênio? As possibilidades são infinitas e surpreendentes!

Será, porém, que as cartas são autênticas? Porque, se não são - se não têm nenhuma relação com os fatos reais - então elas não são obviamente chaves para nada, e todas as discussões que têm sido associadas a elas nas últimas duas décadas foram inúteis.

Parece haver, portanto, três possibilidades: (1) A experiência com o navio nunca existiu, as cartas de Allende contêm um punhado de mentiras e, consequentemente, o próprio Allende nada mais são que um punhado de mentiras e fraudes e, como consequência deve ser completamente desconsiderada. (2) As cartas são um relato verdadeiro de um evento real. (3) As cartas são uma versão exagerada, distorcida, e altamente sensacionalista de um evento real e, portanto, têm algum fundamento, mas na verdade são apenas parcialmente verdadeiras.

Se escolhermos a opção (1), então não só chegamos a uma conclusão arbitrária sem o devido exame das provas pertinentes, como também não há mais necessidade de continuar investigando o assunto. E se selecionarmos qualquer uma das outras duas opções, parece razoável afirmar que o fazemos por motivos baseados em fatos, e não em opiniões. Apesar da frequente reação inicial (até mesmo Jessup era culpado disso) de que as cartas são "simplesmente fantásticas para merecerem crédito", quanto mais pensamos nelas, mais difícil se torna rejeitá-las como uma impossibilidade. O impulso de descartar a coisa toda como uma farsa (uma farsa cruel de fato seria fatal para o Dr. Jessup) é, reconhecidamente, ilógico, a menos que seja o meio mais conveniente de retirar-se do caso. Porque encará-lo seriamente é descobrir que esta história tem uma

maneira peculiar de voltar para assombrar os investigadores, para colocar os curiosos em um beco sem saída: prove que é verdade ou que é mentira, mas prove alguma coisa.

E assim, o que começou inocentemente como um esforço sério para tentar refutar tudo como farsa, floresceu no livro que você está lendo agora. Quanto mais tentávamos desmascarar toda a história, mais descobríamos evidências de que parecia apoiá-lo.

Exatamente por que ou como o experimento do navio descrito nas cartas Allende chegou a ser chamado de Experimento Filadélfia não é exatamente conhecido, embora seja certo que a designação não é definitivamente oficial. Tanto quanto se sabe nunca houve um compromisso militar de qualquer tipo que usasse esse título em algum projeto. É mais provável que o nome surgiu da necessidade que os primeiros investigadores sentiram de batizar o objeto de suas pesquisas, e uma vez que pelo menos uma parte do projeto supostamente ocorreu no Arsenal de Marinha de Filadélfia, parecia apropriado referirem-se ao caso como o Experimento Filadélfia. Em qualquer caso, o nome pegou, e podemos muito bem continuar a usá-lo.

Talvez o que é indicado neste momento é um resumo conciso do assunto que estamos lidando, afinal, as cartas de Allende quando devidamente examinadas, de fato, contêm uma variedade de indícios, a partir dos quais é possível iniciar uma investigação. Toda pesquisa deve sempre começar com as informações básicas disponíveis.

Aqui, então, faremos uma sinopse das duas cartas conhecidas de Allende, incluindo as afirmações que podem ser consideradas como pontos de partida para começarmos uma séria investigação sobre o assunto.

De acordo com Carlos Miguel Allende:

1. A Teoria do Campo Unificado do Dr. Albert Einstein foi de fato concluída em 1925-1927, mas o Dr. Einstein não publicou os resultados porque ele teria ficado "horrorizado" pelos possíveis usos dessa teoria para a humanidade que ainda não estava pronta para isso. Isso, segundo Allende, poderia ser confirmado por "Dr. B. Russell".

(Esta afirmação é difícil verificar já que exigiria não apenas um estudo profundo da Teoria do Campo Unificado, mas também um exame da vida e da personalidade do Dr. Einstein.)

2. Durante a Segunda Guerra Mundial, os conceitos da Teoria do Campo Unificado foram testados pela Marinha "com vista a uma aplicação rápida para ela, se possível, em um curto espaço de tempo." Alguém chamado Dr. Franklin Reno, um homem que Allende se refere como "meu amigo", supostamente tinha algo a ver

com a produção de "resultados" nesta fase do trabalho.

3. Os "resultados" assim produzidos foram utilizados para alcançar a "completa invisibilidade de um navio, tipo destroier, e toda a sua tripulação, enquanto estava em pleno mar (outubro 1943)" por meio de algum tipo do campo de energia ou força que tinha sido criado em torno do navio. Os homens no navio eram aparentemente capazes de ver um ao outro, mas tudo o que poderia ser visto por alguém de fora do campo era "a forma claramente definida do casco do navio na água". Os efeitos criados desse campo de força invisível sobre os homens envolvidos foram, de acordo com Allende, "desastrosos". A experiência, diz ele, foi um completo sucesso, mas os homens foram completos fracassos.

4. Havia um cais especial para o navio experimental no Arsenal Naval de Filadélfia.

5. Um pequeno item, que uma vez apareceu em um jornal da Filadélfia confirma a história. Supostamente descrevia as "atividades dos marinheiros" após a sua primeira viagem quando eles "invadiram" um bar local, supostamente o "Lounge dos Marinheiros", e onde presumivelmente ou ainda estavam exibindo os efeitos do campo, ou passaram a discutir a experiência em termos tão claros que aterrorizou as garçonetes. Parece que a patrulha da costa foi chamada e que algum repórter pegou a história acima e a escreveu, sem acreditar completamente nela.

6. O próprio Allende alega ter observado pelo menos partes deste experimento quando no mar a bordo do Navio Liberty S.*S. Andrew Furuseth*, um navio Matson Lines sediado em Norfolk. Isto foi em algum momento de outubro de 1943. De acordo com Allende, outros homens que estavam no convés no momento e que presenciaram os testes foram: o Imediato Mowsely, Richard "Splicey" Price, um marinheiro de 18 ou 19 anos de idade, natural de Roanoke, Virgínia; e um homem chamado "Connally "natural da Nova Inglaterra (possivelmente Boston).

7. O Contra-Almirante Rawson Bennett, Chefe de Pesquisa da Marinha, poderia supostamente verificar que a experiência tinha de fato ocorrido.

8. O navio experimental também de alguma forma desapareceu misteriosamente de sua doca em Filadélfia e apareceu apenas alguns minutos depois na área de Norfolk. Em seguida, desapareceu novamente apenas para posteriormente reaparecer na sua doca Filadélfia. Total de tempo decorrido: uma questão de minutos. Allende diz que apenas ouviu falar desse fenômeno, e que este pode ter ocorrido por volta de 1946, "depois disso os experimentos foram interrompidos".

9. Allende indica que o Escritório de Pesquisa da Marinha

estava sob a direção do "atual" [na época da carta - 1956] "Ministro da Marinha, Burke" no momento em que os experimentos do campo de força foram realizados, e que foi "por causa de sua curiosidade e vontade que esta experiência foi permitida para que pudesse ser realizada". Este Burke é descrito por Allende como um homem que possuía uma atitude muito positiva em relação à pesquisa avançada.

10. Finalmente, além de seu endereço atual, Allende também fornece a Jessup os seguintes dados sobre si mesmo: o seu número de marinheiro mercante, Z416175; o fato de que ele serviu no *S.S. Andrew Furuseth* por cerca de seis meses; e que ele se considera como "algo como um sonhador" e "um astrônomo informal" além de ter viajado muito "pelo país".

Vista do Porto de Nortfolk, onde o *Eldrige* supostamente se materializou depois de desaparecer da Base Naval de Filadélfia. ***(National Archives)***

Obviamente, a execução da busca necessária para se comprovar todos os itens não só constitui um compromisso considerável, mas é igualmente baseada na descoberta bem sucedida de informações adicionais substanciais, bem como o disposto, se não totalmente amigável cooperação, de um bom número de pessoas ao longo do caminho.

Será que o Experimento Filadélfia realmente aconteceu da maneira como Allende diz? E se afirmativo, quais são as implicações no que diz respeito à descoberta e utilização de uma inimaginável forma de energia - a energia de um tipo que, como Allende sugere, poderia muito bem ser a fonte de energia utilizada por aqueles estranhos objetos aéreos qual nos referimos como OVNIs?

A Base Naval de Filadélfia durante a Segunda Guerra Mundial. Esta fotografia só foi liberada em 12 de junho de 1977 ***(National Archives)***.

Digno de recordar aqui são observações finais de Allende no final da terceira carta com respeito a este assunto: "Talvez a Marinha tenha usado este acidente de transporte para construir os seus OVNIs. É um avanço lógico a partir de qualquer ponto de vista."

Lógica? Possivelmente, mas antes de podermos começar a oferecer respostas possíveis para essa questão, devemos primeiro voltar nossa atenção para o personagem que parece neste momento estar enquadrado no centro de todo este assunto misterioso: o senhor Carlos Miguel Allende.

# CAPÍTULO 5

## O Misterioso Senhor Allende

Apesar de inúmeras tentativas terem sido feitas por outros investigadores ao longo do ano para resolver o mistério colocado pelas cartas de Allende, praticamente todos eles pararam de produzir qualquer evidência de vulto, isso por causa de sua incapacidade de produzir a chave para todo o assunto: o próprio Carlos Allende. Supostamente, desde que Allende assumiu ter escrito as cartas, a única maneira de resolver o mistério seria encontrá-lo e tomar o seu testemunho em primeira mão para o registro. A falha em desentocar este testemunho resultou em um conjunto interminável de conjecturas, ou um pouco mais que isso.

O problema era ainda mais complicado por vários "falsos" Allendes que apareceram durante os anos 1960, oferecendo-se para "vender a história" se o preço for considerável. Um desses foi tão longe a ponto de mandar suas cartas carimbadas e postadas de New Kensington - a suposta cidade natal do verdadeiro Allende. Felizmente, nem um dos potenciais compradores se deixou enganar. Alguns até duvidaram que houvesse um Carlos real, afirmando que a história toda era realmente um enredo inventado pelo Serviço de Informações da Marinha para desacreditar as investigações confidenciais sobre OVNIs - uma hipótese interessante, mas que não é suportada pelos fatos complexos da matéria.

Os problemas encontrados durante as tentativas para localizar Allende foram consideráveis. Laboriosas e demoradas consultas nas listas telefônicas de várias cidades e áreas rurais, verificações de registros da Marinha de Guerra e da Marinha Mercante, investigação em arquivos da polícia e de jornal, obituários, e consultas a escritores e estudiosos de fenômenos inexplicáveis, foram infrutíferas, até que uma coincidência estranha, forneceu a resposta.

A informação nos chegou por meio de Jim Lorenzen, uma das primeiras pessoas que procuramos. Lorenzen, que é diretor da Organização de Pesquisas de Fenômenos Aéreos (APRO) em Tucson, Arizona, disse que o *APRO Journal* tinha publicado uma reportagem sobre Allende em 1969, depois de um homem que dizia ser Allende aparecer na sede da APRO e fazer certas "confissões" (mais tarde repudiadas), durante uma entrevista a

respeito de suas alegações sobre o Experimento Filadélfia. Lorenzen teve a gentileza de enviar uma cópia de uma fotografia que ele havia tirado de Allende durante a entrevista, mas não foi capaz de fornecer nenhuma informação adicional, porque ele nunca mais tinha ouvido falar de Allende desde então e não tinha seu endereço. Mas cerca de um mês depois, Moore tornou a escrever para Lorenzen, para um assunto diferente. Mas a resposta de Jim levou várias semanas para chegar, mas quando chegou, veio escrita, na parte inferior, uma espécie de P.S. com a frase inesperada: "No correio de hoje veio uma carta do C. A.", seguido por um endereço. Embora o endereço não fosse de Allende, a pista agora estava fresca o suficiente para ser seguida e, eventualmente, permitir localizá-lo.

Carlos Miguel Allende (ou Carl Allende) (APRO)

Encontrar Allende era certamente um grande passo para desvendar o mistério do "Experimento Filadélfia", arrancar informações concretas do homem a respeito do assunto foi outro problema. Embora nossos contatos mantidos com o homem que diz chamar-se Carlos Allende tenham produzido volumosa correspondência, diversas conversações telefônicas e um par de reuniões face-a-face, ainda é praticamente impossível afirmar muita coisa sobre ele com qualquer grande grau de certeza.

Allende tem cerca de 1,80m de altura, calvo, tem ombros estreitos e costuma vestir-se informalmente. Seus olhos muitas vezes revelam suspeita, mas ele ocasionalmente sorri cordialmente. Ele é dado a divagar monólogos interminavelmente sobre seus pensamentos e muitos outros temas, além do Experimento Filadélfia. Quando ele fala sobre o Experimento, ele muitas vezes parece estar escondendo algo ou evita uma resposta direta. Quando pressionado para obter informações, ele muda de assunto. Costuma faltar a encontros marcados e depois aparecia de surpresa.

Quem é realmente Allende? Afora o fato de que ele é conhecido por usar não menos do que cinco pseudônimos diferentes, ele certamente parece ser a mesma pessoa que se correspondia com o Dr. Jessup. Não só o seu estilo peculiar de escrever é semelhante ao encontrado nas Cartas de Allende, mas ainda conversa com ele o que afirma ser um dos cartões postais originais enviados pelo Dr. Jessup em 1956. Qualquer outra coisa a respeito dele, porém, está aberto a conjecturas, e na realidade, parece haver pelo menos duas possibilidades a respeito de sua verdadeira identidade.

A primeira delas, com base principalmente em informações provenientes do próprio Carlos Allende, é de que tenha nascido "Carl Allen". O mais novo de três filhos de um pai irlandês e mãe egípcia, em 31 de maio de 1925, em uma fazenda fora da pequena cidade de Pensilvânia, (não New Kensington). De sua infância e adolescência não se sabe muito, exceto que a família vivia em uma pequena fazenda e que o jovem Carlos (ou Carl) abandonara a escola "quando completou 9 anos". É nos dito que ele era um jovem temperamental, ou melhor, inquieto que adorava a leitura.

Na terça-feira julho 14 de 1942, seis semanas depois de seu aniversário de 17 anos, ele deixou sua vida de trabalho agrícola e biscates para alistar-se no Corpo de Fuzileiros Navais. Entretanto, ele serviu apenas 10 meses, quando recebeu baixa na sexta-feira, 21 de maio de 1943, em Charleston, Carolina do Sul, "após ser considerado fisicamente incapaz após exame médico." Depois de uma breve visita a casa dos pais, ele foi para a Filadélfia, onde ele se alistou na Marinha Mercante, em julho do mesmo ano. Poucos dias depois, ele recebeu ordens para apresentar-se imediatamente na Escola de Treinamento de

Marinheiros na Ilha Hoffman, em Nova York.

SERIAL NUMBER
A103664
NUMBER
3 416175
UNITED STATES DEPARTMENT OF COMMERCE
BUREAU OF MARINE INSPECTION AND NAVIGATION
CERTIFICATE OF SERVICE TO ABLE SEAMAN
this is to certify that Carl Meredith Allen
18 years of age born in Pennsylvania
NEW YORK
Issued by the undersigned Board of Local Inspectors
on this 7th day of March 44

Certificado emitido para o marinheiro de primeira classe Carl Allen mostrando o número de série que ele usou em suas cartas com o Dr. Jessup.

Na sua primeira missão, e aquele em estamos interessados, foi servir sob as ordens do Capitão do Navio W. S. Dodge como um membro da tripulação do *S.S. Andrew Furuseth*, um Navio Liberty, que partiu de Norfolk com destino a Casablanca, África do Norte, em 16 de agosto de 1943. Allende devia permanecer a bordo deste navio por um pouco mais de cinco meses, até o final de janeiro de 1944, quando deixou o *Furuseth* passando a ser tripulante no *S.S. Newton D. Baker* (o que mostra claramente que a data do projeto Experimento Filadélfia ocorreu dentro deste período).

Allende serviu em 27 navios diferentes tanto no Atlântico e como no Pacífico, até outubro de 1952, quando, tendo-se em consequência de uma divergência com o Sindicato dos Marinheiros, que parecia estar prejudicando sua vida profissional, ele deixou o mar em busca de melhor sorte em outros lugares.

Além disso, sua vida é praticamente um mistério, com exceção do que já foi escrito sobre o seu envolvimento com o Dr. Jessup e sua "confissão" posterior à APRO. Allende passou a viajar pelo país e pelo mundo como um verdadeiro cigano, como ele dizia "à procura biscates e a educação" de todas as oportunidades que viessem para ele. E ele conseguiu obter tanto um quanto o outro ao conhecer boa parte do mundo. Nós o encontramos gastando um tempo considerável em meados de 1950, trabalhando em vários poços de perfuração de poços em todo oeste do Texas e Novo México. Ele certamente estava em Seminole, Texas, quando o misterioso livro com anotações foi enviado dali para o Almirante Furth, e ele também estava nas proximidades de Gainesville, Texas, na época em que a segunda carta de Allende foi recebida pelo Dr. Jessup – o que confirma sua ligação com ambos os documentos.

Indeciso, Allende, no entanto, ficou aparentemente preocupado quando a Marinha e outros começaram a se interessar-se por ele após seus contatos com o Dr. Jessup, e "escondeu-se" durante alguns anos. Ele finalmente acabou se refugiando na região de Los Altos, no centro-sul do México (curiosamente mais ou menos na mesma área onde as crateras misteriosas foram localizadas por Jessup), e, eventualmente, ele chegou a considerar a região como sua terra natal. Allende já tinha visitado a área antes, durante o curso de suas viagens, e afirma que, na verdade, foram os ciganos desta região que "mexicanizaram" Carl Allen para Carlos Miguel Allende. No momento da redação deste texto, ele ainda vive em Los Altos.

Quanto à esta história, tudo parecia muito bem, e sem dúvida, estaríamos dispostos a aceitá-la sem reservas, se não

surgisse uma notável série de circunstâncias que intervieram para lançar uma luz inteiramente nova sobre o assunto.

Alguns anos atrás, durante o curso de alguma investigação, Moore conseguiu descobriu casualmente que houve de fato uma família Allende que viveu no oeste da Pensilvânia, durante o período de início e meados dos anos 1950, aproximadamente no mesmo período em que Carlos Allende deu o seu endereço residencial como New Kensington, Pensilvânia. Mesmo sendo Allende um nome não muito comum na Pensilvânia, um exame mais detalhado desta estranha coincidência parecia quase essencial e foi realizada imediatamente. Os resultados são reveladores à luz da própria história de Carlos.

Parece que em algum momento depois da Segunda Guerra Mundial, dois irmãos chamados Allende vieram para os Estados Unidos provenientes de Porto Rico à procura de trabalho. Os detalhes não são conhecidos, mas de uma forma ou de outra o irmão mais velho, Pedro, que tinha se estabelecido por um tempo em Clairton, Pensilvânia, soube que uma certa Sra. Blockson, nascida em sua cidade natal de Porto Rico, estava residindo em uma casa no subúrbio de Pittsburgh na comunidade de Sewickley. Acreditando que esta senhora podia ser capaz de ajudá-lo a arranjar trabalho, ele a procurou e explicou sua situação. A Sra. Blockson imediatamente pediu para ver suas mãos, e ao descobrir as mãos duras e calejadas de um homem acostumado a trabalhar, concordou em tentar obter um emprego para ele. Os arranjos foram logo feitos, e Pedro passou a residir com sua esposa e filhos pequenos (um dos quais, coincidentemente, adotou o nome de Allen) em uma casa pequena de dois andares localizada em uma área rural de Aleppo Township, Glenfield, Pensilvânia. Poucos meses depois, já tinha acumulado suficiente para dar uma pequena entrada para comprar a propriedade onde morava.

É o aparecimento em cena do segundo irmão de Allende, Felicito, ou Filo, que começa uma série de estranhas coincidências. De acordo com a Sra. Blockson, os dois irmãos tinham nascido da cidade de Hato Rey, em Porto Rico, onde seu pai tinha sido contratado pela primeira grande usina elétrica naquela ilha, localizada nas cataratas do rio Comerio. Filo era alguns anos mais novo que Pedro, mas, embora tivesse de abandonar a escola "ao completar 9 anos" (na terceira série), falava melhor Inglês, porque ele tinha servido na Marinha Mercante dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Ele veio para Glenfield, Pensilvânia, apenas brevemente no início dos anos 1950 para visitar seu irmão, e é descrito como um tipo de pessoa que não podia ficar parado. Ele falava espanhol e Inglês (como

Carlos Allende), era estritamente autodidata e sabia ler muito bem. Obviamente, não existe mais necessidade de sublinhar os pontos de semelhança, uma vez que já deve ser mais do que evidente a esta altura. Mas para continuar:

Sra. Blockson passa a considerar Filo como uma pessoa que "geralmente, não fala muito, mas de vez em quando enveredava em um monólogo interminável a respeito de um assunto aparentemente sem importância. Ele era um indivíduo solitário, que não trabalhava muito, mas que costumava sair sem sequer se preocupar em dizer a ninguém onde estava indo, e desaparecia por dias, semanas ou meses sem dar notícias. Sua atitude para com a humanidade e Deus parecia "bastante negativa". Além disso, parece que ele "usava às vezes nomes supostos."

De qualquer forma, visitas ocasionais de Filo à casa de seu irmão continuaram até meados de 1954, quando a tragédia atingiu a família na forma de um estranho acidente. Pedro, estando em cima de uma escada fazendo alguns trabalhos de reparação na casa, perdeu o equilíbrio e caiu pesadamente no chão, batendo a cabeça. Embora as feridas externas fossem curadas normalmente, graves danos internos haviam sido feitos.

De qualquer forma, as visitas de Filo ao irmão continuaram até meados de 1954, quando a família foi atingida por uma tragédia. Pedro, que havia subido em uma escada para fazer algum conserto na casa, perdeu o equilíbrio e caiu, batendo com a cabeça no chão, Embora as feridas externas tenham cicatrizado normalmente, o cérebro havia sofrido danos irreparáveis. Pedro foi obrigado a parar de trabalhar por tempo indeterminado. A família, que nunca mais tinha visto um fio de cabelo de pobreza, logo começou a sentir em dificuldades. E, para piorar a situação, Filo, cuja ajuda poderia ter feito a diferença nessas circunstâncias, estava ausente em outra de suas extensas "viagens" e não sabia de nada a respeito do caso. Pedro, incapaz de pagar assistência médica adequada, ficou em casa, tornando-se pior ao passar do tempo.

E assim foi por alguns meses até às 02:15 na manhã de quinta-feira, 19 de maio de 1955, quando Burgess R.W. Cook, de Glenfield, foi avisado por um vizinho dos Allendes que Pedro Allende estava perseguindo sua esposa com um martelo Cook telefonou para a polícia do condado de Allegheny, e um carro foi despachado para o local. Antes que pudesse chegar, no entanto, Cook recebeu uma segunda chamada urgente do mesmo vizinho, este informando que a casa Allende estava em chamas. Pobre Pedro, agora completamente fora de seus sentidos, tinha ateado fogo às cortinas.

Os Allendes tinham praticamente perdido tudo o que possuíam. A senhora Allende foi levada para o Hospital Sewickley Valley em estado de choque. Os quatro filhos, o mais jovem apenas com dois anos de idade, foram divididos entre os vizinhos e amigos, e Pedro foi levado para o Hospital Psiquiátrico da Pensilvânia, em Woodville. Ele morreu logo depois, em consequência de outra queda - desta vez, em uma banheira.

Enquanto isso, a senhora Allende tinha conseguido reunir-se com seus filhos, e se mudou para um modesto apartamento em outra cidade.

A história, porém, ainda não acabou. Dentro de poucos dias após o funeral, o Filo errante reapareceu. Ele havia estado afastado por quase um ano (agora era meados de junho de 1955), e ele ignorava totalmente o que tinha acontecido em sua ausência. Muito perturbado em encontrar ruínas carbonizadas da casa que deveria ter sido de seu irmão, e incapaz de conseguir mais detalhes dos vizinhos, ele dirigiu-se à casa da senhora Blockson, em Sewickley, para buscar uma explicação. Foi lá que ele conheceu os detalhes do evento trágico. Ele permaneceu na área por apenas um dia ou dois, visivelmente chateado e sem falar com ninguém, e então, sem nenhum aviso ou palavra, desapareceu totalmente sem deixar vestígios - para nunca mais ser visto pela família ou amigos novamente. Apenas poucos meses depois, Morris Jessup recebeu a primeira de uma série de três cartas de um homem chamado Carlos Miguel Allende.

Será Carlos e Filo Allende a mesma pessoa? Carlos sabe a resposta, mas recusa-se a comentar o assunto. A Sra. Blockson, que conhecia razoavelmente bem Filo, examinou a foto de Carlos Allende que aparece neste livro, mas não foi capaz de afirmar com certeza se o homem na foto é Filo Allende. Quando fizeram a pergunta diretamente ao Carlos, ele se limitou a dizer: "Prefiro não responder a essa pergunta." Em vista disso, ficamos com nada mais do que uma intrigante série de coincidências e de algumas semelhanças de datas e locais.

Um investigador chegou a sugerir, muito sério, que Filó Allende conheceu e fez amizade com o verdadeiro Carl Allen, enquanto trabalharam na Marinha Mercante. Mais tarde, quando Allen faleceu em um acidente, Filó simplesmente assumiu a sua identidade por razões que só dizem respeito a ele mesmo. É certo que isto é pura especulação, mas na ausência de fatos claros, é tão boa explicação como qualquer outra.

Em qualquer caso, independentemente da verdadeira identidade de Allende, o ponto de suma importância em tudo isso ainda permanece: O que pode esse indivíduo nos dizer sobre a

alegada Experiência Filadélfia, que possa nos ajudar a resolver o mistério? Infelizmente, para o desespero completo de todos os investigadores anteriores que depositaram grandes esperanças no depoimento de Allende, ele não nos revelou quase nada além do que já ele já havia relatado sobre o tema em suas cartas a Jessup.

A verdade é que Allende não era um cientista, nem mesmo um observador treinado, mas apenas um marinheiro que casualmente se encontrava no lugar certo (ou errado?) e na hora certa para testemunhar um fenômeno que era (e ainda é) totalmente incapaz de explicar. Será que ele viu um navio desaparecer? De acordo com seu próprio testemunho, sim. Como foi feito? Ele não sabe exatamente, mas tinha a ver com campos de força de algum tipo. "O ar estava cheio de eletricidade estática." Saberia dizer o nome do navio? Sim, ele poderia: "Era o DE 173." Viu o navio desaparecer mais de uma vez? Não, ele não viu. "Mas ele desapareceu", acrescenta ele com convicção. Onde obteve as informações, de Einstein, Russell, do almirante Bennett? "De amigos em altos cargos, que preferem permanecer anônimos." O Dr. Einstein, afirma Allende, na verdade testemunhou partes do experimento. Além disso, Allende diz que viu um homem "desaparecer" da vista enquanto estava em pé em uma plataforma de carga, mas não lembrava a data ou o nome do cais.

Segue em suas próprias palavras, uma parte dos relatos de Allende contados ao próprio Moore:

> Então você quer saber sobre o grande experimento de Einstein. hem? Você sabe... Na verdade, eu coloquei minha mão, até o cotovelo, neste estranho campo de força, enquanto uma força fluía do campo, surgindo poderosamente no sentido *anti-horário* ao dos ponteiros do relógio, envolvendo o pequeno navio experimental da Marinha, o *DE 173*. Eu senti o... empurrão desse campo de força contra a solidez do meu braço e na mão estendida em seu fluxo de zumbido - empurrando - impulsionando.
>
> Eu prestei atenção à atmosfera em torno do navio... virei ligeiramente, ainda que levemente, e vi tudo muito mais escuro do que o resto do ar... depois de alguns minutos, eu vi um nevoeiro verde surgir como uma nuvem fina.[4] [eu acho] que isso deve ter sido uma nuvem de partículas atômicas. Eu assisti, pouco depois, o *DE 173* se tornar-se rapidamente invisível aos olhos humanos. E ainda, a forma precisa de como a marca da quilha e do casco daquele... navio *permaneceu* impressa na água do oceano, uma vez que meu próprio navio navegava lado a lado ficando próximo do interior do navio.

Sim, hoje eu posso dizer isso, mas então, quem se importa?... vou tentar descrever os sons que o campo de força fazia quando envolvia todo o *DE 173*... começou como um zumbido, que aumentou rapidamente... passou para uma espécie de som sussurrante cantarolando, e depois aumentou para um zumbido forte - como uma cachoeira....

O campo gerava em torno dele uma *casca* de eletricidade pura quando ele fluía. [Isso] ... o fluxo era forte o suficiente que me tirou completamente o equilíbrio e meu corpo inteiro foi puxado para dentro desse campo, certamente eu teria sido jogado de costas no convés do meu próprio navio. Mas a maior parte do meu corpo *não* estava dentro desse campo de força quando chegou a força de máxima intensidade, digo, densidade, repito, *densidade,* e por isso não cheguei a cair, mas meu braço e minha mão foi [sic] empurrados para trás com o fluxo que fluía do campo.

Por que não fui eletrocutado no instante em que minha mão tocou naquela... casca de eletricidade que cercava o campo de força? Deve ter sido porquê... [Eu estava usando] botas de cano alto de marinheiro até às coxas, e um grosso casaco revestido de borracha.

... Ainda hoje cientistas navais da ONR não entendem o que aconteceu naquele dia. Eles dizem que o campo foi "invertido". Uma experiência histórica da ciência, que mais tarde vim a perceber, foi feita pela primeira vez naquele dia.

Quanto ao resto, Allende sustenta com convicção sua história sobre os artigos de jornal que ele afirma ter lido enquanto estava de licença na Filadélfia, e ele admite que exagerou um pouco a história dos efeitos da experiência sobre os marinheiros - um conto que ele diz ser baseada em sua maioria das fofocas faladas nas docas. Ele fez isso, diz ele, porque temia que Jessup conseguisse influenciar o governo a reiniciar a investigação sobre a Teoria do Campo Unificado, e ele queria assustá-lo. Baseado no que ele tinha testemunhado e ouvido, ele temia os resultados de tais pesquisas, que, se colocada em mãos erradas, traria um fim para a sociedade como a conhecemos.

No entanto, tudo isso se resume ao simples fato de que, enquanto Carlos pode ter começado a controvérsia que se desencadeou sobre o Experimento[5] chamado de Filadélfia há mais de duas décadas, ele realmente não parece ter as informações essenciais necessárias para resolver o mistério. A experiência realmente aconteceu? Allende afirma que sim, mas ele mesmo não pode provar.

A possibilidade de que Allende poderia ter sido o homem estranho relacionado com a história bizarra dos aviadores Davis e Huse em um parque em Colorado Springs em 1970 (ver Capítulo 1) parece ser sem fundamento. Em suas entrevistas, ambos os homens afirmam com certeza que eles achavam que seria capaz de reconhecer o homem que tinha se encontrado com eles, mas nenhum deles foi capaz de identificar a fotografia de Allende como o personagem em questão. Se este homem não era Allende, então a questão é de quem pode ter sido se torna ainda mais intrigante e pode, talvez, abrir outras portas.

[3] Do inglês Aereal Phenomena Research Organization (Nota do Tradutor)

[4] Este conto se assemelha a relatos de sobreviventes ou observadores de desaparecimentos no Triângulo das Bermudas, onde a aberração pode representar um fenômeno natural (ou não) em maior escala.

[5] O nome de código da Marinha para o suposto Experimento Filadélfia é ainda desconhecido, uma boa maneira, é claro, de manter os registros inacessíveis aos investigadores. O nome acima, no entanto, foi antigamente celebrado em outros séculos. Benjamim Franklin teve esse nome associado a um experimento com sua pipa e uma chave de bronze em uma tempestade, com suas implicações sobre a força e ao aproveitamento da eletricidade, foi muitas vezes referida pelos homens de letras contemporâneos na Inglaterra, Europa e as colônias americanas como: O Experimento Filadélfia.

# CAPÍTULO 6

## Investigações
## Podem Ser Fatais

Depois que o choque inicial das cartas de Allende é absorvido e após o investigador fazer uma avaliação mais estreita e objetiva dos documentos, uma série de coisas curiosas sobre o seu conteúdo começa a vir à luz. Talvez o mais notável deles é o fato de que Allende fez questão de mencionar um várias pessoas - pessoas que ele diz que podem "validar" sua história. Ao todo, são nove indivíduos mencionados, embora, apenas um não foi citado o nome, mas apenas descrito.
Aqueles que são nomeados são os seguintes:

1. O Dr. Albert Einstein
2. O "Dr. B. Russell"
3. "Meu amigo Dr. Franklin Reno"
4. O "Imediato Mowsely" *da S. S. Furuseth*
5. Richard "Splicey" Price, membro da tripulação
6. "Connally," também um membro da tripulação
7. Contra-almirante Rawson Bennet
8. "Burke, o atual Ministro da Marinha"

Os dois primeiros, o Dr. Einstein e Dr. B. Russell, são figuras amplamente conhecidas pelos seus próprios nomes. O Dr. B. Russell não é ninguém menos do que Bertrand Russell, o eminente escritor, filósofo, humanitário e pacifista que, em seus últimos anos, de fato, foi bastante amigo do Dr. Einstein, talvez o suficiente para discussões particulares entre eles - o que possivelmente poderia ter incluído a discussão de como era possível os efeitos negativos de algumas das teorias de Einstein poder resultar em ameaças irreparáveis para a existência humana. Entretanto, não há meios de saber se essas discussões realmente ocorreram e como foi que Carlos Allende poderia ter tido conhecimento delas. O próprio Einstein e sua Teoria do Campo Unificado serão o tema de um capítulo separado neste livro.

Identificar o terceiro homem na lista não foi tão simples. Uma quantidade considerável de pesquisas e trabalhos de investigação foi necessária antes que pudesse ser garantido estabelecer que Carlos

Allende, de fato, conheceu o Dr. Franklin Reno. O mistério, no entanto, dificilmente é diminuído pela descoberta de que o próprio nome é na verdade um pseudônimo. A história em torno desta importante descoberta e as informações posteriormente que posteriormente conseguimos obter do Dr. Reno é, no mínimo, longo e, são suficientemente importantes para também merecerem um capítulo à parte.

Infelizmente, não conseguimos os mesmos sucessos com os próximos três nomes, os quais, segundo Carlos Allende seriam de marinheiros a bordo do *S.S. Furuseth* e testemunharam o Experimento Filadélfia. Embora o imediato do *Furuseth* fosse de fato um certo Arthur Maudsley, um muro de silêncio foi levantado em todos os esforços para obter qualquer informação sobre este indivíduo e seu serviço a bordo daquele navio - um silêncio que por si só pode ser interpretado como mais revelador ainda.

Menos ainda pode ser dito sobre Richard "Splicey" Price, de Roanoke, Virgínia, e "Connally" da Nova Inglaterra. Quanto a Price, numa breve investigação apareceram informações razoavelmente confiáveis, de que morreu em 1973. Para Connally (cujo primeiro nome, por sinal, parece ter sido Frank ou Peter), não é necessário dizer que, provavelmente há várias dezenas de pessoas com esse nome na área da Nova Inglaterra – e nem sabemos, de fato, se o Connally que procuramos ainda mora lá.

Uma vez que os registros da tripulação do Furuseth não existem mais, é difícil chegar a qualquer conclusão definitiva sobre outros marinheiros que possam ter servido naquele navio com Allende, mas a pesquisa persistente transformou possível conseguir os nomes dos outros três membros da tripulação - nenhum dos quais pudemos ser capazes de localizar. Estes são Hermann C. Schultz, que aparentemente era contramestre do navio; William Reilly (ou Ripley?); e Lewis Vincent. Todos os três eram da área de Nova York - Nova Inglaterra. Reilly pode ter sido um músico profissional, Vincent foi um pescador na Nova Inglaterra, e Schultz trabalhou muito tempo marinheiro mercante.

Como para o almirante Rawson Bennett II, a quem Allende se refere em sua segunda carta como "Chefe da Pesquisa da Marinha [sic]" e a quem ele indica a Jessup a procurar "para verificação de informações, neste documento", um fato muito curioso surge quando examinamos isso ainda mais, o que nos leva a querer saber exatamente onde Allende conseguiu sua informação. O estranho é que, enquanto Bennett era de fato chefe do Escritório de Pesquisa Naval na época que o Dr. Jessup recebeu uma segunda carta de Allende (em 13 de janeiro de 1956), ele havia sido nomeado para este cargo somente a partir de 01 de janeiro do mesmo ano, para

substituir o almirante Frederick R. Furth (o "Almirante N. Furth" a quem Allende tinha enviado a cópia anotada do livro de Jessup alguns meses antes). Mas mesmo que Allende tenha postado a carta consideravelmente mais cedo, pois Jessup só a recebeu, através de seu editor, em 13 de janeiro, a pergunta é: Como é que Allende podia saber que Bennett havia substituído o chefe de Furth da ONR? O fato de que esta carta foi carimbada no correio de Gainesville, Texas, torna a questão ainda mais intrigante. Talvez a nomeação de Bennett merecesse uma pequena nota no *Washington Post* ou do *New York Times*, mas dificilmente teria sido o tipo de coisa que qualquer um dos jornais do Texas iria se dar ao trabalho de noticiá-la. Tais mudanças de comando são assuntos comuns de todos os dias nos círculos militares de Washington e dificilmente fazem notícias disso, mesmo localmente, muito menos vinculadas nos jornais do Texas, a metade de um continente de distância.

Mas se Allende contava com um informante nos altos círculos, é difícil explicar como cometeu um grave erro com o último nome na lista. Sua informação de que o "atual Ministro da Marinha: Burke" havia sido o Chefe do Escritório de Pesquisa da Marinha na época do suposto Experimento Filadélfia é totalmente incorreta. Embora tenha havido de fato um verdadeiro Contra-Almirante Arleigh A. Burke, ele praticamente nada tinha a ver com as pesquisas da Marinha, quer durante a Segunda Guerra Mundial ou depois. A. Burke comandou um esquadrão de destroieres no Pacífico, em 1943, durante a época do suposto Experimento Filadélfia, e de fato parece ter passado no mar a maior parte de sua carreira na Marinha.

Entretanto, Allende pode ter se enganado apenas de nome. Se lermos a descrição que ele dá de "Burke" em sua terceira carta para Jessup, descobrimos que esse indivíduo é caracterizado como um homem de "curiosidade, dedicação e entusiasmo" e que "a sua atitude em relação à pesquisa avançada e ultra avançada", é que foi responsável por sua ascensão ao posto de almirante. Curiosamente o homem que se encaixa nessa descrição não era o almirante Burke, mas o almirante Harold G. *Bowen* - que não só foi diretor do Laboratório de Pesquisa Naval, na época do início do projeto Experimento Filadélfia, mas também foi o principal responsável por uma série de Projetos Secretos "ultra avançados" durante a Segunda Guerra Mundial! Por outro lado, enquanto a similaridade dos nomes dos responsáveis pode ter sido a causa da confusão de Allende sobre este assunto, não explica como suas informações poderiam ser tão precisas sobre um (principalmente em relação ao almirante Bennett) e tão vaga acerca do outro - a não ser, é claro, que ele sentisse a necessidade de esconder o nome da pessoa a quem ele estava se

referindo.

Uma investigação das cartas de Allende não estaria completa sem pelo menos um exame breve do que outros pesquisadores têm publicado sobre este tema. Como foi referido no início deste trabalho, embora a questão do Experimento Filadélfia nunca tenha merecido muito destaque entre os investigadores do desconhecido, houve quem se interessasse por ela. É verdade que a literatura sobre o tema é escassa, mas o que existe a respeito vale a pena examinar.

Talvez a primeira tentativa de trazer um pouco de luz ao mistério através da publicação em forma de livro sobre o assunto foi feita pelo Dr. H. Reilly Crabb, um conhecido do Dr. Jessup e atualmente diretor da Borderland Sciences Research Foundation - BSRF, em Vista, Califórnia, que entre outras coisas, publica uma coleção de volumes pequenos e relativamente baratos sobre vários tópicos esotéricos, e embora a maioria delas fosse de circulação extremamente limitada, alguns são bastante interessantes. Em uma das publicações, no início de 1962, sob o título de *M. K. Jessup, the Allende Letters and Gravity* (M. K. Jessup, as Cartas de Allende e a Gravidade), editado pelo próprio Crabb, parece ter provocado uma grande controvérsia. Ao mesmo tempo, fornecia material inestimável para qualquer pessoa interessada em fazer novas investigações sobre o caso. Nesse livro Crabb publica pela primeira vez em uma edição civil, não só as duas cartas conhecidas de Allende, mas também várias cópias das páginas da edição anotada da Varo do livro de Jessup "*The Case for the UFO*" (O Caso dos OVNI's).

Resumidamente, a tese central do livro de Crabb faz conjecturas sobre o Experimento Filadélfia, em torno de sua crença de que T. Townsend Brown, um físico notável e pesquisador da antigravidade, teve, no mínimo, algo a ver com o projeto de invisibilidade quando comandava o Bureau Internacional de Navios da Marinha, e que de fato (de acordo com Crabb) a coisa toda pode realmente ter sido ideia de Brown. Como veremos mais adiante, Brown esteve realmente envolvido no projeto, mas não na forma sugerida por Crabb.

O próximo a se interessar pelo assunto foi Crabb Barker, pesquisador de discos voadores e editor com sede em Clarksburg, West Virginia. Confiando em grande parte nas informações colhidas por Crabb, mas acrescentando alguns fatos novos, Barker, tomou a iniciativa, em 1963, tomou a iniciativa de publicar o que ainda hoje considerado como uma das obras mais valiosas a respeito das cartas de Allende: *The Strange Case of Dr. M. K. Jessup* (O Estranho Caso do Dr. M. K. Jessup), da editora Saucerian Press, em 1963. Ao contrário de Crabb, que parece ter publicado seu livreto principalmente como

um serviço aos membros interessados e associados da BSRF, Barker estava realmente interessado no mistério para tentar descobrir algumas respostas por conta própria.

Embora o livro de Barker não forneça muitas pistas no sentido de resolver o mistério, ele fornece informações consideráveis sobre o Dr. Jessup, incluindo trechos menos conhecidos de vários de seus livros e cartas. Barker também observa que o corpo do Dr. Jessup jamais foi submetido à autopsia, porque o doutor manifestara seu desejo de que seu corpo fosse usado para fins científicos. A cremação, segundo Barker, ocorreu em 30 de janeiro de 1962.

Outro item de interesse no livro de Barker é a reprodução de uma carta bastante curiosa, que Barker afirma haver recebido de uma fonte anônima conhecida apenas como "coronel B".
Embora ele nos previna que a designação "*Coronel*" "não é necessariamente para ser interpretada como se o autor seja militar." O *Coronel* realmente fez algumas observações interessantes. Segue um trecho desta carta:

> *... não há razão para pensar que exista algum mistério ligado ao provável suicídio do Dr. Jessup.*
>
> *Quando conheci Jessup em 1958, sua mente parecia estar ocupada em provar à autenticidade de certas afirmações dos ocultistas...*
>
> *Jessup também deu grande ênfase a uma versão mimeografada de um de seus livros, supostamente circulado pelas Forças Armadas. Ele também me falou de algumas cartas que havia recebido supostamente contendo informações sobre um experimento secreto dos militares, envolvendo uma aplicação da Teoria do Campo Unificado.*
>
> *Pessoalmente, acho que Jessup atribuiu uma importância excessiva a essas cartas, embora isso pode ser compreensível em face da reação dos círculos governamentais sobre a investigação de OVNIs. Meu palpite é de que as alegações contidas nestas cartas sobre experiências secretas eram falsas. No entanto, como os fatos relatados GUARDAVAM ALGUMA SEMELHANÇA [grifo dele] com algumas experiências reais (de natureza muito menos dramática), os militares podem ter pensado que tinha havido algum vazamento de segurança e isso explicaria provavelmente o grande interesse dos militares pelo caso.*
>
> *Mesmo que eu quisesse fazer uma suposição quanto à natureza das verdadeiras experiências, eu certamente não me sinto capaz para fazê-lo...*

Como veremos a seguir, quem esse misterioso informante poderia ter sido? Certamente ele chegou mais perto da verdade

sobre este assunto do que quase qualquer outra pessoa.

Ao longo dos anos tem sido em grande parte graças aos esforços de Gray Barker e sua pequena, mas insistente editora, a Saucerian Press, que o mistério em torno de Jessup e as cartas de Allende foi mantida viva - e isso apesar do fato de que seus livros tiveram uma circulação limitada. Mas talvez sua maior contribuição veio no verão de 1973, quando, como já mencionado, ele conseguiu obter uma cópia da edição anotada da Varo "*The Case for the UFO*" (O Caso dos OVNIs) publicada e vendida em uma edição limitada de 500 exemplares. Após 17 anos de segredos e rumores sobre a existência do documento, Barker finalmente conseguiu trazer o assunto à luz do dia, provando que era real.

A primeira tentativa de vincular na conta de Allende os eventos do Experimento Filadélfia (e outros experimentos envolvendo os fenômenos de campos de força em geral) com os acontecimentos estranhos e inexplicáveis na região que hoje tendem a se referir como o Triângulo das Bermudas, foi feita em um livro de 1964 por Vincent Gaddis, intitulado "*Invisible Horizons*" (Horizontes Invisíveis). Em grande parte, o próprio livro é um estudo excelentemente, muito bem documentado e detalhado de alguns dos estranhos desaparecimentos e outros eventos inexplicáveis que ocorreram no mar ao longo dos últimos 100 anos, e é altamente recomendado a qualquer pessoa interessada neste tópico em particular. Entretanto, é no último capítulo deste livro que estamos interessados. Porque é neste capítulo (intitulado "Existe uma resposta?") que Gaddis sugere que os resultados assustadores do Experimento Filadélfia não só puderam fornecer indícios do que está por detrás de alguns outros experimentos mais bem documentados, mas também sobre igualmente misteriosos desaparecimentos no mar de navios e tripulações.

Neste capítulo, Gaddis também apresenta algumas pistas até então inéditas, que presumivelmente constituem os frutos de suas próprias investigações sobre o assunto. Entre estas apareceu o seguinte item interessante (na página 219): "Será que Jessup voltou a encontrar-se com Allende? Nós não sabemos. Mas, no entanto, parece certo que obteve algumas informações adicionais. Jessup disse a amigos que um homem chegou na Marinha e disse o seguinte: 'Os senhores estão interessados em camuflagem? Emprestem-me um navio e eu vou mostrar-lhes a camuflagem perfeita.' Quando este homem subiu a bordo do navio experimental, ele estava carregando uma pequena caixa preta."

Gaddis também relata, aparentemente com base em uma entrevista com Gray Barker, que "um amigo próximo de Jessup... diz estar de posse dos documentos originais, 'que poderiam ajudar a

resolver o mistério'", e que este "amigo" já havia tentado encontrar Allende, sem sucesso.

O livro de Gaddis, que contém mais perguntas do que respostas estava longe de ser a última palavra sobre o assunto. Em 1967, a controvérsia foi subitamente despertada por um novo escritor relativamente sensacional em coisas inexplicáveis que se assina Brad Steiger. Na verdade, Steiger (nome verdadeiro: Olson) não tinha nada de novo a oferecer sobre o assunto. Seu interesse foi derivado do fato de que durante o curso de suas investigações sobre fenômenos estranhos tinha encontrado alguém que tinha uma cópia do microfilme da edição anotada da Varo do livro de Jessup. Espantado com o que lera, Steiger criou uma versão bastante sensacionalista da história, que foi publicada, juntamente com várias reproduções das páginas reais da edição de Varo, no número de novembro de 1967 da revista *Saga Magazine*.

Carlos Allende teria lido este relato por acaso e ter ficado muito preocupado. Analisando mais a fundo, logo Allende descobriu que Steiger, juntamente com à ocultista e pesquisadora Joan W. O'Connell, da Flórida, estava em processo de publicar um livro sobre OVNIs que incluiria esta versão de Steiger em um dos capítulos. Preocupado de que o livro podia colocar a Marinha em seu encalço outra vez, e não querendo publicidade, Allende disparou várias cartas furiosas ao publicador de Steiger, pedindo-lhe para suprimir a parte referente ao Experimento Filadélfia. As cartas tiveram o efeito contrário. Não só o livro apareceu nas prateleiras, mas a editora tinha ainda adicionado o nome de Allende ao título! O novo livro, chamado "*New UFO Breakthrough: The Allende Letters*" (Notícias revolucionárias sobre os OVNIs: As Cartas de Allende), apareceu em 1968. Allende, que por esta altura tinha ido se esconder, não se manifestou.

Um pouco antes, em 1967, um outro amigo do Dr. Jessup, Ivan Sanderson havia publicado um livro intitulado "*Uninvited Visitors*" (Visitantes não Convidados), em que discutia o Experimento Filadélfia e as cartas de Allende (embora, novamente não acrescentando nada de novo, exceto a sua opinião que "depois de muitos anos de pesquisa eu sinto que este é um assunto mais digno de uma investigação mais aprofundada do que qualquer outro que eu já vi").

Por este tempo Allende estava enfurecido com a publicidade indesejada (embora ele mesmo fosse um admirador de Sanderson), e revoltado com o fato de outros estarem lucrando com essa história, enquanto ele próprio passava necessidades. Então ele aparentemente elaborou um plano de vingança: admitir que tudo era uma farsa. Não só tal ação serve para embaraçar e desacreditar

aqueles que lhe tinham causado o problema, mas serviria também para diminuir as vendas do livro.

Assim, em junho de 1969, Carlos Miguel Allende dirigiu-se à sede da Organização de Pesquisa de Fenômenos Aéreos (APRO, a mais antiga e mais influente das organizações de investigação sobre OVNIs), em Tucson, Arizona, e "confessou tudo."

Tanto suas cartas para o Dr. Jessup como as anotações da edição da Varo, afirmou Allende, eram falsas, com o único objetivo de "assustar o Dr. Jessup". Embora o pessoal da APRO não soubesse na ocasião, Allende tinha ido primeiramente a própria Varo e começou a fazer estardalhaço para que o então presidente corporativo Austin Stanton lhe desse uma cópia do que ele disse ser "seu livro", bem como um pequeno pagamento. Assim equipado, ele foi para Tucson e com esse exemplar da edição anotada da Varo do "*The Case for the UFO*" (O Caso dos OVNIs), que ele apresentou para Jim Lorenzen da APRO com a "confissão" escrita no topo da segunda página do Apêndice:

> *"Todas as palavras, frases, e sentenças sublinhadas nas páginas seguintes, em tinta marrom são falsas. A página abaixo e parte superior da página seguinte consiste no maior e mais louco amontoado de mentiras [sic] que eu já escrevi. Objetivo? Incentivar a investigação da ONR e desencorajar o professor [sic] Morris K. Jessup de ir mais longe com as investigações que conduziriam possivelmente à investigação propriamente dita. Na época eu temia as pesquisas sobre invisibilidade e campos de força; agora não mais".*

Apesar de tudo, a confissão de Allende propositadamente não chega a dizer que o Experimento Filadélfia em si é uma farsa. O "desmentido" na edição da Varo foi redigido de modo a não incluir essa parte de sua carta para Jessup em que afirma que a experiência ocorreu. Na verdade, Lorenzen (que conversou com Allende por cerca de uma hora na privacidade de um automóvel estacionado) afirma que "Allende ainda acredita... que um navio dos EUA... desapareceu da sua doca na Filadélfia e segundos depois reapareceu na área de Norfolk Portsmouth, e depois tornou a desaparecer, surgindo mais uma vez em seu lugar de origem na Filadélfia." Allende também teria sugerido, prossegue Lorenzen, "que o incidente seria confirmado pelos marinheiros quem tripulavam o navio na época - alguns dos quais conhecia pessoalmente." A única parte das cartas incluídas na assim chamada "confissão" foi a primeira página e parte seguinte, que tratou dos bizarros efeitos posteriores do experimento sobre a tripulação do navio.

Com sua trama agora abalada e as sementes de sua vingança semeadas (ou assim ele pensava), Allende novamente desapareceu

da vista do público, aparentemente certo de que não o incomodariam mais.

A princípio seu plano funcionou. Em 1971, quando Paris Flammonde, o produtor da mostra "*Long John Nebel Show*" em Nova York durante muitos anos, falou sobre os eventos em torno da morte de Jessup, ele nem sequer mencionou nada sobre a morte de Allende. E, de fato, com exceção de um outro livro de Steiger. "*Mysteries of Time and Space*" (Mistérios do Tempo e do Espaço) – Nova York: DFell, 1973, a maioria dos outros autores do gênero, quando se referiam ao Experimento Filadélfia, falavam depreciativamente sobre ele. (Ver, por exemplo, F. H. Salisbury, "*The Utah UFO Display*" (A revelação do OVNI de Utah); Vincent Sladek em "*The New Apocryph*" (O Novo Apócrifo). E assim foi até meados de 1975, quando, com o lançamento do *bestseller* mundial "O Triângulo das Bermudas", toda a questão foi reaberta.

Este novo relato sobre o caso Jessup-Allende abordava o problema de um ângulo inteiramente novo. Ele continha um elemento essencial, que ninguém até aquele momento tinha sido capaz de fornecer: um testemunho!

A descoberta veio na pessoa do Dr. J. Manson Valentine, oceanógrafo, zoólogo, arqueólogo, e de longa data (desde 1945), estudante do Triângulo das Bermudas, e um amigo próximo do Dr. Jessup, durante o tempo que Jessup tinha residido na Flórida.

Jessup, sentindo-se cada vez mais deprimido e precisando de alguém para conversar, tinha passado uma grande parte do tempo com o Dr. Valentine nos meses que precederam sua morte trágica. E foi durante o curso dessas conversas que ele tinha se sentido apto a confiar-lhe muitos de seus pensamentos e sentimentos sobre o Experimento Filadélfia. Na verdade, Valentine foi muito possivelmente a última pessoa a conversar com Jessup antes de sua morte. Ele havia falado com seu amigo durante o dia de 20 de abril de 1959, e durante o curso da conversa, tinha convidado Jessup para vir jantar naquela noite. Jessup aceitou, mas nunca chegou.

*- Por que - ele pergunta - Jessup ia se matar?*

A resposta de Valentine foi inesperada e surpreendente.

*- Se ele cometeu suicídio - disse Valentine -foi provavelmente devido à extrema depressão. Ele havia recebido uma proposta da Marinha para continuar trabalhando no Experimento Filadélfia ou projetos semelhantes, mas tinha declinado!] ... Ele estava preocupado com suas perigosas consequências... talvez ele pudesse ter tido tempo de ser salvo. Ele ainda estava vivo quando foi encontrado... Talvez o tenham deixado morrer."*

Valentine afirmou que Jessup tinha pesquisado a questão do Experimento Filadélfia "com muito cuidado".

*- Você deve se lembrar - observou ele - que ele não era um escritor "popular", mas um cientista renomado e famoso.*

Valentine se lembrava de Jessup dizendo-lhe algumas coisas muito estranhas sobre o que tinha aprendido sobre este incrível projeto. O experimento, segundo ele, tinha sido realizado com o auxílio de geradores magnéticos do tipo usado pela Marinha, conhecidos como *desmagnetizadores*, e que foram "pulsados" em certas frequências de ressonância de forma a "criar um fortíssimo campo magnético bem em torno de um navio ancorado."

O Dr. Valentine é de opinião que Jessup estava bem informado sobre a realidade da Experiência Filadélfia e teve várias conferências com os oficiais da Marinha e outros cientistas empregados da Marinha sobre o assunto. Ele certa vez observou a Valentine:

*- A experiência é muito interessante, mas extremamente perigosa. Sacrifica demais as pessoas envolvidas. Este uso da ressonância magnética faz com que os corpos desapareçam temporariamente em nossa dimensão, mas o efeito tende a ficar fora de controle. Na verdade, é equivalente à transferência de matéria para um outro nível ou dimensão e seria uma das descobertas mais importantes da história da ciência, se fosse possível controlá-la.*

É muito importante notar que o que Valentine revela do experimento, com base em informações recebidas diretamente do Dr. Jessup, concorda quase totalmente com Allende, de que os resultados do experimento foram "surpreendentes", mas que a tripulação sofreu graves sequelas.

*- Quando a primeira experiência começou a fazer efeito - contou Valentine - "uma luz nebulosa verde tornou-se evidente, algo como os relatórios que temos dos sobreviventes dos incidentes no Triângulo das Bermudas, que dizem de uma névoa luminosa verde. Logo todo o navio estava cheio dessa nuvem esverdeada, e a embarcação, juntamente com o seu pessoal, começou a desaparecer da vista das pessoas até que só a sua linha d'água era visível." - Valentine afirma que antes de sua morte, Jessup acreditava que ele estava "à beira de descobrir a base científica para o fenômeno que estava acontecendo." A explicação, segundo ele, encontrava-se na Teoria do Campo Unificado de Einstein.*

Valentine escreveu:

*- Na prática, o efeito trata-se de campos eletromagnéticos da seguinte forma: No campo elétrico criado por uma bobina induz um campo magnético perpendicular ao primeiro; cada um desses campos representa uma dimensão do espaço. Mas uma vez que existem três planos do espaço, deve haver um terceiro campo, talvez um campo gravitacional. Usando geradores eletromagnéticos de modo a produzir um pulso magnético, pode ser possível produzir este terceiro campo*

*através do princípio da ressonância. Jessup me contou que pensou que a Marinha dos EUA tinha inadvertidamente descoberto o processo.*

Embora apenas uma pequena parcela deste tópico trate do Triângulo das Bermudas, a aparente história do Dr. Valentim criou uma verdadeira bomba, cujos resultados tende a diminuir. Aconteceu realmente? Segundo o relatório de Valentim sobre o que o Dr. Jessup lhe disse então, a evidência parece fortemente sugestiva. Em qualquer caso, a pressão pública sobre a
Marinha dos EUA para obter informações sobre o caso levou à criação de um formulário padrão (ver seção da placa), que é enviado rotineiramente para todas e todos os que perguntarem, e estima-se que uns US$ 2 milhões foram gastos tentando apagar o fogo provocado pela lenda.

Um policial resumiu sucintamente o problema da Marinha em lidar com a crescente maré de perguntas, afirmando que ele desejava que Allende ficasse invisível.

Embora apenas uma pequena parte de *O Triângulo das Bermudas* tratasse do assunto, a publicação da história do Dr. Valentine provocou uma verdadeira comoção. Estaria confirmada a veracidade das cartas de Allende? As declarações do Dr. Valentine parecem bastante convincentes. De qualquer forma, tantas pessoas escreveram para a Marinha dos Estados Unidos pedindo informações que o governo resolveu imprimir uma resposta padronizada, que é remetida automaticamente para todos os que indagam a respeito. Calcula-se que a Marinha já despendeu 2.000.000 de dólares tentando desmentir a história. Um oficial chegou a dizer que preferia que Allende tivesse ficado invisível.

Em um aparente esforço para jogar um pouco de água fria sobre o caso a revista Official UFO publicou um artigo em sua edição de abril 1976, escrito por um tal de B. R. Strong que alegou ser um amigo próximo do consultor e pesquisador Kevin D. Randle da APRO. Embora a história não esteja mal escrita, o autor faz basicamente o possível para desacreditar Allende, baseando-se principalmente na "confissão" a Lorenzen e em um testemunho algo duvidoso do Capitão Sherby, que segundo Strong havia sido entrevistado por Randle. O artigo não diz nada de novo, e na opinião de Allende contém "malditas mentiras." O fato de que o relato do Dr. Valentine não é mencionado não é particularmente significativo, já que o artigo pode ter sido escrito antes do lançamento de *O Triângulo das Bermudas*.

DEPARTMENT OF THE NAVY
OFFICE OF INFORMATION
WASHINGTON D.C. 20350

IN REPLY REFER TO
OI-2252A/JVV/dh

23 JUL 1976

Over the years we have received innumerable queries about the so-called "Philadelphia Experiment" or "Project" and the alleged role of the Office of Naval Research (ONR) in it. The frequency of these queries predictably intensifies each time the experiment is mentioned by the popular press, often in a science fiction book.

The genesis of the Philadelphia Experiment myth dates back to 1955 with the publication of The Case for UFO's by the late Dr. Morris K. Jessup, a scientist with a Ph.D. in astrophysics and a varied career background.

Some time after the publication of the book, Dr. Jessup received a letter by a Carlos Miquel Allende, who gave his address as R.D. #1, Box 223, New Kensington, PA. In the letter, Allende commented on Dr. Jessup's book and gave details of an alleged secret naval experiment in Philadelphia in 1943. During the experiment, according to Allende, a ship was rendered invisible and tele-ported to and from Norfolk in a few minutes, with some terrible after-effects for the crew members. Supposedly, this incredible feat was accomplished by applying Einstein's never-completed "unified field" theory. Allende claimed that he had witnessed the experiment from another ship and that the incident was reported in a Philadelphia newspaper. Neither the identify of Allende, nor that of the newspaper has ever been established.

In 1956 a copy of Jessup's book was mailed anonymously to Admiral Furth, the Chief of Naval Research. The pages of the book were interspersed with hand-written annotations and marginalia apparently made by three different persons as they passed the book back and forth among them. The notations implied a knowledge of UFO's, their means of motion and generally, the culture and ethos of the beings occupying these UFO's.

The book came to the attention of two officers then assigned to ONR who happened to have a personal interest in the subject. It was they who contacted Dr. Jessup and asked him to take a look at his book. By the wording and style of one of the writers of the notations, Dr. Jessup concluded that the writer was the same person who had written him about the Philadelphia Experiment. It was also these two officers who personally had the book retyped and who arranged for the publication, in typewritten form, of 25 copies. The officers and their personal belongings have left ONR many years ago, and we do not have even a file copy of the annotated book.

The Office of Naval Research never conducted an official study of the manuscript. As for the Philadelphia Experiment itself, ONR has never conducted any investigations on invisibility, either in 1943 or at any other time. (ONR was established in 1946.) In view of present scientific knowledge, our scientists do not believe that such an experiment could be possible except in the realm of science fiction. A scientific discovery of such import, if it had in fact occurred, could hardly remain secret for such a long time.

I hope this provides a satisfactory answer to your inquiry.

Sincerely,

Betty W. Shirley

BETTY W. SHIRLEY
Head, Research and Public
Inquiries Section

Carta oficial enviada pelo Departamento da Marinha às pessoas que pedem informações sobre o Experimento Filadélfia.

Departamento da Marinha

Informação Oficial

Ao longo dos anos temos recebido inúmeras consultas sobre a cha
"Experiência Filadélfia" ou "Projeto Filadélfia" e do papel do Escritó
Pesquisa da Marinha (ONR) no caos. Esse volume de consultas se inte
cada vez que o experimento é mencionado pela imprensa popular, geral
em um livro de ficção científica.

O mito da "Experiência Filadélfia" remonta a 1955 com a publica
"*The Case for the UFO's* " (O Caso dos OVNIs), de autoria do faleci
Morris K. Jessup, um cientista com Ph. D. em astrofísica e interesse ba
ecléticos.

Algum tempo depois da publicação do livro, o Dr. Jessup recebe
carta de Miguel Carlos Allende, que deu como endereço R. D. 1, Bo
New Kensington, Pensilvânia. Na carta, Allende comenta sobre o livro
Jessup e fornece detalhes do suposto experimento secreto realizad
Marinha em Filadélfia no ano de 1943. Durante e experimento, se
Allende, um navio foi feito invisível e teletransportado para Norfolk
volta para Filadélfia em poucos minutos, com alguns terríveis
posteriores entre os membros da tripulação. Supostamente, ainda de
com Allende, este feito incrível fora conseguido através da aplicação d
experiência nunca concluída, a "Teoria do Campo Unificado" de Ei
Allende afirmava que havia testemunhado a experiência de outro navio
o incidente foi relatado em um jornal da Filadélfia. Mas nem a identif
de Allende, nem a qual jornal se referia jamais foram estabelecidas.

Em 1956 a cópia do livro de Jessup nos foi encaminhada pelo
anonimamente para o Almirante Furth, o chefe de Pesquisa Naval. As p
do livro foram intercaladas com anotações manuscritas, aparentemente
por três pessoas diferentes que fizeram suas anotações enquanto passav
enviavam o livro umas às outras. As notações sugeriam que os autores t
conhecimento de OVNIs, seus meios de propulsão e, em geral, a cultu
comportamento dos seres que ocupavam estes OVNIs.

O livro chamou a atenção de dois oficiais do Escritório de Projetos
Especiais

(ONR), que passaram a ter um interesse pessoal no assunto. Foram eles
contataram o Dr. Jessup e pediram-lhe para dar uma olhada no livro
estilo e pelo texto das notações de um dos autores, o Dr. Jessup conclu
era a mesma pessoa que tinha escrito para ele sobre o Experimento Fila
Foram também estes dois oficiais que, por iniciativa própria, man
datilografar o livro e providenciaram 25 exemplares da publicação, inc

a série completa das anotações. Os oficiais deixaram o Escritório de Pr Especiais há muitos anos, e não temos mais nenhuma cópia em arqui livro anotado.

Os oficiais do Escritório de Projetos Especiais nunca realizara estudo oficial do manuscrito. Quanto ao Experimento Filadélfia em Escritório de Projetos Especiais jamais realizou qualquer investiga respeito de invisibilidade, seja em 1943 ou em qualquer outra ocasiã Escritório de Projetos Especiais foi criado em 1946). Em vis conhecimento científico atual, nossos cientistas não acreditam que esse t experimento poderia ser possível, exceto no reino da ficção científica descoberta científica de tal importância, se tivesse de fato oc dificilmente poderia permanecer em segredo por tanto tempo.

Espero que este documento forneça uma resposta satisfatória à sua consulta.

Atenciosamente,

Betty W. Shirley
Chefe da Seção de Pesquisa e Consultas Pú

O assunto veio à tona novamente no recente livro de Berlitz. "*Without a Trac*e" – Doubleday, 1977 (Sem Deixar Vestígios):

> *Em meados de abril de 1959, Jessup disse a Valentine que tinha chegado a algumas conclusões definitivas sobre a série de reações pertinentes ao Experimento Filadélfia e que preparava um resumo por escrito que queria discutir com o amigo. O Dr. Valentine convidou-o para jantar. O convite era para a noite de 20 de abril.*
>
> *Jessup nunca veio para o jantar. Em algum momento antes de 18:30, Jessup, de acordo com relatórios da polícia, dirigiu seu carro para Matheson's Hammock, um Parque no condado de Dade... e aparentemente cometeu suicídio.... Notas ou manuscritos não foram mencionados no relatório da polícia. Mais tarde, um policial informou ao Dr. Valentine que nenhum papel foi encontrado dentro do carro.*

Berlitz continua a afirmar em relação ao Experimento Filadélfia que se "um número de pessoas dentro e fora da Marinha declaram lembrar o incidente e estão mesmo dispostos a fornecer informações mais detalhadas sobre isso, contanto que seus nomes

não sejam mencionados" - uma condição com a qual todos os investigadores desse mistério podem compreender totalmente.

Mas supondo que tal experimento havia sido realmente planejado e executado... poderia ter, mesmo que parcialmente, tido sucesso? Um exame da teoria científica envolvida pode oferecer uma solução possível.

# CAPÍTULO 7

## A Conexão Einstein

Se devemos acreditar no testemunho de Carlos Allende e do Dr. Valentine, então os fundamentos do projeto Experiência Filadélfia podem ser encontrados em uma teoria científica bastante obscura e altamente complexa, formulada primeiramente pelo Dr. Albert Einstein e conhecida como a Teoria do Campo Unificado (TCU). Allende, em sua segunda carta ao Dr. Jessup, começa por dizer que o Dr. Einstein publicou pela primeira vez essa teoria no período 1925-1927, e que então 'interrompeu' o trabalho por preocupações, para o que Allende se refere, "humanísticas". Embora Allende não especificamente explique o que ele quer dizer com esta palavra "humanísticas", presumivelmente o que ele está tentando dizer é que o Dr. Einstein foi capaz de prever algumas aplicações possíveis dessa teoria e que ele chegou a temer alguma forma de uso perigoso. De acordo com Allende, Einstein teria discutido estes medos com seu amigo Bertrand Russell e Lord Russell concordou com ele.

Como Allende não se mostrou disposto a divulgar sua fonte de informação sobre esse aspecto do nosso tema, ficamos com as alternativas de buscar a verdade por conta própria, ou aceitar a sua palavra sobre o assunto. É verdade que comprovar uma afirmação como esta não é tarefa fácil, embora as pessoas envolvidas sejam famosas, mas uma tentativa razoavelmente completa foi feita e resultou em várias informações interessantes, entre eles o seguinte:

1. Dr. Einstein, de fato, realmente formulou uma versão de sua "Teoria do Campo Unificado para Gravitação e Eletricidade" no período 1925-1927. Os resultados, publicados em alemão, apareceram em revistas científicas prussianas de 1925 e 1927. Allende também está correto em afirmar que este trabalho foi "dado como incompleto", embora nenhuma razão tivesse sido justificada, exceto que o Dr. Einstein não estava satisfeito. Significativamente, a teoria não reaparece até 1940, *depois* que o pacifista Dr. Einstein já havia se convencido de que a ameaça nazista devia ser destruída a qualquer custo e que a guerra contra a Alemanha era moralmente justificável sob tais circunstâncias. Além disso, a evidência que trataremos mais tarde, indica fortemente que 1940 era o ano que a Marinha começou a trabalhar no projeto que se tornou a Experiência de Filadélfia.

2. Einstein foi realmente amigo de Bertrand Russell,

especialmente no período após a Segunda Guerra Mundial, e frequentemente havia discutido pacifismo com ele. Ambos tinham horror à tendência de a humanidade usar os avanços científicos para fins de autodestruição, e ambos dedicaram uma parte substancial de seus esforços e finanças pessoais para a causa da paz mundial.

Segundo Allende, Lord Russell considerou a Teoria de Campo Unificado de Einstein completa, mas sentiu que "o homem não está preparado para ela e não estará até a Terceira Guerra Mundial", e que os cálculos de Einstein a respeito dos "ciclos de civilização e progresso do homem em comparação com o desenvolvimento de [seu]... caráter foram o suficiente para horrorizá-lo." Estas declarações são certamente compatíveis com a personalidade desses dois homens e suas atitudes para com a humanidade e a paz mundial. Banesh Hoffmann e Helen
Dukas (que foi secretária pessoal de Einstein), por exemplo, relatam o seguinte em seu livro *Albert Einstein, Creator and Rebel* (Albert Einstein, Criador e Rebelde de) – Nova York: The Viking Press, 1972:

> *...quando a bomba explodiu em Hiroshima, seus piores temores se concretizaram. Seu horror da bomba cair em mãos de ditadores ou de democráticos, pesava em sua consciência. Não porque ele tinha escrito urgentemente para Roosevelt em 1939, quando ele temia que os nazistas iriam desenvolver a arma primeiro e depois controlar o mundo. Não porque, com toda a inocência, ele tinha proposto a fórmula $E = mc^2$ em 1907. Não por estas razões, mas porquê... ele sentiu uma obrigação moral de usar sua influência ao máximo para tentar conservar a humanidade dos horrores que, a despeito de Hiroshima e Nagasaki, ainda era incapaz de compreender.*

Certamente não é muito longe presumir que ele tinha o mesmo sentimento sobre os potenciais ainda mais terríveis de sua Teoria do Campo Unificado.

Quanto a Lord Russell, pelo menos um de seus biógrafos (Roland Clark) relata que de alguma forma foi permitido ao filósofo ver, pouco depois da Segunda Grande Guerra, um relatório da Alta Inteligência Secreta Britânica que relatava o "desenvolvimento de novas armas", e que o que ele leu o chocou tão profundamente que ele se sentiu obrigado a ir a imprensa para realizar um "manifesto pela paz mundial", com a esperança de que todos os pensadores de destaque na Terra o assinassem. Einstein concordou em assinar tal documento pouco antes de morrer.

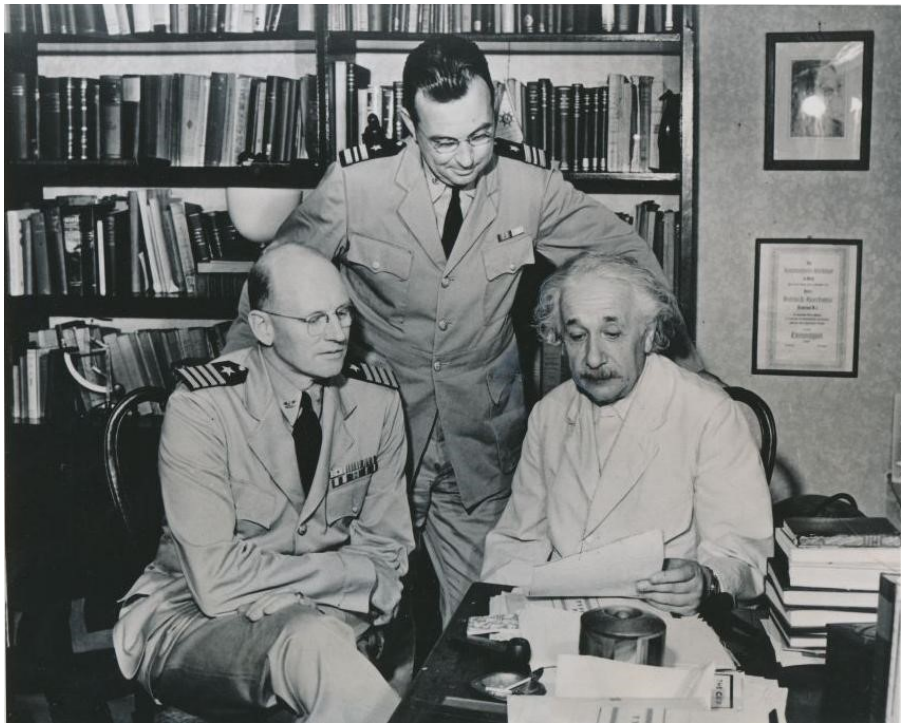
Como Einstein, o Dr. J. Robert Oppenheimer, muitas vezes

considerado como o "padrinho da bomba atômica" também manifestou reservas a respeito do seu emprego, embora não se sabe se ele algum dia chegou a interromper ou destruir a pesquisa que parecia estar bem avançada, por considerá-las perigosas para a humanidade. Sabemos, porém, o que pensou quando viu a primeira bomba explodindo em Alamogordo, em 1945. Conta Oppenheimer que imediatamente lhe ceio à cabeça a passagem do antigo épico hindu, o Mahabharata:

Se o brilho de mil sóis
explodisse ao mesmo
tempo no céu, isso seria
como o esplendor do
Poderoso ...
Eu me tornaria a Morte
O destruidor de mundos.

A ideia de que Einstein destruiu documentos antes de sua morte também é interessante, embora nunca comprovado, só ficando no estágio de rumores. Uma dessas histórias conta que alguns meses antes de sua morte, Einstein tinha queimado papéis relativos a algumas de suas teorias mais avançadas sobre o fundamento de que o mundo não estava preparado para essas coisas, e seria melhor ficar sem elas. Presumivelmente, essas coisas tinham a ver com suas conclusões a respeito de sua Teoria do Campo Unificado e a prática das possíveis aplicações do mesmo.

3. Em 1943, durante o tempo em que Allende afirma haver presenciado o Experimento Filadélfia, o Dr. Einstein foi contratado pela Marinha dos EUA como consultor científico para o Bureau of Ordnance (Departamento de Material Bélico) - foi a organização da Marinha dos EUA responsável pela a aquisição, armazenamento e distribuição de todas as munições navais. Os Registros do Escritório de Administração de Serviços Gerais, em Saint Louis, mostram que Einstein esteve empregado "de forma intermitente, sob um Contrato de Serviços Especiais do Departamento da Marinha, em Washington, DC, como *cientista*, a partir de 31 de maio de 1943 a 30 de junho de 1944."



Albert Einstein em conferência com oficiais da Marinha, sobre seu estudo, em Princeton, Nova

Jersey, em 24 de julho de 1943. **(*National Archives*)**

Comentários do próprio Einstein a respeito de seu trabalho para a Marinha são escassos, mas interessante. Clark, em julho de 1943, cita-o como tendo escrito a seu amigo Gustav Buckley dizendo que "enquanto a guerra durar e eu trabalhar para a Marinha, não quero começar qualquer outra coisa nova." Em agosto, ele novamente escreveu para Buckley, dizendo que ele tinha desenvolvido "relações mais estreitas com o Escritório de Pesquisa e Desenvolvimento Científico da Marinha, em Washington." Naquele mesmo mês, o Dr. Vannevar Bush nomeou-o para "um comitê onde parecia... que suas habilidades em particular seriam mais aproveitadas." Mas nem a natureza exata deste "comitê", nem as habilidades envolvidas foram alguma vez mencionadas.

Uma consulta ao Dr. Otto Nathan, consultor financeiro de Einstein e executor de seu espólio em Nova York, a propósito do grau de envolvimento do Dr. Einstein com a Marinha, produziu uma resposta bastante confusa.

- Einstein - disse ele - ...tornou-se um consultor do Departamento de Material Bélico da Marinha [sic] em 1943 e, tanto quanto sabemos, terminou seu trabalho na Marinha algum tempo antes do fim da Guerra... Caso esteja interessado em mais detalhes, sugiro que você entre em contato com o Departamento da Marinha, em Washington. Como o trabalho de Einstein não era de maneira nenhuma secreto, eles podem estar aptos para lhes dar mais informações sobre o trabalho de consultoria que ele fazia, e do que fomos capazes de obter [com eles] quando preparamos o [nosso] livro para publicação.

Se o leitor ainda não está confuso, ficará agora, pois a mesma frase que nos diz que o trabalho de Einstein para a Marinha "não era secreto" por que a Marinha não estava disposta a falar sobre isso?

Memórias de pessoas supostamente empregadas no projeto e de outros envolvidos em proteger ou assistindo Einstein oferecem neste momento informações adicionais, ao mesmo tempo fascinantes e inquietantes. Havia, por exemplo, uma Senhorita Blake, uma segunda secretária locada entre a entrada do escritório de Einstein em Princeton, e o escritório do Dr. Oswald Weblen, um matemático, cuja função era fazer anotações. Embora o escritório de Princeton parece não ter registro de seu emprego.

Parece também que Einstein não só estava envolvido com as equações do projeto, mas esteve em no contato real com a própria experiência.

De acordo com um relatório, quando o primeiro teste "falhou", oficiais da Marinha trouxeram Einstein pessoalmente ao local e, em uma espécie de confrontação científica, que pode ser expressa por: "Agora que você já viu o que acontece, o que temos feito de errado?" Passou a reavaliar o experimento por meio de consultoria no próprio

local. Enquanto Einstein estava ausente de Princeton, um casal foi designado para ocupar o seu cargo, devidamente verificado e observado pela Senhorita Blake, que pode ou não ter tido conhecimento da substituição.

4. O que dizer da Teoria do Campo Unificado em si? É praticamente impossível discuti-lo em termos não-técnicos, mas as linhas gerais da teoria são explicadas matematicamente por meio de um único conjunto de equações (presumivelmente a partir do qual uma lei física poderia ser derivada) as interrelações entre as três forças básicas universal: eletromagnética, gravitacional e nuclear. (Curiosamente, em 1974 a descoberta simultânea em Nova York e na Califórnia de duas partículas elementares da matéria, conhecida como partículas J ou psi, parece sugerir que pode haver uma quarta força universal "fraca" que pode estar relacionada à gravidade da mesma forma que a eletricidade está relacionada com o magnetismo. Se tal "campo" seria interdimensional ou "relacionado com o tempo" ainda não é conhecido.) De qualquer forma, presumindo que essa teoria poderia ser completamente desenvolvida, também teria de incorporar a luz, as ondas de rádio, o magnetismo puro, os raios-X, e até mesmo a própria matéria em suas equações finais. A enorme complexidade de um problema pode ser vislumbrada quando se considera que Einstein passou a maior parte de sua vida em busca desse objetivo, e, anos mais tarde, já idoso, queixava-se com frequência de que ele não tinha conhecimento matemático o suficiente para completar a tarefa.

Já em 1916, Einstein estava ocupado explorando a possibilidade de que a gravidade não é realmente uma "força" em tudo, mas sim uma das propriedades observáveis do próprio "espaço tempo" - a força que sustenta e governa todas as outras forças que consideramos ser "nosso universo". Indo um passo adiante, ele especulou que o que conhecemos como substância, ou "matéria", é na realidade apenas um fenômeno local exibido por áreas de extrema concentração do campo de energia. Em termos mais simples, Einstein encarava a *matéria* como um *produto da energia* e não o contrário, e ao fazê-lo, se atreveu a rejeitar o conceito tradicional de que as duas são entidades separadas e que coexistem paralelamente.

Durante os próximos 39 anos, até sua morte em 1955, na idade de 76 anos, Einstein continuou a aperfeiçoar este conceito, ocasionalmente alterando seu ponto de vista, mas nunca abandonando a sua premissa básica de que a gravidade poderia ser matematicamente provada ser diretamente relacionada a outras formas de energia, principalmente eletromagnetismo. Levando este conceito à sua conclusão lógica (com desculpas para a simplificação grosseira é necessário fazer um ponto): uma vez que é demonstrável que a eletricidade pode ser facilmente obtida a partir de um campo

magnético (o princípio do gerador elétrico comum) e que os campos magnéticos podem ser facilmente derivados dos elétricos (eletroímãs industriais, por exemplo), então logicamente, se a gravidade está relacionada a estes outros campos, deve ser possível obter (ou anular) um campo gravitacional através de algum tipo de interação um com ou outro, ou com os outros dois.

Praticamente todas as vantagens de nosso modo de vida do século XX, de automóveis a torradeiras e fornos de micro-ondas, são baseadas em nosso aprendizado nos anos finais dos últimos séculos, e como fazer com que as interações entre eletricidade e magnetismo trabalhassem para nós como uma fonte de energia. Entretanto, até este ponto, somos informados de que qualquer relação entre o terceiro lado desse triângulo e os outros dois foi demonstrada.

Mais de 20 anos depois da morte de Einstein, muito do trabalho de sua vida ainda permanece em grande parte incompreensível, até mesmo para os estudiosos mais brilhantes de nossa época. Em geral, a ciência ortodoxa na década de 1970 tende a reconhecer uma pequena ligação ou "efeito de acoplamento" entre as forças eletromagnética e gravitacional, mas poucos cientistas chegaram a especular quanto às aplicações deste efeito. Embora, não oficialmente, se suspeite que alguns avanços significativos nesta área ainda permaneçam escondidos sob o abominável rótulo de "ultrassecreto". (Os autores, por exemplo, conhecem um estudo muito interessante sobre a possibilidade de produzir "raios gravitacionais" usando a tecnologia a *laser* e usar estes raios praticamente indetectáveis como forma de transmitir informações de um ponto para outro.)

Einstein via o universo como uma criação ordenada e coerente. Ele foi incapaz de acreditar que as leis físicas que regem a perfeição de Deus poderia ser uma coleção caótica de equações independentes. "Deus", disse ele, "não joga dados com o mundo." Assim, as forças do Universo devem representar um conjunto ordenado e coerente, que, com o auxílio de técnicas adequadas, pode ser retratada, em maior ou menor grau, em termos matemáticos.

Curiosamente, Einstein ficou praticamente sozinho em perseguindo este objetivo. Hoje a maioria dos cientistas está ocupada demais com as pesquisas experimentais que pouco se preocupam com a rigorosa ginástica mental necessária para explorar os fundamentos subjacentes à Teoria do Campo Unificado, para não mencionar o fato de que a tarefa é espantosamente difícil e demorada e muitas vezes não muito gratificante. É, infelizmente, uma das realidades duras da vida científica, de que as pesquisas que produzem resultados "palpáveis" tendem a ser mais rentável do que as pesquisas que leva apenas a teorias. Complicando ainda mais a tarefa é o fato de que muitos cientistas hoje acham que Einstein estava perseguindo um

objetivo inexistente na tentativa de obter ordem do caos. (Dizem que Wolfgang Pauli, um físico que desistiu de trabalhar na física do Campo Unificado, é dito ter brincado com uma reflexão de seu desgosto: "O que Deus separou em pedaços, nenhum homem pode unir.")

Talvez nunca venhamos a saber até que ponto Einstein foi bem sucedido, uma vez que tão poucos são capazes de compreender exatamente o que ele estava fazendo até morrer. Se o Experimento Filadélfia conseguiu confirmar algumas de suas posições teóricas, o conhecimento foi tão reprimido que até hoje seus conceitos de uma Teoria do Campo Unificado são considerados mais como um objetivo do que como teoria real. Apesar do fato de que menos de dois anos antes de sua morte Einstein anunciou o que ele se referiu como "altamente convincente", resultado de sua busca para encontrar uma prova matemática da conexão entre as forças do eletromagnetismo e da gravidade. Mantendo-se em mente as declarações de Allende a respeito de que a Teoria do Campo Unificado de Einstein estava completa em 1925, é significativo notar que esta última teoria foi realmente muito próxima da versão anterior, que Allende diz que foi "paralisada" por razões de "humanísticas".

Em física, a equação de campo de Einstein ou a equação Einstein é uma equação na teoria da gravitação, chamada relatividade geral, que descreve como a matéria gera gravidade e, inversamente, como a gravidade afeta a matéria. A equação do campo de Einstein se reduz à lei da gravidade de Newton no limite não-relativista, isto é, à baixas velocidades e campos gravitacionais pouco intensos.

O sentido desta teoria, na equação, a gravidade se dá em termos de um tensor métrico, uma quantidade que descreve as propriedades geométricas do espaço-tempo tetradimensional. A matéria é descrita por seu tensor de energia-momento, uma quantidade que contém a densidade e a pressão da matéria. Estes tensores são tensores simétricos 4 x 4, de modo que têm 10 componentes independentes. Dada a liberdade de escolha das quatro coordenadas do espaço tempo, as equações independentes se reduzem a 6 (ou seja, a teoria é uma sequência de 16 caracteres extremamente complexos (representado por um tipo avançado de taquigrafia matemática conhecido como equações de campo de Einstein). A força de acoplamento entre a matéria e a gravidade é determinada pela constante gravitacional universal. E de acordo com aqueles que estudaram a versão revista, não há nenhuma maneira satisfatória para explicar esta teoria final em termos simples, uma vez que é tão intensamente matemática em seus conceitos. E, para complicar o problema, o próprio Einstein afirmou que suas equações não eram necessariamente sua forma final, tornando assim a tarefa de tentar reconstruir seu esforço duplamente difícil. Uma coisa que surge, curiosamente, é o conceito de que um

campo gravitacional puro pode existir sem um campo eletromagnético, mas um campo eletromagnético puro não pode existir sem um campo gravitacional que o acompanhe.

Pouco foi adicionado aos cálculos de Einstein desde sua última revisão em 1953, e na verdade pode ser que se passem muitos anos mais, antes que algo novo seja adicionada, uma vez que não há nenhuma maneira fácil de resolver as equações envolvidas. O trabalho experimental que ignora equações em favor de resultados será mantido em segredo ou ignorado, e os computadores são de ajuda limitada, já que não são projetados para resolver problemas de uma natureza tão abstrata.

De interesse neste momento, no entanto, é uma pequena nota em uma matéria da edição do *New York Times* que saiu no número de abril de 1956, afirmando que um tal Dr. Parvis Marat, físico da Universidade de Maryland, tinha “confirmado parcialmente a famosa Teoria do Campo Unificado do falecido Dr. Albert Einstein," e que" a teoria mais recente e radical de Einstein havia passado com nota dez em uma série de testes críticos em navios que atendiam às necessidades científicas." A natureza desses “testes críticos” não fora revelada.

Mas, no entanto, por mais interessantes que as conclusões teóricas possam ser, tem demonstrado resultados práticos para impressionar o homem comum. Foram estes os resultados obtidos em 1943, quando a Marinha tentou utilizar alguns dos princípios que acabamos de discutir para tornar e, talvez, de teletransportar um navio invisível que Allende afirmava ter testemunhado? Será que a experiência de alguma forma deu errado e produziu resultados desastrosos inesperados - talvez resultando em um tipo que, se podemos acreditar nas declarações feitas à Davis e Huse em Colorado, pode até mesmo ter incluído o contato com seres extraterrenos?

Allende estava certo quando deu a entender nas palavras finais de sua última carta ao Dr. Jessup, que os resultados da experiência secreta da Marinha podem ter algo a ver com a propulsão dos OVNIs? Ou tudo foi apenas uma "miragem" de algum tipo - talvez um daqueles "navios fantasmas" que aparecem e desaparecem à vontade nas névoas do oceano?

Nossa busca por uma resposta nos leva agora aos lados do Arquivo Nacional em Washington, DC.

# CAPÍTULO 8

## Os Arquivos Indescritíveis

Um dos maiores problemas que um investigador tem que enfrentar é o de tentar verificar se as informações que recebeu estão corretas. Se a estranha história de Allende é verdadeira - se é que o *DE 173* se tornou invisível como ele diz, e se a experiência foi testemunhada a partir do convés do *S.S. Andrew Furuseth* - então, na falta de confirmação do nome real do projeto, talvez uma das melhores maneiras para tentar aprender mais sobre isso é o de verificar os arquivos disponíveis do governo sobre os navios envolvidos. Mais uma vez, no entanto, o que começou como um esforço honesto para desacreditar a história termina com a descoberta de fatos que parecem fazer exatamente o oposto.

Para começar, parece haver não um, mas dois navios chamados *S.S. Andrew Furuseths*. A primeira, um cargueiro de minério no Pacífico que ainda é, aparentemente, operacional, mas que pode ser efetivamente eliminado da nossa investigação, uma vez que não estava em serviço até depois da Segunda Guerra Mundial. O segundo, um navio Liberty, cai muito bem com a informação de Allende.

O nome Andrew Furuseth foi realmente sugerido à comissão Marítima dos Estados Unidos como um nome para um navio pelo Sindicato dos Marinheiros do Pacífico em julho de 1942 como uma honra apropriada ao fundador da organização e presidente de longa data. O próprio navio foi lançado em outubro do mesmo ano com o nº 491 no casco do Estaleiro Nº 1 da Divisão da Permanente Metals da Kaiser Industries, em Richmond, Califórnia. Como Allende declarou corretamente na carta para Jessup, logo após o lançamento, o navio foi alugado para a Companhia Matson Navigation, de São Francisco - uma empresa que devia a operar pelos quatro anos seguintes. Em 19 de outubro o *Furuseth* zarpou daquela cidade com destino a uma viagem de cinco meses para levá-lo à zona de guerra no Pacífico. Em março de 1943, no entanto, encontrou-se na Ilha do Pacífico Luganville, enfrentando depois ordens para rumar para o Atlântico, onde havia escassez de embarcações para abastecer a África do Norte. Registros da Matson indicam que a longa viagem através do Canal do Panamá foi iniciada em 14 de março, e que o *Furuseth* finalmente chegou no porto de Nova York em 6 de maio. Vinte e dois dias depois, após

uma revisão breve, o *Furuseth* partiu de Nova York em comboio para Oran, Argélia, onde chegou com segurança em 17 de junho.

Depois de passar por Mosteganem e Gibraltar, ele novamente chegou a Nova York em 23 de julho para outra estadia de três semanas. Em 13 de agosto de 1943, o *Furuseth* deixou Nova York para começar uma viagem pela costa até as instalações do Porto de Norfolk-Newport News - para ser carregado outra vez para outra viagem através à África. É aqui que começamos a nos interessar por essa história, porque um dos novos membros da tripulação nesta viagem é um jovem recém-saído da escola de marinheiros que assina sob o nome de Carl M. Allen. De particular interesse é o fato de que, ao invés de embarcar no *Furuseth* em Nova York, o rapaz recebe permissão para se juntar ao navio em Norfolk, e assim faz a viagem por terra, parando - uma noite para dormir na Filadélfia, antes de seguir caminho. Allen chegou a Norfolk na manhã do dia 16, a tempo de embarcar no *Furuseth* antes do navio sair do porto de Newport News às 10:18 do mesmo dia, em sua terceira viagem como parte de um comboio com destino a Casablanca.

Em 04 de outubro o *Furuseth* encontra-se novamente na doca de Newport News para reparos e recarregamento - um processo que leva até 25 de outubro. Nessa data, ela novamente parte para a África do Norte (desta vez para Oran) e, novamente, Carl M. Allen aparece na lista dos tripulantes. O navio chegou a Oran em 12 de novembro, e só voltou aos Estados Unidos em 17 de janeiro de 1944. Poucos dias depois, o tripulante Carl M. Allen deixou o *Furuseth*. Ele acabou sendo transferido para outro navio - o *S.S. Newton D. Baker*.

O *DE 173* é conhecido como o destroier de escolta U.*S.S. Eldridge*, e os registros oficiais indicam que o navio tinha uma história bastante monótona. Informações contidas nestes registros indicam que a construção do *Eldridge* foi iniciada em 22 de fevereiro de 1943 pela empresa de construção naval Federal Shipbuilding and Drydocks Co., Newark, Nova Jersey. O navio tinha um comprimento de 306 pés e um deslocamento de 1.240 toneladas (meia carga) e 1.520 toneladas de carga máxima. Cinco meses depois, em 25 de julho, somos informados que o navio foi lançado. A cerimônia oficial de comissionamento[6] ocorreu em 27 de agosto no Arsenal de Marinha de Nova York, no momento em que o tenente Charles R. Hamilton. U.S.N.R., assumiu o comando.

A história subsequente do navio é contada da seguinte forma nos registros do Departamento da Marinha:

Estaleiros e Doca Seca da Federal Shipbuilding, em Newark, Nova Jersey, onde o *U.S.S. Eldridge* (DE *173*) foi construído. Esta foto foi mantida sob sigilo pela Marinha durante 22 anos **(*National Archives*).**

Base Naval de Norfolk, Virginia.

Destroier U.S.S. Eldridge (DE 173), em 12 de setembro de 1943. **(*National Archives*)**

*Sem perda de tempo, durante o mês de setembro o U.S.S. Eldridge se juntou às operações de serviço de escolta na área das Bermudas, Índias Ocidentais Britânicas (este termo era usado para descrever as ilhas e em torno do Caribe, que faziam parte da Inglaterra). Ele continuou nesta tarefa até 28 de dezembro, quando tirou um tempo para um período de treinamento de três dias nas proximidades da ilha Block. Da área da Ilha Block, ele passou ao longo da costa de Hampton Roads, Virgínia, para esperar lá sua primeira missão ultramarina internacional em alto-mar. Após breves missões de patrulha que o levaram para a Baía de Chesapeake durante a primeira semana de janeiro de 1944, o navio partiu para a África como uma das unidades de um grande comboio de navios mercantes...*

*Entre 04 de janeiro de 1944 e 9 de maio de 1945, o Eldridge executou temporariamente a tarefa vital de trazer os homens e materiais do Mediterrâneo para apoiar as operações aliadas na África do Norte e na Europa Meridional. Ao todo, o navio atravessou o Atlântico nove vezes, escoltando comboios para Casablanca, Bizerte e Oran.*

Depois do serviço no Atlântico, o *Eldridge* foi transferido para o Pacífico, onde permaneceu até o fim da guerra. Ao retornar a Nova York, ele foi colocado fora de combate em 17 de junho de 1946, e permaneceu na reserva até 05 de janeiro de 1951, quando foi vendido no âmbito do Programa de Defesa Mútua de Assistência à Grécia. Lá, ele foi renomeado Leon ("leão"), e pode estar ainda em serviço. Tudo soa tão normal que um oficial dificilmente seria motivado a procurar mais sobre o assunto, se não fosse pela história de Allende sobre o navio. No entanto, após análise subsequente à luz da história de Allende, nesta história oficial do *Eldridge* encontramos várias omissões e contradições.

Para começar: Se o *Eldridge* e o *S.S. Furuseth* poderiam ter estado no mesmo lugar, mesmo por tão pouco tempo em uma única data durante o período em que Carl M. Allen era membro da tripulação do *Furuseth*, então no mínimo, há uma possibilidade de que sua história seja verdadeira. Por outro lado, se não houver prova que tal similaridade das posições pode ter acontecido, então o conto de Allende está seriamente (e talvez fatalmente) danificado. O primeiro indício de que nem tudo estava como deveria ser veio quando Moore tentou verificar este aspecto do mistério, tentando obter cópias dos diários de bordo dos dois navios em questão.

O resultado de tal pedido foi a surpreendente descoberta de que: (1) o registro do convés do *Eldridge* para o período compreendido

entre a data do comissionamento (27 de agosto de 1943) e 01 de dezembro de 1943, haviam sido "perdidas; e, portanto, indisponíveis", e (2) os diários de bordo do *Furuseth* tinham sido "destruídos por ordem superior" e, portanto, não existem mais.

Uma vez que o único período de tempo na história destes dois navios, que é de interesse para esta investigação, é o tempo durante o qual Allende serviu a bordo do S.*S. Furuseth* - ou seja, cerca de 13 de agosto de 1943 até 30 de janeiro de 1944, o próximo passo foi a tentativa de chegar a certas conclusões incompletas e puramente provisórias, com base em um exame das informações já disponíveis até o momento. Tal exame parecia indicar o seguinte:

De acordo com registros ainda de posse da Matson Navegation Company, o *Furuseth* fez duas viagens à África do Norte durante este período: o primeiro foi em 13 de agosto de 1943, quando o *Furuseth* deixou Nova York para velejar com destino à África do Norte, com escala em Norfolk; e a segunda, em 25 de outubro de 1943, quando ele partiu de Lynhaven Roads, Virgínia (área perto de Norfolk), com destino a Oran, Argélia. A primeira viagem de Allende só começou a partir de 16 de agosto, quando ingressou no navio em Norfolk, depois de passar um fim de semana na Filadélfia. A segunda terminou com a chegada do *Furuseth* em Hampton Roads em 17 de janeiro de 1944, e sua saída do navio, alguns dias depois.

Segundo a história oficial do Departamento da Marinha sobre o *Eldridge*, o navio foi lançado em 25 de julho de 1943, em Newark, Nova Jersey, e comissionado em 27 de agosto de 1943, no Arsenal de Marinha de New York. O teste de cruzeiro do navio[7] começou no início de setembro, e ocorreu na área das Bermudas, nas Índias Ocidentais Britânicas, e durou até 28 de dezembro. Esses mesmos registros indicam que sua primeira viagem ao exterior começou em 4 de janeiro de 1944, e terminou em 15 de fevereiro de 1945 com a sua chegada no porto de Nova York

Se quisermos basear as nossas conclusões sobre este material oficial, então os dois navios não parecem ter estado próximos um do outro durante este período. Mas esta informação é confiável? A misteriosa indisponibilidade dos diários de bordo dos navios suscita certas dúvidas sobre isto, mas não é o suficiente para desacreditar os registros. O mistério não está mais próximo de uma solução do que antes.

A última peça que faltava encaixar no quebra-cabeça veio inesperadamente com a descoberta de algumas informações sobre o *Eldridge*, que parecia desacreditar as histórias oficiais

completamente. O documento em questão era um relatório liberado pela Marinha sobre as ações antissubmarinas por embarcação de superfície, apresentada pelo comandante do *Eldridge* em 14 de dezembro de 1943, de acordo com os regulamentos da frota, e dizia respeito a uma ação que teve lugar em 20 de novembro no Atlântico Norte. De acordo com a história oficial, o *Eldridge* estava operando em um teste de cruzeiro nas proximidades das Bermudas a partir de início de setembro até final de dezembro de 1943. e sua primeira viagem ao exterior começou em 4 de janeiro de 1944. De acordo com o relatório de ação arquivado pelo comandante do navio, o tenente C. R. Hamilton, o *Eldridge* lançou sete torpedos contra um submarino inimigo suspeito logo após 1:30 hora local, na tarde de 20 de novembro de 1943, enquanto zarpava para o oeste (em direção aos Estados Unidos), escoltando o comboio UGS 23. A posição do *Eldridge*, conforme listado no relatório foi latitude 34° 03' norte e longitude 08° 57' oeste - uma posição que coloca o navio a apenas 200 milhas da costa de Casablanca, África do Norte, e cerca de 3.000 quilômetros de Bermudas!

Em seguida, uma segunda pista começou a completar o quadro. Enquanto os livros de registros do *Eldridge* ainda não tinham aparecido, conseguimos localizar o diário do chefe de máquinas. Embora não fosse muito detalhado em relação à pesquisa, continha um registro de posições do navio para as datas em questão, que estavam faltando nos arquivos de registro da plataforma. Esta e outras documentações que vieram à luz na mesma época mostraram que o *Eldridge* de fato tinha partido de Nova York em 02 de novembro de 1943 para fazer parte da escolta do comboio GUS 22, onde um dos retardatários tinha sido tirado da rota por um furacão no final da temporada dos furacões soprando a partir do Sul, nos últimos dias de outubro. Esta, de fato, foi uma peça valiosa de informação, uma vez que o comboio em questão era ninguém menos que o comboio do *S.S. Furuseth*, que havia deixado Norfolk Lynhaven-Roads em 25 de outubro! E mais importante, o *Furuseth*, fazia parte do final do comboio, e é quase certo que avistou o *DE 173* como o último dos retardatários. Além disso, o relatório confirma a posição de *Eldridge* ao largo de Casablanca em 20 de novembro parece indicar que o *Eldridge* acompanhou o *Furuseth* e seu comboio GUS 22 todo o caminho ao norte da África (o comboio chegou lá em 12 de novembro, lembre-se), e em viagem de volta fez a escolta do UGS 23, quando ele entrou em ação com o submarino mencionado no relatório. Se não fosse a descoberta deste relatório, que tinha sido mantido em segredo pela Marinha há uns 34 anos, nada disso jamais teria

vindo à tona. Mas agora, com a descoberta de um "erro" gritante na história oficial, a pergunta vinha rapidamente: haveria outros erros?

Claramente se o *Furuseth* e o *Eldridge* estavam à vista um do outro em uma operação comboio a caminho de África, seria lógico para a Marinha, ou para os cientistas da Marinha, tentar executar um experimento tão ousado e perigoso, e, obviamente, "ultrassecreto", como o da invisibilidade eletromagnética em tais circunstâncias e, em vista de um comboio inteiro? Certamente não parece provável. E depois também, Allende parece indicar explicitamente que os experimentos tiveram lugar no cais, em Filadélfia e "no mar"- presumivelmente ao largo da costa dos Estados Unidos. As datas de Allende - final de outubro - coincidem com a operação comboio, mas as outras circunstâncias não, especialmente desde que o *Eldridge* saiu de Nova York, e não da Filadélfia, para se juntar ao comboio GUS 22. Na verdade, não há nada nos registros do navio para o período em questão e não indicam sequer se o *Eldridge* estava dentro ou perto das proximidades de Filadélfia - exceto durante o tempo que ele estava em construção em Newark. Note também que Allende conta a Jessup que ele leu sobre os efeitos da experiência sobre alguns dos tripulantes do navio em um artigo de um jornal da Filadélfia. Não parece que Allende (ou Allen) estava na Filadélfia em outubro de 1943, mas ele *esteve* lá em agosto - coincidentemente na mesma época que o *Eldridge* foi supostamente mandado a Newark para aguardar ordens de rumar para Nova York para as cerimônias de comissionamento. No entanto, em sua carta, ele diz que acha que o artigo que leu apareceu em uma edição do outono ou inverno do jornal ao invés de uma edição de verão. Se atribuirmos esta última afirmação a uma falha da memória humana, então poderíamos ser capazes de fazer algo para descobrir o restante.

Foi enquanto ponderávamos esse problema é que as pistas finais, mais importantes que parecem pôr em dúvida a registros oficiais, vieram à luz. Sobre este tempo Moore recebeu uma carta de um correspondente que era um comandante de navios antigos durante a guerra, e que afirmava lembrar-se perfeitamente de que o *Eldridge* havia zarpado para as Bermudas imediatamente após o *primeiro* furacão da temporada em 1943 - uma data que ele acha que teria sido no final de julho ou início de agosto daquele ano! O navio, segundo ele, ficou ancorado por alguns dias ao lado de sua própria embarcação antes de partir novamente. A razão pela qual ele recordou o incidente, disse ele, era que o navio estava navegando sem bandeiras de sinalização e não fez nenhum esforço

para trocar saudações com o navio vizinho, seus próprios compatriotas.

Um comportamento estranho de farto, mas ainda mais estranho é o fato de que, se este navio era o *Eldridge*, então estava nas Bermudas poucos dias antes de seu lançamento em Newark – em uma ocasião em que as fases finais de construção do navio, normalmente, ainda não estavam completas, e um mês antes de ser designada uma equipe ao navio!

A única explicação possível para tal ocorrência é que tanto o oficial em questão foi enganado, ou o *Eldridge* foi lançado em Newark antes de 25 de julho. Certamente os registros da Marinha americana não fazem tais indicações, mas e sobre os registros gregos? Aqui veio outra surpresa, pois de acordo com os registros gregos do *Eldridge* (que deve, certamente, terem sido obtidos a partir dos norte-americanos) o navio foi lançado, não em 25 de julho, mas em 25 de *junho* - 30 dias antes! Não só isso, mas os registros gregos mostram que o *Eldridge*, quando foi transferido para a Marinha grega em 1951, deslocava 1.240 toneladas com meia carga e 1.900 a carga máxima, uma discrepância de cerca de 380 toneladas a mais do que consta nos registros norte-americanos. De acordo com um ex-oficial da Marinha, a única maneira de um navio ganhar 380 toneladas de empuxo é pelo fato de ter sido removido um peso do navio antes da época de sua venda para os gregos. Equipamentos eletrônicos, talvez?

Toda a história agora começa a fazer sentido. O *Eldridge* foi lançado em 25 de junho, em vez de 25 de julho, e ele foi ancorado na área de Newark-Filadélfia até agosto, época em que rumou para Nova York para a cerimônia oficial de comissionamento; durante este período, viajou pelo menos uma vez até as Bermudas, no final de julho ou nos primeiros dias de agosto, e sua história oficial até o período de 4 de janeiro de 1944, é quase certamente falsa!

Armado com estas provas, Moore acareou um contato que até este ponto vinha sendo útil em pequenas coisas, mas suspeitava-se que sabia mais do que ele estava disposto a revelar. Este indivíduo, que deve permanecer anônimo, tinha sido contratado como cientista do programa de radar da Marinha durante a guerra, em um alto posto que, se tivesse um projeto como o Experimento Filadélfia, certamente ele teria tido conhecimento. Por insistência de Moore, e confrontado com a evidência acima, ele finalmente concordou em falar, contanto que fosse garantido seu anonimato. Ele concordou, e eis o resultado de sua entrevista com Moore:

Pergunta: *Comandante, o senhor tem ideia de como os coordenadores do projeto conseguiram obter um navio para este projeto experimental?*

*É preciso lembrar que em 1943 era difícil obter navios para fins experimentais. Uma vez que o comissionamento ocorria, um navio tornava-se imediatamente parte dos planos de algum almirante de guerra, e trazê-lo emprestado para fazer parte dos planos de trabalho experimental seria quase impossível. Consequentemente, o mais fácil, e, na verdade praticamente a solução em obter um navio para uso em um projeto como este foi alterar seu período de tempo entre o lançamento e sua colocação em funcionamento. Tal processo não era fácil e era preciso certa quantidade habilidade e manipulações do alto comando, mas poderia ser feito, e de fato foi – contanto, naturalmente, que os cientistas conseguissem convencer um figurão da Marinha de que o projeto em questão era suficientemente importante. O que estou dizendo é que é muito mais fácil obter um navio que ainda não havia sido atribuído identificador e que ainda estava nas fases de construção.*

Havia geralmente menos pessoas aqui para serem manobradas.

Pergunta: *Considerando que o Projeto Manhattan estava começando a mostrar progresso em meados de 1943 e estava começando a desviar uma grande parcela dos fundos disponíveis para a pesquisa militar, o ano de 1943 foi um ano tão crucial para muitos dos outros projetos secretos voltados para a defesa que também estavam em andamento também?*

*De 1943 em diante, a atitudes dos militares sobre vários projetos experimentais e ideias em andamento começaram a adquirir uma mudança significativa. A essa altura havia quem começasse a visualizar o fim da guerra para bem próximo, e assim tornou-se essencial dar continuidade a todos os trabalhos em curso. A pergunta para todos os pesquisadores passou a ser: "Você conseguirá concluir este projeto antes do fim da guerra, para que possamos usá-lo?" As equipes que não tinham certeza de determinados projetos foram instadas a fazer alguma experimentação ou teste rápido para que eles pudessem ter mais certeza de viabilidade. Se estes resultados eram negativos, não podendo ser realizadas rapidamente ou se fossem inconclusivos, então, inevitavelmente, as verbas eram canceladas e uma diretiva era dada para a equipe em questão no sentido de que "o seu tempo é mais valioso em coisas mais importantes." Os projetos que tinham pouca esperança de produzir alguns resultados úteis de*

*imediato foram, quase certamente, arquivados.*

Pergunta: *O fato de que eles conseguiram um navio não indica algo sobre a importância com que este projeto foi considerado pela instituição militar-científica?*

*Não estou muito familiarizado com o projeto em questão, mas acredito que o que ocorreu foi no sentido de que "se você pode fazer um teste este ano (1943), estamos interessados e vamos apoiá-lo. Se não, pare. Se vamos continuar ou não com isso vai depender inteiramente dos resultados dos testes que vocês fizerem. Se os resultados não são imediatos, encerraremos este assunto até o fim da guerra e então veremos o que é possível fazer sobre ele então."*

Pergunta: *Em relação ao projeto em si, o senhor consegue se lembrar como começou, quem estava por trás dele, ou o que os pesquisadores pretendiam conseguir?*

*Não tenho ideia como esse tal projeto começou. Como já disse, não sei muita coisa a respeito. Eu acredito que eles tiveram sucesso na obtenção de levar um navio para Filadélfia ou Newark por um tempo limitado, provavelmente não mais do que duas ou três semanas, e eu acho que eu ouvi que eles fizeram alguns testes tanto ao longo do rio [o Delaware] com ao largo da costa, especialmente com relação aos efeitos de um forte campo de força magnético em aparelhos detectores de radar. Em última análise, eu não posso dizer muito mais sobre ele ou sobre os resultados finais, porque não sei mais nada. Meu palpite, e não passa de palpite, é que eles colocaram todos os tipos possíveis de equipamentos receptores a bordo de outras embarcações e ao longo da costa para verificar o que* aconteceria "do outro lado" quando ondas *de rádio e radar de baixa e alta frequência fossem transmitidas através do campo. Sem dúvida também, estariam interessados também nos efeitos que o campo poderia ter tido sobre a propagação da luz visível. De qualquer forma, eu estou certo que havia um grande interesse tanto na refração como na total absorção das ondas eletromagnéticas, e isso certamente parece combinar com um tipo de experimento como este.*

*Uma coisa posso dizer: É altamente improvável que qualquer trabalho experimental de tal natureza tenha ocorrido a bordo de um navio depois que ele foi encomendado e tinha uma tripulação definitiva. Tal coisa não teria sido feito - especialmente no mar e quando em serviço do comboio. Absolutamente ninguém faria pesquisas deste tipo, em 1943, ousando arriscar colocar várias centenas de toneladas de valiosos equipamentos eletrônicos à mercê de algum comandante de submarino alemão no meio do*

*Atlântico.*

O testemunho acima é muito valioso de fato, uma vez que nos diz quase exatamente quando o Experimento Filadélfia ocorreu, e de fato parece indicar ainda que pelo menos parte dele ocorreu em torno das instalações do estaleiro Filadelfia-Newark. Se de fato o navio esteve à disponibilidade dos pesquisadores entre o período de duas a três semanas e se os registros gregos do *Eldridge* estão corretos em relação a uma data de lançamento em 25 de junho (como devemos assumir que são), então, levando em conta que seriam necessárias várias semanas para completar as fases finais de construção após o lançamento, parece que o Experimento Filadélfia ocorreu em algum momento entre 20 de julho e 20 de agosto de 1943. Isso não só explica como o ex-comandante da Marinha mencionado acima teve a oportunidade de ver o *Eldridge* nas Bermudas, no final de julho (onde ele pode ter sido forçado a ir por causa do furacão), mas também explica como Carlos Allende, que estava na Filadélfia durante o fim de semana de 13 a 15 de agosto, teve a oportunidade de ler uma notícia sobre o assunto em um jornal de Filadélfia. O experimento deveria se encontrar em suas fases finais, nesse momento, e possivelmente os homens que teriam sido usados na tripulação provisória do navio durante as operações de pesquisa poderiam ter licenças concedidas para irem até à costa em uma dessas noites. Se sim, então a data da briga de bar que Allende menciona era ou sexta-feira à noite, 13 de agosto ou a noite de sábado, em 14 de agosto.

De acordo com os registros, o *Eldridge* deixou Newark com destino a Nova York na terça-feira, em 17 de agosto e chegando para aguardar seu comissionamento na quarta, 18 de agosto. O *Furuseth*, que havia deixado a área do porto de Norfolk com Allende a bordo na segunda-feira, 16 de agosto, e estava fazendo parte de um comboio até a costa no dia 17, antes de virar para o leste em direção à África, poderia facilmente ter encontrado o *Eldridge*, quando este saía da Baía de Delaware na manhã do dia 17 com destino a Nova York. Tal encontro teria sido bastante breve, devido à velocidade e rotas diferentes, mas se experimentos finais ainda estavam em curso neste momento, é perfeitamente possível que o estranho fenômeno que Allende diz haver presenciado tenha ocorrido em 17 de agosto, e não durante o período de seu segundo encontro do *Furuseth* com o *Eldridge*, que teve lugar, como já descrito, em novembro.

Mas o Experimento Filadélfia terá acontecido realmente? A esta altura a história já começa a parecer plausível.

[6] Comissionamento do navio é o ato ou cerimônia de colocação de um navio em serviço ativo. (Nota do Tradutor).

[8] Termo usado na realização de testes para avaliar o desempenho de um navio e também para familiarizar a tripulação do navio com a operação da embarcação. (Nota do Tradutor)

# CAPÍTULO 9

## A
## Testemunha Chave

Depois de esgotarmos as informações disponíveis nos registros existentes do navio, devemos agora voltar nossa atenção para um detalhe de uma das cartas de Allende que "levou" tantos pesquisadores a duvidarem de sua autenticidade, mas que, se confirmado, poderia fornecer a chave para todo o mistério. O leitor deve se lembrar que no início de sua segunda carta ao Dr. Jessup, Allende fez uma afirmação no sentido de que não só a Teoria de Campo Unificado foi concluída entre 1925 e 1927, mas toda a teoria foi submetida pela Marinha a uma "completa rechecagem (por um grupo de matemáticos) ... com vista a toda e qualquer possível aplicação rápida... em um curto período de tempo." Se Allende está dizendo a verdade, então foram os resultados deste processo matemático da Teoria de Campo Unificado que supostamente forneceram a base teórica para o que viria se tornar a Experiência Filadélfia.

O detalhe que importa aqui é quando Allende fornece ao Dr. Jessup o nome do cientista supostamente responsável por esta "rechecagem" sobre os resultados de Einstein. Este homem é identificado como o Dr. Franklin Reno, um homem a quem Allende se refere bastante casualmente como "meu amigo".

Obviamente, se este Dr. Reno pudesse ser encontrado, e se ele pudesse ser convencido a acrescentar o seu testemunho à investigação que foi feita, então grande parte do mistério poderia concebivelmente ser revelado. O problema era que, embora muitos pesquisadores tenham tentado, ninguém sequer foi capaz de desvendar quem era o Dr. Reno - um fato que levou mais de um pesquisador a concluir que essa pessoa misteriosa poderia não existir, então toda a questão devia ser considerada nada mais do que um engano.

Agora, depois de vários anos de investigação persistente sobre este aspecto do caso, os autores, finalmente, perceberam que o enigma em torno da identidade do alusivo Dr. Reno foi resolvido! E com ele vem um conto fantástico que parece fornecer, pela primeira vez, algumas percepções importantes sobre o mistério que, durante tanto tempo, envolveu a chamada Experiência Filadélfia. Agora, pela primeira vez, temos uma sequência de eventos que parece ter sido precursora indiscutível

de que aquele projeto "ultrassecreto" pode muito bem ter resultado em um experimento em um navio de grande escala do tipo descrito por Allende em suas cartas ao Dr. Jessup! A história em si é quase tão estranha como as cartas de Allende.

A verdade dessa história é que o homem referido por Allende como o Dr. Franklin Reno não somente era uma pessoa muito real, mas, antes de sua morte, somente um pouco mais de um ano, pessoalmente, confirmou a Moore a verdade substancial sobre as declarações de Allende sobre o início do projeto, que veio a ser conhecido como a Experiência Filadélfia.

A razão pela qual os pesquisadores anteriores foram completamente mal sucedidos em seus esforços para encontrar este Franklin Reno é simples: seu verdadeiro nome não era Franklin Reno, embora uma pista importante para o seu nome e paradeiro possa ser encontrada em qualquer mapa rodoviário do Estado da Pensilvânia!

Na região produtora de petróleo do noroeste da Pensilvânia, EUA junto à Rota 62, não muito longe de Oil City, está a cidade de Franklin, Pensilvânia - um pequeno centro comercial e pacífico com cerca de 8.000 habitantes e onde fica a sede do Condado de Venango. Cinco milhas a leste, ainda na mesma estrada e a meio caminho entre Franklin e Oil City, está a vila de Reno, lar de uma grande refinaria de Petróleo Wolfs Head Oil Company. Na saída da cidade de Oil City, no lado oeste da Rota 62, ficava, até alguns anos, um cartaz que explica por que tantos pesquisadores delicados foram tão mal sucedidos em seus esforços para identificar o misterioso "amigo" de Allende. Impresso no cartaz estavam as palavras - as mesmas palavras que inspiraram um cientista muito real há mais de trinta anos, criar um pseudônimo muito eficaz:

FRANKLIN - 8

RENO - 3

Mas se "Franklin Reno" é nada mais do que um pseudônimo, então as questões agora são: (1) Quem é realmente esta pessoa e seu verdadeiro nome? (2) Qual é (ou foi) a sua ligação com Carlos Miguel Allende? (3) O que ele sabe que pode acrescentar à história?

Infelizmente o assunto é tão sensível que essas questões não podem ainda ser inteiramente respondidas, por razões que o leitor virá a compreender enquanto a história progride. Pois, embora Allende soubesse da morte do Dr. Reno, fomos intimados a sermos discretos por aqueles que ainda estão vivos e pelos muitos

interessados em manter seus status preservados. Assim, daqui por diante, vamos nos referir a esse indivíduo como o Dr. Rinehart, o nome dado a ele em uma versão fantasiosa do Experimento Filadélfia que foi publicada recentemente, e que atesta o interesse que a experiência "impossível" está despertando.

O que pode ser dito, a seguir, e ao mesmo tempo com segurança, escondendo o máximo possível a identidade do Dr. Rinehart, é que ele nasceu no mesmo ano que Morris Jessup, mas em uma parte bem diferente do país. Depois de servir de forma brilhante em um conhecido estabelecimento científico privado, por uma série de anos, enquanto ao mesmo tempo, concluía com sucesso os requisitos para o doutorado, o Dr. Rinehart, como tantos outros cientistas, inclusive o Dr. Jessup, foi forçado durante os anos de depressão da década de 1930, a entrar no serviço militar-científico do governo norte-americano. Foi aqui, ao longo da próxima década, que trabalhou até uma posição de chefe de departamento em uma instalação de pesquisa bem conhecida, e foi nessa qualidade que ele entrou em contato com as fases iniciais do projeto onde tudo indica haver culminado com o início do Experimento Filadélfia.

Descobrir a identidade real deste indivíduo, no entanto, provou ser um problema pequeno em comparação com a tarefa de encontrá-lo depois de 25 anos e depois ganhar sua confiança o suficiente para convencê-lo que sua história devia ser contada. Um quarto de século é tempo suficiente para muitas mudanças - especialmente quando alguém opta por utilizar esse tempo para isolar-se de seus semelhantes.

Assim foi com o Dr. Rinehart, que, quando começou a suspeitar que sabia demais, para seu próprio bem (e talvez para a sua sobrevivência), ele optou por afastar-se dos segmentos da sociedade que pareciam ameaçá-lo. Assim, abandonou uma carreira científica brilhante e promissora para instalar-se em um pequeno bangalô discreto, situado entre as colinas distantes, no meio do continente e contentou-se em viver uma vida de eremita - aventurando-se apenas ocasionalmente para abastecimento, ou ainda mais ocasionalmente para visitar um velho amigo ou antigo colega.

Moore e Rinehart corresponderam-se por quase um ano antes que qualquer menção fosse feita sobre a possibilidade de fazer uma entrevista pessoal, o que aconteceu após um trabalho de vários meses de providências necessárias.

*O relato da entrevista que se segue foi escrito por Moore:*

Era no fim da tarde, uma tarde quente de julho, quando estacionei meu carro a uma distância discreta e caminhei

lentamente o resto do caminho até sua casa, tentando não atrair atenção indevida.

Lembro-me de um pressentimento de que talvez a minha viagem provaria ser inútil depois de tudo, pois, ao ver adiante um extintor de incêndios em desuso desoladamente descansando sob o gramado marrom cortado desgrenhadamente e janelas fechadas; o lugar tinha um olhar austero quase deserto. E eu me perguntava, quem poderia manter uma casa tão bem fechada e cortinas cerradas em pleno calor?

Um gato listrado descansando preguiçosamente no corrimão levantou uma pálpebra curiosa quando eu pisei na varanda, mas não se incomodou em mover-se. Eu bati na porta e em algum lugar lá dentro algo coisa se mexeu. A cortina foi ligeiramente puxada de lado e um par de óculos, os olhos como os de um coelho olharam para mim com desconfiança. Uma pausa, o clique de uma fechadura, e a porta se abriu para revelar um senhor de idade, magro, de cabelos brancos, mas de visão aguçada tentando de alguma forma forçar um sorriso com sua expressão incerta.

- Olá - eu disse, aproveitando a estranha pausa para me apresentar. - Eu falei com o senhor esta manhã ao telefone.

- Sim - veio a resposta lenta, mas deliberada. - Eu sei. Estava a sua espera. Não vai entrar?

A casa era pequena, mas confortável o suficiente, e inesperadamente fresca - uma mudança bem-vinda por causa do calor da tarde. Um pequeno ventilador de alumínio antigo ronronava do seu lugar no chão da sala de estar, enchendo o ambiente de uma fina corrente de brisa bem vinda e de maneira silenciosa.

- Sente-se - disse o velho cavalheiro, indicando um envelhecido sofá no canto frontal da sala.

- Obrigado - respondi, olhando ao redor. – O senhor certamente parece ter encontrado aqui uma maneira confortável para se isolar do mundo. Eu não posso imaginar que receba muitos visitantes.

- Se eu gostasse de visitas, não estaria aqui - respondeu ele, fixando-me com um olhar um pouco desconfiado. - Na verdade, eu vivo suficientemente confortável, considerando todas as coisas. Ninguém me incomoda muito, e eu não incomodo ninguém. Eu tento manter-me assim.

A princípio falando reservadamente, pouco a pouco o Dr. Rinehart vai se mostrando mais à vontade.

- Eles ainda estão me vigiando, o senhor sabe. E, na verdade, eu realmente cheguei ao ponto de evitar ir a certos lugares na cidade por causa do súbito interesse que minha aparência parece

provocar - especialmente em torno de certos edifícios da universidade. Eu costumava gostar de fazer uma visita ocasional a esse lugar, mas os seguranças parecem de alguma forma induzidos a reagir à minha presença, então eu não fui mais lá. A mesma coisa acontece quando mostrei interesse em comprar bilhetes de viagem. Assim que eu entreguei o meu nome, o pessoal da segurança se agitou. Eu tentei mais de uma vez só para ver se não era minha imaginação. Não era.

- Então o senhor veio até aqui só para descobrir o que posso dizer sobre essa experiência no navio, não é? Sabe, eu fiquei pensando muito desde que o senhor fez o primeiro contato. Eu sou um homem velho agora, e isso aconteceu há muito tempo. A memória é um pouco confusa em alguns dos detalhes, mas se estiver disposto a fazer um sacrifício de ouvir, estou disposto a arriscar uma chance com o senhor - desde que, é claro, não se esqueça de sua promessa sobre meu anonimato. Isto é o mais importante de tudo. Na verdade, é possível dizer que isso se tornou a palavra-chave do meu estilo de vida nos últimos tempos.

- Minha promessa está de pé - disse eu, tentando um sorriso - e quando se trata de uma oportunidade como essa, eu também posso ser um ouvinte muito bom. - Esperei.

O cientista ficou calado e olhou para mim um momento como se estivesse tentando dissipar as últimas dúvidas a respeito do que ele estava prestes a dizer. Então, recostando-se na cadeira, começou a desvendar uma das mais estranhas histórias que eu já ouvi.

- O Senhor sabe, é claro - ele começou -, que uma experiência começa como uma ideia, em seguida, um estudo de viabilidade... (testado através de cálculos matemáticos ou similar) ... em seguida, um projeto e, finalmente, uma experiência, ou experiências, no sentido comum da palavra. As pessoas inicialmente envolvidas e preocupadas com esta experiência foram muito poucas. Mas a maioria tinha pouca influência para lutar contra.

Novamente uma pausa, presumivelmente para um momento de reflexão sobre o quão ele deve proceder. Quando o Dr. Rinehart recomeçou a falar, as palavras vieram lentamente e parecia terem sido escolhidas com cuidado.

- A Teoria do Campo Unificado - ele retomou - manteve-se como uma composição inacabada - até hoje. Ninguém pode vangloriar-se afirmam ter feito uma "reavaliação completa" da "teoria" em minha opinião. Claro, muitos cientistas trabalharam em direção a esta meta, e vários artigos foram publicados com o título... em alemão o título foi *Einheitliche Feld-Theorie* (Teoria do

Campo Unificado), mas a substância desses documentos não está "completa" no sentido em que a Teoria da Relatividade Especial está "completa" e a Teoria da Relatividade Geral está quase desenvolvida. Isto, compreenda, é a minha avaliação pessoal.

Outra pausa, e depois a bomba:

- Eu tenho pensado bastante sobre isso - disse Rinehart - e foram surgindo algumas impressões na minha memória bem definida em que conceitos e cálculos sobre um projeto experimental de grande escala, que muito possivelmente poderiam ter levado à invisibilidade de um navio.

Ele está se cauteloso, pensei. Eu poderia dizer isso, porque as suas palavras haviam começado a assumir uma qualidade sigilosa, pois eram cuidadosamente escolhidas.

- Eu tenho lembranças que em tempo de guerra participei de conferências onde estavam presentes oficiais da Marinha. Em relação ao projeto no qual você está interessado, a minha memória persistentemente insiste em me dizer que tudo começou bem antes de 1943, talvez já em 1939 ou 1940, quando Einstein estava começou a trabalharem aplicações práticas de suas teorias, a pedido de outros físicos e militares.

- Evocando uma série de [eventos], eu acho que eu posso dizer com algum grau de certeza de quem iniciou a proposta foram Einstein e Ladenburg [Rudolph]. Eu não sei quem deve ser nomeado primeiro, e se os pais do projeto foram "fulano", Einstein, ou Ladenburg, porque eu não posso agora recordar-me da identidade de dessa "outra pessoa". Eu sei que o Professor Ladenburg... tinha conhecido Einstein na Suíça, em 1908. Ele era um sujeito reticente, meticuloso, de modos e costumes prussianos antigos e aristocráticos, mas ele era profundamente respeitado pelos colegas como um "pensador solitário" e trabalhador.

Durante o curso desta revelação, Rinehart tinha ficado de pé e agora estava espiando nervosamente pela janela através de uma fresta pequena nas venezianas. Aparentemente convencido de que não havia ninguém para escutar nossa conversa, ele continuou com sua história.

- Voltando ao Ladenburg, ele era especialista na área de minas, torpedos e defesas. Eu particularmente lembro-me de uma grande conferência, durante o qual o possível desenvolvimento de uma arma alemã entrou em discussão. Meu superior imediato, o físico, o Dr. W. W. Albrecht [pseudônimo], estava impaciente com algumas ideias não muito brilhantes apresentadas por alguns "militares". Albrecht interrompeu a discussão dizendo que Ladenburg era "o único presente que tinha experiência militar alemã", e se referiu a ele como tendo sido um comandante de

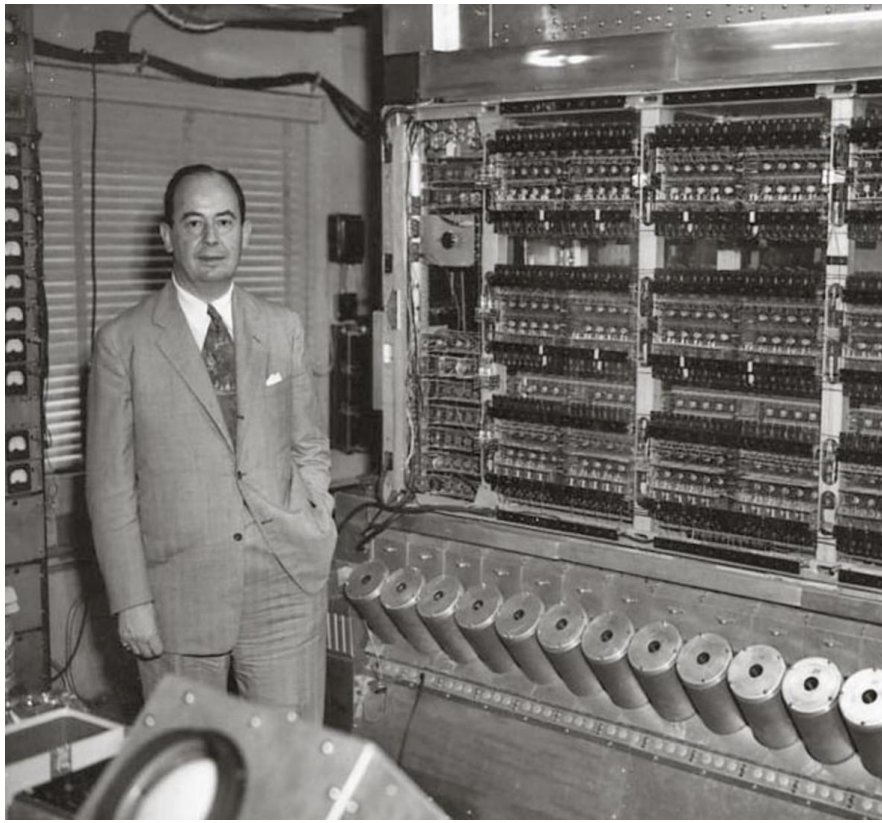
submarino ou algo semelhante durante a Primeira Grande Guerra. Eu suspeito que esta observação do Dr. Ladenburg pode ter sido destinada mais para chocar os militares do que em dizer a verdade. Eu não estou totalmente certo se Ladenburg sempre foi um oficial de submarinos, mas isso realmente não importa, já que a tática se mostrou bem sucedida. Ladenburg levantou-se rigidamente nesta hora e começou a expor em poucas sentenças o que os alemães podiam e podiam fazer. "Os militares" pararam imediatamente se calaram, e o assunto da conferência voltou aos trilhos. Alguém me disse mais tarde que parecia que Ladenburg havia acabado de sair do quartel-general alemão.

Rinehart riu levemente consigo mesmo e continuou.

- Ladenburg estava trabalhando no laboratório de física de Princeton em experiências de fissão no verão e outono de 1939. Eu acho que eu li em algum lugar que ele havia discutido essas pesquisas com Einstein. De qualquer forma, se não me falha a memória, foi em cerca de 1940 que foi escrita a proposta que deu origem à pesquisa de invisibilidade, como resultado de discussões entre Ladenburg e Einstein a respeito do uso de campos eletromagnéticos contra minas e torpedos... Acho que o próprio Einstein [foi] o escritor da proposta real...

- Einstein e Ladenburg estavam sempre à frente em propostas de projetos, mas eles não gostavam de lidar diretamente com os militares. Por outro lado, Von Neumann [Dr. John von Neumann, 1903-1957, matemático bem conhecido e pioneiro do computador digital] era uma pessoa de aparência modesta, mas que gostava de lidar com gente influente. Certa vez, quando von Neumann apresentou um projeto de pesquisa à Marinha, possivelmente essa de que estamos falando, os militares lhe perguntaram se os planos eram para aquela guerra ou a próxima....

-



Dr. John von Neumann

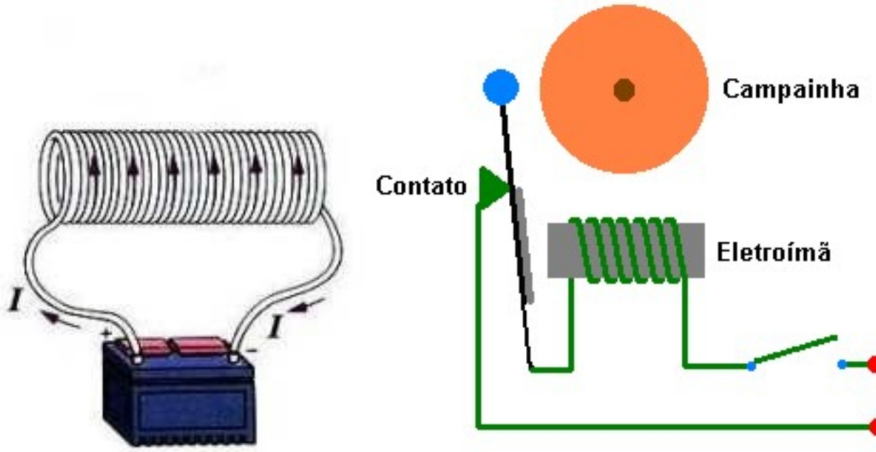
- De qualquer maneira, foi von Neumann, que mostrou a proposta ao Dr. Albrecht, e foi um dos dois que obteve uma indicação de uma futura cooperação sobre o projeto a partir do Laboratório de Pesquisa Naval. A proposta coincidia em parte com as ideias desenvolvidas pelo físico R. H. Kent [Robert Harrington Kent, 1886-1961, norte-americano e notável físico teórico e de pesquisa] muitos anos antes do projeto e do trabalho experimental, quando estava trabalhando com o cronógrafo de solenoide[8]. Se você pensar sobre o princípio do cronógrafo de solenoide, verá que um trabalho neste campo pode dar origem a muitas ideias com relação à detecção e defesa contra mísseis pelo uso de campos eletromagnéticos.

Rinehart evidentemente havia assumido que eu sabia o que era um cronógrafo de solenoide. Eu não sabia, mas uma interrupção neste momento não parecia de bom tom.

Ele continuou:

- Acho que foi Kent, que foi o inventor do cronógrafo solenoide. Ele foi, pelo menos, o homem mais importante do seu desenvolvimento, e uns dos primeiros a usá-lo para medir com precisão os coeficientes de arrasto em projéteis movendo-se com velocidade supersônica. Ele provavelmente gostava de demonstrar o princípio, largando uma bala de ferro magnetizada em um solenoide e mostrando em um osciloscópio a forma de onda corrente resultante. Se as audiências incluíssem físicos, ele também mantinha a barra fixa e deixava cair o solenoide sobre a bala, obtendo os mesmos resultados. Ele então dizia: "Estão vendo, as leis da física são as mesmas para quaisquer das duas inércias! Sistemas Coordenados." Isto, naturalmente, foi o segundo postulado de Einstein, em seu artigo publicado em 1905 sobre a Teoria da Relatividade Especial.

- Lembro-me de uma história que circulou no sentido de que depois de saber do interesse de von Neumann, em um projeto como este, Kent resolveu localizar alguns documentos sobre a




ideia que ele tinha escrito há muito tempo sobre algum tema semelhante. Segundo a história, que eu obtive de um amigo meu que estava trabalhando, na ocasião, no departamento de Kent em Maryland, seus arquivos haviam sido movidos de um local para outro em várias ocasiões, por várias arrumações e Kent não conseguiu que fossem imediatamente localizados. O cientista ficou tão aborrecido que mandou sua equipe inteira de funcionários ajudar na busca - um processo que resultou em, literalmente, virar de cabeça para baixo todo o lugar e criar uma bagunça geral. Depois de revirarem o lugar, conseguiram descobrir uma pilha de folhas amareladas pelo tempo, que entregaram triunfantemente a Kent.

- Na sequência deste incidente, Kent começou a conversar com físicos e engenheiros com que tivera contato muitos anos antes, possivelmente em seus dias como estudante de Harvard, mas mais provável de seu círculo durante a Primeira Guerra Mundial, ou logo após. Um destes, creio eu, foi o Professor Charles M. Allen."

- Allen? - Interrompi, sobressaltado. - Alguma conexão ao *Carl* M. Allen que nós discutimos em nossa correspondência?

Rinehart olhou para mim e riu.

- Não - ele disse - Penso que não. Não é *Carl* Allen... é Charles Metcalf Allen, eu acho. Este homem era um professor em engenharia hidráulica, do instituto politécnico de Worcester, naquele tempo. Sabia muito sobre navios, minas, e assim por diante, e teria sido um provável candidato para discutir ideias. Devo admitir que eu não tinha considerado a semelhança de nomes antes, mas não, eu não acho que eles estejam conectados. Pelo menos não próximos, de qualquer maneira. O Professor Allen era um homem velho, então, e muito distinto. Ele devia estar com pelo menos setenta anos, quando a guerra começou.

- Agora que penso nisso, sinto-me confiante de que a ideia de produzir o campo eletromagnético necessário para fins experimentais, por meio dos princípios da ressonância também foi inicialmente sugerido por Kent... possivelmente como resultado destas discussões com o Professor Allen. Lembro-me de alguns cálculos sobre isso em relação a um modelo experimental [isto é, um experimento realizado utilizando modelos em escala, em vez de navios reais] que estava em discutido no momento. Tenho a impressão de que a Marinha "se apropriou" muito bem do projeto não muito tempo depois dessas discussões entre Kent e Allen. Também parece provável para mim que a criação de equipamentos que pudessem "confundir" radares foi discutida em algum ponto mais adiante em relação a este projeto. Lembro-me vagamente deste em alguma conferência a respeito.

- Mas voltando ao que estava dizendo: foi, muito provavelmente, von Neumann quem propôs a ideia para um projeto como este já em 1939/1940, ao Comitê de Pesquisa de Defesa Nacional (NDRC)[8], e parece provável que o professor Kent lhe deu apoio considerável em dar encaminhamento à proposta. Só tomei conhecimento do projeto algum tempo depois, quando o pessoal do NDRC já tinha manifestado interesse em seguir adiante.

- O senhor tem uma ideia - eu pergunto para quebrar um pouco a narrativa - da razão pela qual estavam interessados em um projeto como este?

- Essa é fácil - ele respondeu. - Desde o começo este projeto era estritamente voltado para medidas defensivas ao invés de qualquer tentativa de criação de capacidades ofensivas. A ideia inicial parece ter sido o objetivo de utilizar fortes campos eletromagnéticos para desviar projéteis, especialmente torpedos, para longe de um navio por meio da criação de um intenso campo eletromagnético em torno desse navio. Isso foi mais tarde estendido para incluir um estudo sobre a ideia de produzir a invisibilidade óptica por meio de um campo semelhante no ar, em vez de na água.

- Um dia, provavelmente no início de 1940, por volta das 8:00 da manhã, o Dr. Albrecht, meu superior imediato, chegou em seu escritório para encontrar duas ou possivelmente três visitantes de NDRC já esperando por ele. Uma vez que esta não era uma ocorrência incomum, eu não pensei muito sobre isso até cerca de 09:30 mais ou menos, quando o capitão Gibbons veio pelo corredor e colocou a cabeça na porta. Ele indicou com o dedo, fazendo o sinal para eu ir ao corredor, pois ele tinha algo a me dizer que não poderia ser dito na frente de todo o escritório. Lembro-me disso porque eu estava envolvido com algum trabalho teórico bastante

complicado na época e estava ocupado falando com um técnico em computador por telefone. (Nota de Editor: Este tempo era anterior ao advento dos computadores eletrônicos. O "técnico em computador" aqui referido era uma pessoa que era particularmente hábil em realizar de cabeça cálculos matemáticos de forma rápida.)

- Percebendo que o assunto devia ser importante, parei o meu trabalho e saiu para o corredor. Gibbons me levou ao fundo do corredor para o escritório do chefe, onde eu me encontrei no meio de uma conferência já em andamento entre os dois (ou eram três? Funcionários do NDRC de um lado, e o Dr. Albrecht e Dr. Von Neumann do outro. Von Neumann não ficou por lá muito tempo, no entanto, e sua finalidade lá pode ter sido somente apresentar o pessoal do NDRC a Albrecht e descrever rapidamente o objetivo do encontro. Ele era frequentemente servia de intermediário de e para Washington, envolvendo vários projetos do NDRC e militares, e por isso este teria sido um papel normal para ele, mesmo se ele não estivesse pessoalmente interessado. Não deve ser esquecido, no entanto, as vantagens óbvias de uma posição como essa para promover as ideias em que ele estava interessado... inclusive este projeto. De qualquer forma, ele saiu da sala logo depois que cheguei.

Rinehart levantou novamente e dirigiu um outro olhar para fora da janela. Aparentemente satisfeito com o que viu (ou não), ele retomou a sua história.

- Quando entrei, havia completamente uma discussão em andamento a respeito do que viria a se tornar este projeto que o senhor está interessado. Albrecht era do tipo que sentia a obrigação de ficar em uma discussão até o fim e, frequentemente, quando ele queria alguns cálculos, ele trazia alguém ao invés de deixar a discussão para fazê-las sozinho. Aparentemente, ele achava que eu era o único com experiência suficiente sobre a gravidade e a relatividade para obter resultados matemáticos do tipo que ele queria com pressa, e sem fazer muitas perguntas sobre isso, então por isso me mandaram chamar.

- Albrecht estava com duas ou três folhas de papel na mão, uma das quais em espiral com anotações em letra pequena e redonda do Dr. Einstein. Ele queria que estas folhas fossem examinadas enquanto ele continuava a discussão com essas pessoas. Sem parar de falar com eles, enquanto ao mesmo tempo, me dava instruções sobre o que eu deveria fazer. Primeiro ele me passou parte de uma folha onde estava escrita uma equação de propagação das ondas eletromagnéticas, acompanhadas, do lado esquerdo, de uma série de garranchos. Junto a este rascunho ele empurrou mais um relatório bastante detalhado sobre equipamento

de desmagnetização naval e enfiava o dedo aqui e ali, enquanto eu marcava com lápis onde ele apontava. Em seguida, Albrecht disse que eu podia ver o que seria necessário para obter uma curvatura (desvio) da luz por, digamos, 10 por cento, e que eu devia tentar concluir isto, criando uma memória de cálculo. Eu disse: "Quanto tempo eu tenho?" E ele disse: "Não muito." Então ele olhou para os outros e continuaram a conversar.

- Eu acho - continuou Rinehart - de que a conversa neste ponto havia se voltado para os princípios da ressonância e como seria necessário requerer campos intensos para que tal experimento pudesse ter resultado usando esse princípio. Eu realmente não obtive uma resposta de quanto tempo eu tinha, mas Albrecht acenou com a cabeça para eu sair e começar a trabalhar, por isso voltei para o corredor e ao capitão Gibbons e perguntei-lhe: "Para quando acha que W.W. [Albrecht] vai querer isso?" Gibbons pensou por um momento e disse: "Vou levá-los ao Clube dos Oficiais para almoçar. Deve estar pronto quando voltarmos, uma ou duas horas, não mais. "

- Eram anotações de Albrecht não muito fáceis de entender, e eu acho que qualquer pessoa sem uma base sólida de Física e de Matemática como a minha, teria muito bem se perdido. Acabei entendendo, vi onde era que ele estava querendo chegar. Isto não quer dizer que não havia outros homens do departamento que poderia ter lidado com isso tão bem dentro do tempo adequado, mas Albrecht queria ter números de imediato sobre isso e por isso foi deixado para mim.

- Deve ter sido um almoço rápido, porque Gibbons estava de volta à 1:15 e eu ainda estava sobre os cálculos. Eu disse a ele que eu queria fazer um memorando e uma cópia datilografada, e que eu poderia aprontá-lo até 03:00. Mas Gibbons disse que não dava, e que não precisava de absolutamente *nenhuma* cópia digitada. Era para ser a lápis tal como se apresentava. "Milagres", queixei-me: "estão sempre me pedindo milagres!... Ouça:" Eu disse: "me dê mais 20 ou 25 minutos e eu verei o que posso fazer." Gibbons não estava feliz com isso, mas não havia muito mais a ser feito se ele queria resultados. Concedeu-me os 20 minutos.

- De alguma forma, consegui terminar duas pequenas tabelas e algumas frases explicativas e trouxe tudo de volta como um memorando. Levamos os resultados a Albrecht, que olhou tudo e disse, "Você calculou tudo isso em relação às intensidades [do campo] em diferentes distâncias do raio na direção transversal [ao comprimento do navio], mas você não pareceu ter mapeado os resultados para pegar qualquer coisa na direção longitudinal [à frente ou atrás]." Albrecht sempre foi muito exigente. Eu não tinha

incluído isso porque eu não tinha certeza se era exatamente o que ele queria, e porque, de qualquer maneira, não havia mais tempo disponível para trabalhar dentro da hora limite. Assim, eu tinha incluído os pontos de maior curvatura fora do feixe do navio oposto a este equipamento. Meu problema agora estava em tentar me orientar conforme as instruções que Albrecht queria. As anotações de Einstein estavam muito mais claras das que do Albrecht, mas eu não ousaria dizer isso a ele.

- Agora que penso nisso - ele refletiu - é possível que von Neumann estivesse no escritório por acaso naquele dia, e que Oswald Veblen [um dos associados de Neumann] tinha levado o projeto. Ou é possível que os próprios homens do NDRC (Comitê de Investigação de Defesa Nacional) tenham levado a ideia a Albrecht. O que Albrecht queria saber era se seria possível criar a intensidade do campo e a probabilidade prática para desviar a luz numa curvatura o suficiente para obter o desejado efeito "miragem". É claro que não faziam ideia qual seria o resultado final. Se tivessem, teria terminado ali. Mas, é claro, eles não sabiam.

- Eu acho que os principais motivadores dessa coisa toda foi o NDRC e alguém como Ladenburg e von Neumann, com ousadia suficiente para lançar ideias e não tinham nenhuma hesitação em falar sobre elas antes mesmos de quaisquer cálculos matemáticos. Eles conversaram com Einstein sobre isso e Einstein se interessou o bastante para fazer um cálculo aproximado da intensidade do campo que seria necessária, e depois falou com von Neumann sobre qual seria a melhor lugar para executar a experiência prática. Foi assim que nosso laboratório entrou na jogada. Eu não estou exatamente certo quando escolheram o Laboratório de Pesquisa da Marinha, mas eu sei que o comandante Parsons, um dos maiores cientistas da Marinha, falou muitas vezes de Albrecht, e é possível que tenham conversado alguma coisa sobre a utilização de um navio nessa experiência.

- A minha única contribuição para o projeto foi juntar algumas equações que Albrecht havia escrito e substituir as letras por valores numéricos. Depois eu me lembro que de vez em quando essas equações eram mencionadas em reuniões, de modo eu me mantive mais ou menos a par do que estava sendo, embora eu não estivesse envolvido diretamente nas experiências.

Eu disse: - Lembra-se do nome de código que este projeto poderia ter tido?

Rinehart pensou por um momento em silêncio. Quando a resposta veio, eu tive a impressão novamente que ele estava escolhendo cuidadosamente as palavras. Ele disse:

- Não se esqueça de que Albrecht e Gibbons trataram isso com

a máxima discrição, sem nenhuma cópia. Se bem me lembro uma vez ele usou o termo "deflexão" como um título; me lembro disso. Também posso me lembrar de uma ocasião um pouco mais tarde, em que eu sugeri, em uma reunião, alguma maneira mais fácil de fazer um navio desaparecer em pleno ar, seria usar uma cortina de ar quente, e me perguntei por que um assunto teórico tão complicado estava sob consideração. Albrecht tirou os óculos nesse momento e comentou que o problema em ir comigo em uma conferência era que eu era bom em desmotivá-los. Um nome de código teria que ter sido escolhida pela NDRC, e com toda probabilidade não havia nome de código neste momento. Não me lembro se encontraram um nome de código para este projeto em uma data posterior ou não, embora em algum lugar no fundo da minha mente eu pareça querer associar a ele os termos "Rainbow" (Arco-íris) ou "Mirage" (Miragem). A memória é vaga e eu possa estar enganado. Eu simplesmente não me lembro.

- Entretanto, lembro-me de estar em pelo menos uma outra conferência onde este assunto foi um tema na agenda. Durante esta conferência estávamos tentando demonstrar os possíveis efeitos colaterais que poderiam ser criados por tal experiência. Entre estas seriam uma "ebulição" da água, ionização do ar ao redor, e até mesmo um "Efeito Zeeman"[9] dos átomos; todos esses fenômenos tenderiam a criar condições extremamente instáveis. Ninguém neste momento já havia considerado a possibilidade de efeitos interdimensionais ou deslocamento de massa. Na década de 1940, os cientistas consideravam esses tópicos como exclusivamente do domínio da ficção científica. De qualquer forma, em algum ponto durante a conferência, recebi uma forte repreensão de Albrecht, que irrompeu com algo como: "Por que você não incentiva essas pessoas a tentarem o experimento só para que eles possam se decidir a ir em frente com seu projeto. Isso é o que temos de dar a eles!"

MOST SECRET

Copy No.

**Attention is drawn to the Penalties attaching to any infraction of the Official Secrets Acts**

# INTER-SERVICES
# CODE-WORD INDEX

**This Index will be kept in a safe when not in use**

Issued under the authority of the Inter-Services Security Board, War Office.

1st *September*, 1941

C.C.S. 368/15.

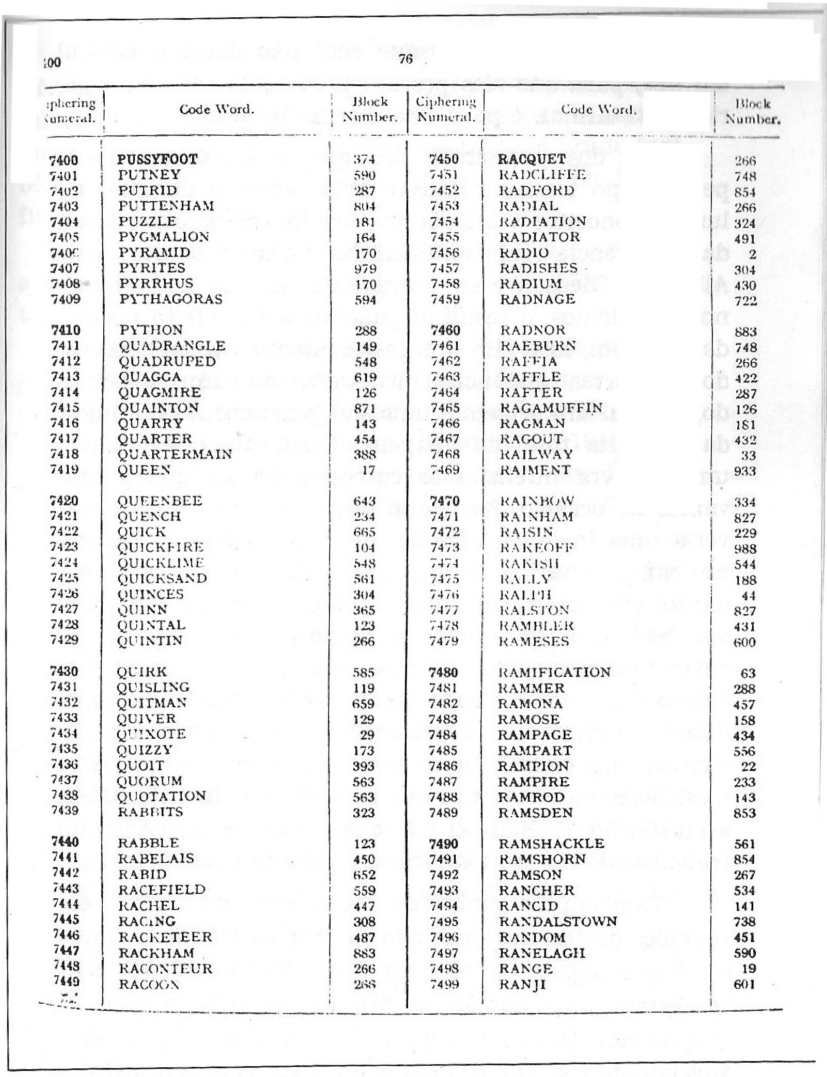
**Tradução parcial:**

Serviço-Interno

Índice de Palavras-código

Este índice deverá ser mantido em um cofre quando não estiver em uso.

1º de setembro de 1941



100 76

| Ciphering Numeral. | Code Word. | Block Number. | Ciphering Numeral. | Code Word. | Block Number. |
|---|---|---|---|---|---|
| **7400** | **PUSSYFOOT** | 374 | **7450** | **RACQUET** | 266 |
| 7401 | PUTNEY | 590 | 7451 | RADCLIFFE | 748 |
| 7402 | PUTRID | 287 | 7452 | RADFORD | 854 |
| 7403 | PUTTENHAM | 804 | 7453 | RADIAL | 266 |
| 7404 | PUZZLE | 181 | 7454 | RADIATION | 324 |
| 7405 | PYGMALION | 164 | 7455 | RADIATOR | 491 |
| 7406 | PYRAMID | 170 | 7456 | RADIO | 2 |
| 7407 | PYRITES | 979 | 7457 | RADISHES | 304 |
| 7408 | PYRRHUS | 170 | 7458 | RADIUM | 430 |
| 7409 | PYTHAGORAS | 594 | 7459 | RADNAGE | 722 |
| **7410** | PYTHON | 288 | **7460** | RADNOR | 883 |
| 7411 | QUADRANGLE | 149 | 7461 | RAEBURN | 748 |
| 7412 | QUADRUPED | 548 | 7462 | RAFFIA | 266 |
| 7413 | QUAGGA | 619 | 7463 | RAFFLE | 422 |
| 7414 | QUAGMIRE | 126 | 7464 | RAFTER | 287 |
| 7415 | QUAINTON | 871 | 7465 | RAGAMUFFIN | 126 |
| 7416 | QUARRY | 143 | 7466 | RAGMAN | 181 |
| 7417 | QUARTER | 454 | 7467 | RAGOUT | 432 |
| 7418 | QUARTERMAIN | 388 | 7468 | RAILWAY | 33 |
| 7419 | QUEEN | 17 | 7469 | RAIMENT | 933 |
| **7420** | QUEENBEE | 643 | **7470** | RAINBOW | 334 |
| 7421 | QUENCH | 234 | 7471 | RAINHAM | 827 |
| 7422 | QUICK | 665 | 7472 | RAISIN | 229 |
| 7423 | QUICKFIRE | 104 | 7473 | RAKEOFF | 988 |
| 7424 | QUICKLIME | 548 | 7474 | RAKISH | 544 |
| 7425 | QUICKSAND | 561 | 7475 | RALLY | 188 |
| 7426 | QUINCES | 304 | 7476 | RALPH | 44 |
| 7427 | QUINN | 365 | 7477 | RALSTON | 827 |
| 7428 | QUINTAL | 123 | 7478 | RAMBLER | 431 |
| 7429 | QUINTIN | 266 | 7479 | RAMESES | 600 |
| **7430** | QUIRK | 585 | **7480** | RAMIFICATION | 63 |
| 7431 | QUISLING | 119 | 7481 | RAMMER | 288 |
| 7432 | QUITMAN | 659 | 7482 | RAMONA | 457 |
| 7433 | QUIVER | 129 | 7483 | RAMOSE | 158 |
| 7434 | QUIXOTE | 29 | 7484 | RAMPAGE | 434 |
| 7435 | QUIZZY | 173 | 7485 | RAMPART | 556 |
| 7436 | QUOIT | 393 | 7486 | RAMPION | 22 |
| 7437 | QUORUM | 563 | 7487 | RAMPIRE | 233 |
| 7438 | QUOTATION | 563 | 7488 | RAMROD | 143 |
| 7439 | RABBITS | 323 | 7489 | RAMSDEN | 853 |
| **7440** | RABBLE | 123 | **7490** | RAMSHACKLE | 561 |
| 7441 | RABELAIS | 450 | 7491 | RAMSHORN | 854 |
| 7442 | RABID | 652 | 7492 | RAMSON | 267 |
| 7443 | RACEFIELD | 559 | 7493 | RANCHER | 534 |
| 7444 | RACHEL | 447 | 7494 | RANCID | 141 |
| 7445 | RACING | 308 | 7495 | RANDALSTOWN | 738 |
| 7446 | RACKETEER | 487 | 7496 | RANDOM | 451 |
| 7447 | RACKHAM | 883 | 7497 | RANELAGH | 590 |
| 7448 | RACONTEUR | 266 | 7498 | RANGE | 19 |
| 7449 | RACOON | 268 | 7499 | RANJI | 601 |

O Índice de Palavras-Código do Serviço Interno das Forças Armadas contém o código da palavra "Rainbow" (Arco-Íris), que pode ter sido o nome do projeto para o Experimento Filadélfia.

Inicialmente, no primeiro contato, os Arquivos Nacionais declaram não ter conhecimento de nenhum registro de um projeto chamado Rainbow, e nenhum conhecimento de um índice de nomes de projetos. Mais tarde, quando fornecemos o nome "Rainbow" aos Arquivos Nacionais, obtivemos a cópia acima de uma página do índice.

- Um dos problemas era que a ionização criada pelo campo tende a provocar uma refração desigual da luz. Os conceitos originais que foram trazidos até nós antes da conferência foram muito bem estabelecidos e lógicos, mas avisei a Albrecht e a Gleason que, de acordo com nossos cálculos, os resultados não seriam um efeito de normal de miragem, mas sim um "deslocamento variável" causado por certas tendências inerentes do campo alternado, que daria origem a uma imagem difusa em lugar da completa ausência de imagem. "Difuso" pode muito bem ter sido um eufemismo, mas lhe pareceu apropriado no momento. Imediatamente para além desta área difusa haveria de aparecer um brilho, e muito fora seria criado um campo de estática. De qualquer forma, nossa advertência sobre este assunto, que finalmente foi para a NDRC, era que deviam levar tudo isso em conta e a que a experiência deveria ser planejada com algum cuidado. Também senti que, com esforço apropriado, alguns desses problemas poderiam ser superados... e que provavelmente poderiam encontrar uma frequência de ressonância, que, seria possível controlar a oscilação interna visual de modo a permitir reduzir bastante a cintilação... Eu não sei até que ponto aqueles que estavam trabalhando neste aspecto do problema já tinham lidado com isso

- Também me lembro de algumas reuniões posteriores que trataram este tema, mas a memória é nebulosa em detalhes. Outra coisa que eu me lembro fortemente é que por algumas semanas após a reunião no escritório de Albrecht continuamos recebendo solicitações para criar tabelas sobre as frequências ressonantes de luz em várias óticas. Estas foram muitas vezes pedidas sem explicação, mas parece provável que havia aqui alguma conexão com o projeto.

Rinehart começou a olhar ao redor da sala, nervoso como se talvez tivesse falado demais, mas ele continuou adiante.

- Desconfio que C. M. Allen se envolveu apenas em as experiências com modelos. Talvez no estas podem ter sido realizadas no Laboratório David Taylor Model Basin (DTMB - bacias de navio modelo), maior instalação de teste do mundo para o desenvolvimento de um modelo de navio, ou talvez não, pois eu não tenho certeza se existia recursos para fazê-lo assim tão facilmente ou não. Parte do trabalho foi provavelmente realizado na área da Baía de Anacostia, que foi o mesmo lugar utilizado para muitos testes avançados de radar.

- Como você acha que eles conseguiram obter um navio para realmente tentar fazer isso? - Eu perguntei. - Alguém em algum lugar, certamente deve ter colocado seu pescoço à prêmio por arriscar tal coisa.

- Isso é uma boa pergunta. Eu já lhe sugeri duas vezes que o

Comandante Parsons [William S. Parsons, o mesmo homem que pessoalmente armou a bomba atômica a bordo da aeronave *Enola Gay* antes da queda em Hiroshima, em 1945] pode ter tido algum papel neste projeto... Lembro-me da conferência a respeito de um projeto diferente, em 1939, onde disseram que ninguém conseguiria autorização para utilizar um navio, a não ser Parsons, que poderia convencer o Bureau de Navios a permitir uma experimentação de um novo instrumento a bordo de um navio de guerra. Naquele tempo o capitão Parsons era Capitão-de-Fragata Parsons... o mais notável dos graduados da Academia Naval com posição real de pesquisador cientista. Nas conferências, estava sempre acompanhado de dois ou três tenentes quem eu me lembro apenas vagamente...

- No que diz respeito ao navio mercante que o senhor afirma que pode ter sido usado como um navio de observação... Eu sinto que o almirante Jerry Land, chefe da Comissão de Marinha Mercante dos EUA, tenha dado uma mãozinha. Embora ele fosse do tipo "durão e insensível", frequentemente colaborava conosco - especialmente quando tínhamos dificuldade com a Marinha. Em várias ocasiões, por exemplo, fomos mais bem sucedidos sobre o U.S.M.C. - United States Marine Corps (O Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos - um ramo das Forças Armadas) - que nos permitiram colocar o equipamento experimental a bordo de navios mercantes para os ensaios, depois que a Marinha nos negava autorizações para usar navios de guerra. No caso particular desse projeto experimental, tenho certeza que o almirante Land pediu e insistiu para conseguirmos um navio e tripulação com o qual nada poderia dar errado. De acordo com um amigo meu, foi feita uma tentativa para obter uma boa escolha a fim de não constranger o almirante Land na frente da Marinha. Muito possivelmente, de acordo com meu amigo, a tripulação colocada a bordo deste navio consistia em marinheiros escolhidos a dedo, pelo menos, alguns dos quais teriam sido os veteranos da rota Murmansk[10] e assim seriam do tipo mais corajoso.

E assim, em essência, termina a maior parte da fascinante história do Dr. Rinehart - todas com exceção de um pouco mais de informação que tem sido propositadamente deixada de lado para o capítulo posterior. Após a entrevista acima, Moore continuou a manter contato com ele de uma forma mais ou menos regular até o momento de sua morte inesperada há pouco mais de cinco meses mais tarde. Geralmente esses contatos eram amigáveis ao invés de profissionais, mas, ocasionalmente, uma parte esquecida, que provava ser útil ou interessante, era trazida à tona. Uma dessas até vale a pena repetir aqui como uma espécie de posfácio.

A história diz respeito a um dos numerosos cientistas

americanos de origem alemã que trabalhava na Alemanha antes da vinda de Hitler, e que havia fugido para os Estados Unidos para escapar da possível perseguição. Parece que o Departamento de Guerra era particularmente afeiçoado a vários destes cientistas e esforçou-se para consultá-los em uma base mais ou menos regular para procurar as suas opiniões sobre os vários desenvolvimentos científicos que os alemães estavam trabalhando.

Em uma das últimas cartas que Moore recebeu, o Dr. Rinehart se lembra de uma conferência na qual um dos tópicos a serem discutidos era certas implicações da Teoria do Campo Unificado e a experiência da invisibilidade. A certa altura, o cientista alemão em questão foi perguntado por um dos oficiais da Marinha presente se ele achava que os alemães podiam estar trabalhando em qualquer coisa de natureza semelhante.

Segundo o Dr. Rinehart, o alemão hesitou apenas um momento antes de responder em seu inglês com forte sotaque, mas de forma tão perfeita que "o oficial" deveria saber que, embora os cientistas da Marinha americana pudessem muito bem ser caracterizadas adequadamente como "conservadores", sob certos aspectos, na Marinha da Alemanha era muito pior. "Se alguém se atrevesse a sugerir um projeto como este para o Comando Naval Alemão", o cientista alemão continuou, "ele teria sido educado, mas firmemente lembraria que seu tempo poderia ser melhor gasto pensando em armas de ataque em vez de medidas de defesa contra um inimigo inferior."

Tudo isso tende a reforçar a possibilidade de que realmente havia um projeto em andamento que poderiam facilmente ter realizado, e muito possivelmente o fizeram, se transformando em algo da magnitude do Experimento Filadélfia.

Mas uma questão importante e pertinente permanece sem resposta: Como é que Carlos Allende conseguiu saber tantos detalhes sobre tudo este projeto, obviamente, bastante complexo e altamente secreto a fim de se permitir escrever sua série de cartas para o Dr. Jessup?

Infelizmente a figura do quebra-cabeça não está completa o suficiente para nos permitir chegar a uma resposta concreta em relação a este ponto em particular. No entanto, isso não impede uma tentativa de fazermos o melhor possível para adivinhar com base nas informações obtidas do Dr. Rinehart sobre o tema.

Como temos demonstrado, não pode haver dúvida de que o homem que se chama Carlos Allende, de fato, serviu como um marinheiro a bordo do *S.S. Andrew Furuseth*. Sabendo o que sabemos agora, parece quase certo que ele realmente testemunhou pelo menos algumas das coisas que escreveu em suas cartas. Que estes eventos o

perturbaram bastante é bastante evidente.

Com isto em mente, podemos seguramente conjecturar que encontramos alguma explicação lógica para o que ele tinha visto e que permaneceu em sua mente. Pelo menos ele parece ter discutido o tema com todas as pessoas de formação científica que encontrava; uma vez que ele estava acostumado a procurar essas pessoas sempre que possível e assistir a palestras públicas sobre temas científicos, Allende provavelmente adquiriu bastante conhecimento no processo - uma espécie de autoconhecimento em coisas científicas.

A oportunidade que ele estava esperando veio quando um encontro casual o levou a conhecer o Dr. Rinehart, o único homem que pode esclarecê-lo com alguns dos detalhes do experimento do navio que há muito perturbava seus pensamentos. Embora o Dr. Rinehart, tivesse todo o interesse em guardar segredo, acabou revelando o suficiente para fazer com que Carlos com receio de que alguns cientistas militares ainda estivessem interessados no projeto. Quando o livro de Jessup *The Case for the UFO* (O Caso dos OVNI's), foi publicado não muito tempo depois, Allende começou a temer que este livro poderia, eventualmente, trazer tudo à tona novamente.

O medo se transformou em horror quando, após suas discussões com o Dr. Rinehart e logo após ler o livro de Jessup, ele passou a assistir a uma das palestras públicas de Jessup. Quando, durante o curso de sua apresentação, Jessup admoestou o seu público para pressionar o governo por mais verbas para a pesquisa da Teoria do Campo Unificado, Allende ficou atordoado. Foi em tal estado de espírito que Allende escreveu sua segunda carta ao Dr. Jessup, na qual ele expôs os fatos sobre o que ele disse que tinha presenciado durante a guerra e, em seguida, descreveu as possíveis consequências de tais pesquisas em detalhe. Allende não tinha como saber que seu "amigo, o Dr. Franklin Reno" utilizou-se de um pseudônimo que tinha sido originalmente inspirado por um sinal na estrada. Nem tinha qualquer ideia de que através de sua referência a esta pessoa em uma das cartas, estava perpetuando o uso de um nome falso que continuaria a confundir pesquisadores por muitos anos vindouros.

Uma coisa é certa: considerando o grau de publicidade e notoriedade que as cartas de Allende atingiu ao longo dos anos, Allende jamais foi capaz de identificar o Dr. Rinehart pelo seu nome real, e é quase certo que a reputação do cientista há muito tempo teria sido destruída pelas instituições científicas. Ele também pode ter considerado a possibilidade de ameaças à sua privacidade ou a sua vida.

O Dr. Rinehart, no entanto, não é a única pessoa conhecida por ter desempenhado um papel no planejamento do Experimento Filadélfia. Outras investigações nos levaram a localizar uma pessoa

que não só tinha participado do projeto, mas podem talvez, tenha finalmente descoberto um método mais intrigante para pôr em prática seu conhecimento de campos de força.

8
Um condutor enrolado em forma de espiras é denominado solenoide. Um solenoide é um dispositivo que converte a energia em movimento linear. Essa energia pode vir de um campo eletromagnético, uma câmara (movida a ar) pneumática ou hidráulica (cheio de líquido) do cilindro. Solenoides são comumente encontrados em conjuntos de campainhas elétricas, sistemas automotivos de partida, martelos pneumáticos industriais e muitos outros dispositivos que dependem de uma explosão repentina de energia para mover uma parte específica. (Nota do Tradutor)

9 O efeito Zeeman consiste no deslocamento das linhas espectrais de um átomo sob a influência de um campo energia). Além disso, o desdobramento dos níveis de energia pela ação de um campo magnético constitui a base das técnicas de ressonância magnética. Nota do tradutor.

10 Os Comboios do Ártico da Segunda Guerra Mundial foram comboios oceânicos que navegavam do Reino Unido, Islândia e da América do Norte para os portos do norte da União Soviética principalmente Arkhangelsk (Arcanjo) e Murmansk, na atual Rússia. Houve 78 comboios entre agosto de 1941 e maio de 1945, navegando através dos mares do Atlântico e do Oceano Ártico.
Cerca de 1400 navios mercantes entregaram suprimentos para a União Soviética por meio do programa LendLease, escoltados por navios da Marinha Real Britânica, Marinha Canadense e da Marinha dos Estados Unidos. Oitenta e cinco embarcações mercantes e 16 navios de guerra (dois cruzadores, seis destroieres e oito outros navios de escolta) foram perdidos. A Kriegsmarine alemã perdeu uma série de navios, incluindo um cruzador de batalha, três destroieres e pelo menos 30 submarinos, bem como um grande número de aeronaves. A rota era em torno da Noruega ocupada pelas tropas nazistas, e era particularmente perigosa devido à proximidade do território alemão, e também, por causa da probabilidade de mau tempo, a frequência de nevoeiro, as fortes correntes, vento gelados, e na alternância entre as dificuldades de navegação e manter a coesão do comboio na constante escuridão do inverno Ártico ou ser atacados na constante luz do dia no verão.

# CAPÍTULO 10

## Os Campos de Força de Townsend Brown

Poderia haver alguma aplicação prática para as energias e os campos de força do tipo supostamente utilizados para criar a invisibilidade durante o Experimento Filadélfia? Poderiam estas aplicações incluir os possíveis métodos de propulsão de objetos aéreos, como insinuou Morris Jessup com relação aos OVNIs? Podemos tentar responder sobre estas questões, examinando a vida e a carreira de um obscuro, mas extremamente brilhante físico e inventor americano chamado Thomas Townsend Brown, um homem que, como o Dr. Rinehart, foi finalmente destinado a desempenhar um papel no projeto que levou à experiência em si.

Nascido em uma família de destaque em Zanesville, Ohio, em 1905, Townsend Brown demonstrou interesse desde cedo pela viagem espacial - um tema considerado pura fantasia em dias em uma época em que olhavam com desconfiança para os sucessos dos irmãos Wright.

Apesar de tudo, o jovem Brown manteve o seu interesse e gostava de ocupar-se com a eletrônica. Em sua juventude brincava com as ideias infantis de rádio e eletromagnetismo que forneceu base inestimável para ele, anos mais tarde, e foi durante o decurso desta "experimentação" que Brown de alguma forma adquiriu um tubo de raios X de Coolidge - um item que o levou a fazer uma das descobertas mais surpreendentes.

Os Raios-X (ou raios Roentgen) eram efetivamente forças misteriosas naqueles dias (na verdade, o americano físico-químico William D. Coolidge tinha recém-inventado o tubo de Coolidge, em 1913), e até mesmo a ciência legítima estava apenas começando a aprender alguma coisa sobre eles. Brown não estava interessado em raios-X, mas no que poderia contribuir para viagens espaciais. E para esse fim ele montou um experimento para determinar se os raios produzidos por um tubo de Coolidge, poderia exercer alguma força sobre os corpos. Fez algo que nenhum cientista de sua época havia pensado. Brown montou seu tubo de Coolidge em uma balança extremamente delicada e começou os "testes" para os resultados. Ele foi incapaz de detectar qualquer força mensurável exercida pelos raios-X, independentemente de qual maneira ele virasse o aparelho, mas de repente tomou consciência de uma qualidade muito estranha

do próprio tubo: toda vez que era ativado, o tubo parecia adquirir um movimento próprio - um "impulso" de algum tipo, como se o aparelho tivesse tentando se mover! Investigando mais, Brown teve que gastar tempo e esforço consideráveis antes da explicação final se tornar aparente. Este fenômeno recém-descoberto não tinha nada a ver com os raios-X – a alta tensão que estava sendo usada para produzir os raios é que era a responsável!

Brown então planejou toda uma nova série de experimentos destinada a determinar a natureza exata dessa nova "força" que ele tinha descoberto, e depois de muito esforço ele finalmente conseguiu desenvolver um dispositivo que escolheu de forma otimista chamar de "gravitor". Esse aparelho não passava de uma caixa de baquelite (resina quimicamente estável e resistente ao calor, e foi um dos primeiros plásticos desenvolvidos) cerca de 30 centímetros de comprimento e 10 centímetros de altura a largura, mas quando colocado em uma balança e conectado com uma fonte de energia de 100 quilovolts o aparelho começou a ganhar ou perder cerca de 1% do seu peso, dependendo da polaridade da fonte utilizada.

Brown tinha certeza que tinha descoberto um novo princípio elétrico, mas ele não sabia exatamente o que fazer com ele. E apesar do fato de que relatos de alguns de seus trabalhos terem sido publicados em um jornal, nenhum cientista de qualquer porte expressou algum interesse em sua descoberta - o que não é de se admirar, quando se considera que até então Townsend Brown o ainda estava no último ano do ensino médio.

Em 1922, Brown entrou no California Institute of Technology - Caltech (Instituto de Tecnologia da Califórnia) em Pasadena. Ele passou seu primeiro ano tentando conquistar a confiança de seus professores, entre os quais estava o físico e ganhador do prêmio Nobel Dr. Robert A. Millikan. No entanto, não logrou sucesso em convencer seus instrutores de sua excelência como um homem de pesquisa, nem foi compensado em ganhar ainda que a mais leve medida de reconhecimento por suas ideias sobre eletro gravidade. Seus professores, mergulhada nos rigores do século XIX da disciplina científica, se recusaram a admitir que tal coisa poderia mesmo existir, pois eles não estavam interessados em novos conceitos ou revolucionário.

Desapontado, Brown pediu transferência para Kenyon College, em Gambier, Ohio, em 1923, permanecendo lá apenas um ano e depois se transferiu para Denison University em Granville, Ohio, onde estudou como residente em eletrônica no Departamento de Física sob a supervisão do Dr. Paul Alfred Biefeld, professor de Física e Astronomia e ex-colega, na Suíça, do

Dr. Einstein (um de apenas oito).

Ao contrário do Dr Millikan no Caltech, o Dr. Biefeld provou estar interessados na descoberta de Brown, e juntos - professor e aluno - experimentaram carregar capacitores elétricos e desenvolveram um princípio da física que veio a ser provisoriamente conhecido como Efeito Biefeld-Brown. Basicamente, o "efeito" consiste na tendência observada de um capacitor elétrico altamente carregado de exibir movimento em direção a seu polo positivo... o mesmo movimento observado anteriormente por Brown com o seu tubo de Coolidge.

Após a conclusão de sua educação formal, Townsend Brown juntou-se ao pessoal do Swazey Observatory (Observatório Swazey) em Ohio, onde permaneceu cerca de quatro anos e durante o qual se casou. Em 1930, Brown deixou a equipe de Swazey e assinou contrato com o Laboratório de Pesquisa da Marinha, em Washington, DC, como especialista em radiação, física de campo, e espectroscopia.

Foi durante esta fase de sua vida que ele participou como físico consultor da Expedição Internacional de Gravitação do Departamento da Marinha dos EUA, nas Índias Ocidentais em 1932, e como físico na Expedição Oceanográfica do Johnson-Smithsonian, em 1933. Mais tarde, naquele mesmo ano, a Grande Depressão teve seus efeitos e cortes no orçamento e Brown foi obrigado a abandonar o que parecia ser uma carreira promissora no Laboratório de Pesquisa Naval (NRL), em busca de "pastos mais verdes. Como os Drs. Jessup e Rinehart, Brown se voltou para trabalhar para o governo. Ele se juntou à Reserva da Marinha dos EUA, e, como era difícil encontrar emprego científico de qualquer tipo, aceitou a primeira posição que surgiu, que foi como engenheiro de solos para a Federal Emergency Relief Administration e mais tarde como um administrador do Civilian Conservation Corps, em Ohio.

Trabalhos diurnos durante a década de 1930, no entanto, não o impediram de continuar seu estudo da Física em geral e do Efeito Biefeld-Brown em particular, durante a noite e finais de semana disponíveis. Com o passar do tempo, o projeto original do "gravitor" foi consideravelmente aperfeiçoado.

Em 1939, Brown, agora um tenente da Reserva da Marinha, se mudou para Maryland para se tornar um engenheiro de materiais para a Sociedade Glenn Martin L. de Baltimore, (mais tarde Martin Aerospace). Ele estava lá apenas alguns meses, no entanto, quando foi chamado pela Marinha para se tornar oficial encarregado da pesquisa e desenvolvimento de dispositivos magnéticos e acústicos para desativar minas, patrocinado pelo

Bureau de Navios.

Foi logo depois de receber esta nomeação que Brown entrou em contato com os estágios iniciais de desenvolvimento do projeto que pode ter se tornado o Experimento Filadélfia. Segundo o Dr. Rinehart:

- Eu acredito que quando ele [Brown] foi trazido de da Sociedade Glenn Martin para o Bureau de Navios como oficial encarregado da varredura de minas acústicas e magnéticas, todos os projetos que Ross Gunn, então diretor do Laboratório de Pesquisa Naval, considerava interessante foram trazidos até ele por causa de sua formação em Física. Este é o lugar onde ele se envolveu nesse "projeto" em particular- este é o seu ponto de vista.

"O Bureau de Navios estava interessado em qualquer pesquisa que pudesse ser útil para eles. No caso em questão, eles tentariam obter um bom homem para trabalhar nele e acho que por isso escolheram Brown. Ele foi trazido, porque eles estavam com falta de pessoas - especialmente os bons - e precisavam de alguém que tivesse a mentalidade aberta em relação às coisas que eles estavam pensando. Ele, sem dúvida, também teria conversado com o capitão Parsons a respeito do projeto."

"Embora nunca tenha tido relacionamento pessoal com Brown cheguei a me encontrar com ele ocasionalmente, trocando algumas poucas palavras (pois trabalhávamos em departamentos totalmente diferentes). Lembro-me claramente da sua presença na mesma mesa comigo durante várias conferências em que este projeto foi discutido. Eu não creio que tenha falado com ele mais de uma vez ou duas vezes em qualquer ocasião. Ele era uma pessoa tímida e retraída, se bem me lembro, um homem cujas ideias e esforços foram frequentemente mais defendidos por seus amigos e colegas do que por ele mesmo".

Não sabemos até que ponto Brown participou do projeto do Experimento Filadélfia. Embora ele tenda a ser bastante inespecífico no ponto, parece praticamente certo que ele teria que ter tido pelo menos algum envolvimento, uma vez que grande parte do trabalho de sua equipe de pesquisa foi realizada na área relacionada com o navio desmagnetizado. Ele também realizou o que ele caracteriza como "alguns valiosos trabalhos de alto vácuo".

Em todo caso, o seu trabalho com o Bureau de Navios, onde era responsável pela verba de cerca de US$ 50 milhões para pesquisa e onde coordenava as atividades de pelo menos uma dúzia de Ph.Ds. juniores, pode ser considerado como exemplar para dizer o mínimo. Entretanto, a reviravolta geral que se seguiu após Pearl Harbour, ele foi transferido, com a patente de capitão de-corveta, para Norfolk para dirigir a Escola de Radar da

Marinha e lá continuar suas pesquisas.

De acordo com outra fonte de informação, foi enquanto servia nesta função que levou adiante algumas ideias de como usar os campos eletromagnéticos para tornar objetos invisíveis ao radar, especialmente no ar e no mar. No entanto, se essas ideias puderam, eventualmente, ter sido incorporadas diretamente na investigação em curso sobre o projeto Experimento Filadélfia ou se foram sequer postas em prática não é conhecido. Brown não era o tipo que pressionava demais suas próprias ideias, a menos que elas satisfizessem a aprovação de outros envolvidos.

Apesar de seu temperamento retraído, porém, Brown foi um trabalhador incansável e dedicado, que continuou a servir bem ao seu país durante os próximos dois anos. Infelizmente, até dezembro de 1943, o excesso de trabalho e sua decepção pessoal pelo fracasso de seus projetos não serem aceitos pela comunidade científica e ganhar o devido reconhecimento, finalmente, chegou ao limite. Ele sofreu um colapso nervoso e foi mandado para casa para descansar. Por recomendação de uma junta médica da Marinha, conseguiu rapidamente a aposentadoria do serviço.

Um aspecto interessante neste ponto é que Reilly Crabb tem afirmado constantemente que a causa do colapso de Brown estava diretamente relacionada ao Experimento Filadélfia. É verdade que os desastrosos efeitos físicos e psicológicos da experiência sobre os tripulantes do *DE 173* certamente teriam uma repercussão extremamente negativa nos altos círculos, e os chefes do projeto seriam diretamente responsabilizados. Se isto realmente ocorreu, é fácil imaginar as pressões a que Brown teria sido submetido. Entretanto, não conseguimos encontrar nenhuma prova que confirmasse esta teoria.

De qualquer forma, após seis meses de descanso, no final da primavera de 1944, Brown estava trabalhando como consultor de radar para o departamento de projetos avançados da Lockheed-Vega Aircraft Corporation, na Califórnia. Os colegas de lá o descreviam da mesma forma que o Dr. Rinehart, referindo-se a ele como "um homem quieto, tímido, retraído..., mas um brilhante solucionador de problemas de engenharia" e "exatamente o tipo que se espera encontrar em importantes instalações de pesquisa avançada." E mais importante, na época Brown ainda estava trabalhando em seu dispositivo "gravitor", apesar de (curiosamente), ele optar por não falar em termos de gravidade quando se referia a ele. Em vez disso, ele parecia preferir o termo mais científico, mas decididamente menos sensacional "Tensão em Dielétricos" (distúrbios que afetam a qualidade de energia.).

Depois de deixar a Lockheed, Brown foi para o Havaí para

viver e para continuar suas pesquisas. Foi durante este tempo, em parte graças aos esforços de um velho amigo, A. L. Kitselman, que na época ensinava cálculo em Pearl Harbour, que o aparelho "gravitor" de Brown, uma versão aperfeiçoada do modelo antigo, chegou ao conhecimento do almirante Arthur W. Radford, Comandante em Chefe da Frota do Pacífico dos EUA (e mais tarde seria o Secretário do Estado-Maior do presidente Eisenhower, 1953-1957). Como resultado do interesse do Almirante Radford, Brown foi temporariamente elevado a consultor da Base Naval de Pearl Harbour, mas apesar do fato de que o ex-capitão-de-corveta ser bem tratado por seus amigos da Marinha, parece evidente que consideraram sua invenção, ao invés de acharem mais uma curiosidade interessante do que o ponto de partida para viagens espaciais ou interdimensionais. Talvez se Brown tivesse sido mais um vendedor de ideias do que um cientista, as coisas poderiam ter sido diferentes, embora também é possível que a Marinha tenha desistido das pesquisas sobre o campo de força durante a guerra e foi mantido distante de quaisquer outros projetos, depois dos acontecimentos que cercaram a Experiência Filadélfia. (Neste ponto nos lembramos da declaração de Carlos Allende que indicava que "a Marinha temia utilizar os resultados" retorna à mente neste momento.)

Nesse meio tempo, o aumento da atividade dos OVNIs na virada da década havia capturado o interesse pessoal de Brown. Ansiosamente após as controvérsias, que duraram entre o final dos anos 40 e início dos anos 50 na comunidade militar e científica, Brown postulou que, se os cientistas de todo o mundo participassem de um esforço conjunto em torno da fonte de energia da propulsão dos OVNIs, o mistério pudesse ser resolvido. Naqueles dias, a sua crença na capacidade da ciência moderna era tanta que ele até se atreveu a especular sobre a possibilidade de uma solução rápida, desde que os recursos adequados e mão de obra fossem liberados para ele. Claro, ele permaneceu constantemente ciente da possibilidade de que através de seus próprios esforços na pesquisa do eletro gravidade ele conseguiria descobrir uma das chaves para o mistério.

Depois de mudar-se para Cleveland, em 1952, Brown concebeu um projeto que chamou Winterhaven, uma ideia que ele esperava (com refinamentos adequados) oferecer às Forças Armadas. Através da paciente investigação, ele conseguiu melhorar a força de sustentação de seu instrumento "gravitor" até que o aparelho era capaz de levantar muito mais do que seu próprio peso - um sucesso que deveria ter surpreendido qualquer cientista respeitável ou funcionário do Pentágono, mas

aparentemente nada aconteceu, embora o instrumento envolvido fosse bastante sofisticado, e, como veremos, a demonstração era a mais impressionante.

Teoricamente falando, Brown tentou explicar seus resultados em termos de física da Teoria do Campo Unificado. A diferença entre Brown e a maioria dos cientistas ortodoxos é que Brown acreditava firmemente na existência de um efeito de acoplamento mensurável entre a gravidade e a eletricidade e que este efeito de acoplamento é precisamente o responsável pelo funcionamento de seus dispositivos. Em outras palavras, ele afirma que o efeito Biefeld-Brown não só representa um elo de ligação provada e demonstrada entre a eletricidade e a gravitação, mas representa uma realidade que pode ser aproveitada e utilizada para fins de propulsão, tanto dentro como fora da atmosfera da Terra. As semelhanças de tudo isso com os conceitos supostamente utilizados no projeto Experimento Filadélfia são facilmente visíveis.

"Dielétricos" são definidos como um material que tem a capacidade única de absorver a energia elétrica e cargas sem ordinariamente passar esta energia para materiais vizinhos. Alguns dielétricos são capazes de absorver enormes quantidades de energia elétrica (também chamado de "tensão elástica"), sem descarregar-se, desde que a energia seja alimentada lentamente no dielétrico e com baixa tensão. Outros ainda podem ser carregados e descarregados com tensões extremamente elevadas à razão de milhares de vezes por segundo. Townsend Brown se preocupou principalmente com este último tipo. Usando apenas tal dielétrico, Brown construiu capacitores em forma de disco, e, através da aplicação de diferentes quantidades de alta tensão em corrente contínua, testemunhou o Efeito Biefeld-Brown em ação. Com a construção adequada e potencial elétrico (na escala de quilovolts) do pequeno disco "as superfícies de sustentação em forma de "aerofólios" foram feitas para voar sob sua própria energia, emitindo um zumbido ligeiro e um brilho elétrico azulado. Mais cientificamente, talvez, esse processo de "voo" poderia ser melhor descrito como "movimento sob a influência da interação entre campos elétricos e gravitacionais na direção do eletrodo positivo."

Thomas Townsend Brown

Em 1953, Brown conseguiu demonstrar em um laboratório o voo em forma de discos aerodinâmicos de 60 centímetros de diâmetro, descrevendo uma trajetória circular de 6 metros de diâmetro. O processo envolveu amarrar estas naves em forma de disco em um poste central por meio de um fio através da qual alimentou-o com uma corrente contínua de 50 mil volts, com uma potência de 50 watts. O teste produziu uma velocidade máxima observável de incríveis 5 metros por segundo (cerca de 20 quilômetros por hora).

Trabalhando com determinação quase sobre-humana e financiando as próprias pesquisas com grande dificuldade, Brown logo conseguiu um resultado ainda mais impressionante. Em sua próxima demonstração, expôs uma série de discos de 90 centímetros de diâmetro descrendo uma trajetória de 15 metros de diâmetro, com resultados tão espetaculares que eles foram imediatamente publicados. Mesmo assim, quase todos dos cientistas que presenciaram as manifestações continuaram céticas e, geralmente, tenderam a atribuir a força motriz de Brown para o que chamaram de um "vento elétrico" - apesar fosse necessário um verdadeiro "furacão elétrico" para produzir o potencial observado de elevação! No entanto, lamentavelmente poucos deram qualquer crédito que seja às ideias que o Efeito Biefield-Brown pudesse representar uma descoberta fundamental no mundo da física. Brown pediu ajuda financeira ao governo para que o trabalho continuasse, mas em 1955, percebendo que o dinheiro não viria, um descontente Brown foi para a Europa na esperança de que talvez ele pudesse ser capaz de gerar um pouco mais de entusiasmo por lá.

Embora as manifestações fossem primeiramente dadas pela Inglaterra, foi no continente, sob os auspícios de uma empresa francesa, La Societé Nationale de Construction Aéronautique Sud Ouest (SNCASO) (Sociedade Nacional de Construção Aeroespacial Sul-Oeste (SNCASO), que as coisas realmente começaram a demonstrar um olhar promissor. Durante uma série de testes realizados secretamente no laboratório de pesquisa da companhia, Brown conseguiu fazer voar alguns de seus discos em um alto vácuo com resultados surpreendentes. Brown estava em êxtase, pois não só ele tinha conseguido provar que seus discos voavam perfeitamente na *ausência* do ar, mas ele também havia mostrado que a velocidade e eficiência do seu "equipamento" poderia ser aumentada, proporcionando uma maior tensão para as placas dielétricas. Relatos contemporâneos facilmente falam de velocidades de várias centenas de quilômetros por hora com tensões na faixa de 100.000 a 200.000, e pelo menos um escritor falou de um "gerador à jato de fogo", então em fase de planejamento que supostamente seria capaz de fornecer

potencial de energia até 15 milhões de volts! Na verdade, os planos tinham sido estabelecidos para a construção imediata de uma grande câmara de vácuo e uma fonte de alimentação de 500 mil volts quando o desastre do projeto aconteceu: na forma de uma fusão corporativa. A SNCASO havia concordado em se juntar com uma empresa maior, Sud Est. O presidente da empresa resultante demonstrou total falta de interesse "nesses esforços fantásticos de pesquisa de propulsão" de Brown, voltando-se, e em vez disso para aumentar a "fabricação de fuselagens de avião". Consequentemente, todas as instalações que levavam adiante o trabalho de pesquisa eletro gravitacionais foram sumariamente cancelados e um Brown completamente decepcionado foi forçado a regressar para os EUA em 1956.

Um ano depois, Brown estava trabalhando no cargo de principal chefe consultor de pesquisa e desenvolvimento do Projeto Whitehall-Rand, uma nova pesquisa antigravidade que estava sendo realizado sob os auspícios pessoais de Agnew Bahnson, presidente da Companhia Bahnson de Winston-Salem, Carolina do Norte. Bahnson era um entusiasta em OVNIs e nutria um desejo pessoal de ser o primeiro homem a pisar na lua. Usando seus próprios recursos, ele construiu um laboratório particular bem equipado e convidou Brown para fazer a consultoria. No entanto, o destino mudou tudo, pois, assim quando as coisas começaram a ficar bem com o empreendimento, Sr. Bahnson, um piloto experiente, foi morto sob circunstâncias um tanto incomum quando seu avião particular teria atingido um fio de alta tensão. Os herdeiros Bahnson não estavam interessados no projeto e este foi rapidamente interrompido.

Em 1958, acreditando ter finalmente chegado o momento de seguir sozinho, Townsend Brown organizou sua própria corporação sob o nome de Rand International Limited, e estabeleceu-se como presidente. Apesar de inúmeras patentes terem sido solicitadas e concedidas tanto os EUA como no exterior, e apesar de inúmeras demonstrações pacientemente dadas a grupos governamentais e empresariais interessados, o sucesso mais uma vez lhe escapou. Curioso é observar que o interesse que as demonstrações pareciam despertar não durava muito tempo - quase como se alguém (? Ou talvez alguma coisa) estivesse trabalhando contra ele. Embora a estrutura corporativa da Rand Internacional ainda exista até hoje, tem havido pouco resultado nos últimos anos.

No início dos anos 60, Brown fez um breve trabalho como físico para a Electrokinetics Inc. de Bala Cynwyd, Pensilvânia, e ao final seu emprego lá, entrou em semi-aposentadoria. Desde então, ele viveu na Califórnia, em silêncio perseguindo sua pesquisa na esperança de que talvez algum dia, com um pouco de sorte, o mundo

iria notar.

Sua participação mais recente foi com um projeto "financiado em grande parte pelo Stanford Research Institute, com apoio adicional prestado pela Universidade da Califórnia e do Centro de Pesquisa Ames da NASA." O objetivo da pesquisa, cujos detalhes ainda estão em grande parte em segredo, é tentar determinar o que de conexão, se for o caso, há entre o campo gravitacional da Terra e a eletricidade das rochas (também conhecido como petro-eletricidade).[11] Se Brown pudesse conseguir seu tão esperado objetivo de provar que a petro-eletricidade era "induzida" pelo campo gravitacional da Terra, não só confirmará certos aspectos da Teoria do Campo Unificado em geral, mas também as teorias pessoais de Brown sobre eletro gravidade.

Isto cristaliza a pergunta colocada indiretamente neste capítulo inteiro: Por que de fato o trabalho promissor da vida de Townsend Brown passou praticamente despercebido para estas últimas três décadas? Brown até o final era de opinião de que novas investigações sobre o Efeito Biefeld-Brown poderiam levar a uma descoberta sensacional em métodos de propulsão espacial - para não mencionar de aplicações mais domésticas - se o financiamento adequado pudesse ser disponibilizado. É claro que pesquisas custam caro. Mas é dinheiro a verdadeira razão para a aparente falta de interesse? Ou poderia ser possivelmente que a sombra de uma experiência de invisibilidade em um navio há mais de trinta anos ainda lançasse sua sombra sobre seus esforços - talvez até mesmo a ponto de "arranjar" o desaparecimento conveniente de um de seus sócios financeiro mais influente? Ou talvez, como sugere o próprio Brown, a raça humana ainda não está pronta para aceitar um conceito científico tão revolucionário?

No entanto, como a investigação científica dos últimos anos tem notavelmente indicado, alguns conceitos, até então incríveis, sobre o espaço, a matéria, a energia e o tempo ainda estão sujeitos a mudanças radicais. Lembre-se do comentário de Haldane: "O universo não é apenas mais estranho do que imaginamos, é mais estranho do que possamos imaginar."

11 Anos antes, Brown ele havia descoberto que as resistências de carbono eletrificadas e massas dielétricas emitiam sinais de ruído espúrio. Estes sinais de ruído foram correlacionados com mudanças cósmicas. Dr. Brown descobriu que as rochas específicas, nomeadamente granitos e basaltos, manifestam estranhamente "tensões espontânea". Dr. Brown afirmou que as súbitas flutuações gravitacionais estão sendo transformadas em cargas eletrostáticas quando se deparam com materiais especiais. Elas foram nomeadas "petro-voltaica", fenômeno conhecido como "petro-eletricidade". (Nota do Tradutor)

# CAPÍTULO 11

## A Realidade do Impossível

Desde os primórdios da civilização humana, a humanidade sonhou em encontrar maneiras de conseguir o aparentemente impossível. Mesmo o mais breve exame de registros humanos que remonta há milhares de anos, nossos ancestrais encontram-se preocupados com o sonho de ser capaz de voar através do ar como os pássaros, explorando a superfície distante da lua, ou viajar nas profundezas dos oceanos do nosso planeta. Com os contínuos avanços técnicos da civilização moderna, no entanto, os sonhos de ontem tornaram-se rapidamente realidades de hoje, e a humanidade foi forçada a procurar novos objetivos.

Curiosamente, mesmo com todo o progresso do homem moderno, um dos nossos sonhos mais antigos ainda não foi realizado e continua vivo em nossa imaginação. Quem dentre nós não sonhou pelo menos uma vez de se tornar invisível e caminhar invisível e insuspeito entre seus companheiros? Em tempos antigos geralmente pensava-se que esta era uma capacidade reservada apenas para os deuses, ou para os semideuses, como Perseu fornecida a ele por um talismã especial. Mais recentemente a invisibilidade não só conseguiu encontrar seu caminho para as tramas de inúmeros livros e artigos de revista, mas tem até mesmo chegou a ser o tema central de uma série de televisão popular.

Um aspecto particularmente atraente é a de ser capaz de criar e manter um estado de invisibilidade em tempo de guerra. (Imagine a surpresa de um inimigo que será induzido a acreditar que não há ninguém lá até o momento final do ataque!) Escusado será dizer que as vantagens seriam virtualmente ilimitadas - desde que, é claro, que isso pudesse ser feito. Mas suponha por um momento que as provas que foram apresentadas até este ponto são verdadeiras e que de alguma forma alguém descobriu que tal coisa *é* possível - que, através da utilização adequada de produtos eletrônicos e campos de força, a invisibilidade *possa* ser criada em uma área limitada por um período limitado de tempo. Suponha que, como o Dr. Rinehart afirmou, tal descoberta ocorreu imediatamente antes ou durante a Segunda Guerra Mundial, e suponha que os que apresentaram a proposta foram bem sucedidos em despertar o interesse dos militares de guerra da nossa nação. Qual seria o lugar mais provável para realizar um

programa de testes rápidos deste sistema "ultrassecreto" de camuflagem eletrônica? Em terra? Possivelmente - mas com que vantagem? Mesmo uma pequena seção de terrenos e edifícios pudesse ficar invisível, um inimigo saberia as coordenadas desse local e poderia bombardeá-la de qualquer maneira. Tudo na terra não tem muita mobilidade e, geralmente, vira um alvo fácil - para não mencionar o fato de que qualquer sucesso de invisibilidade terrestre não só seria estritamente defensivo em suas possibilidades, mas teria que ser mantida em uma base permanente (pelo menos durante o dia) para ser de alguma utilidade. Por isso, o uso de bases terrestres não parece ser o mais desejável. Aviões? Altamente improvável, considerando o volume e o peso da eletrônica na década de 1940 e a pequena carga dos aviões então em uso. Tudo parece deixar-nos com uma única opção que parece se encaixar em todos os requisitos: navios.

Será que a Marinha dos EUA, como alega Allende, e como a evidência que examinamos até agora parece indicar, na verdade usou o *DE 173* para conduzir esse tipo de experimento de camuflagem eletrônica? Os resultados foram tão horríveis como Allende diz que foram? E as instituições militar-científicas usaram os resultados de testes como base para pesquisas posteriores para possíveis métodos de propulsão antigravidade semelhante à fonte de energia que Jessup e outros já tinham deduzido e usaram para alimentar os OVNIs? Embora este livro tenha fornecido informações inéditas, que tem percorrido um longo caminho no sentido de fornecer pistas para as respostas a essas perguntas, a prova positiva necessária parece tão evasiva como sempre.

Tal prova pode ser encontrada? Provavelmente não, a menos que os arquivos do governo sobre o projeto possam ser descobertas e revelados. E sem conhecimento do nome do código militar designado para o projeto isso seria difícil, senão impossível. Qualquer pedido de informação dirigido ao Instituto de Pesquisa Naval sobre o tema gera na melhor das hipóteses nada mais do que a carta formal secamente formulada referida anteriormente e que, declaradamente (e previsivelmente) nega a coisa toda. Sobre o caso Allende / Jessup, "o Escritório de Pesquisa Naval nunca levou a cabo um estudo oficial". Com relação ao Experimento Filadélfia em si, "A ONR nunca realizou qualquer investigação sobre invisibilidade, em 1943 ou em qualquer outro momento." Pressionado para uma conclusão oficial, o Departamento da Marinha tende a considerar a história toda como uma pobre tentativa de "ficção científica". Outras agências governamentais tendem a ser ainda menos cooperativas.

Charles Berlitz, durante a pesquisa para seu livro "*Without a*

*Trace*" (Sem Deixar Vestígios), tentou uma investigação discreta, mas profunda, sobre o mistério, consultando vários oficiais da Marinha, supostamente envolvidos no caso. Ele muitas vezes foi informado friamente que toda a história foi o resultado de alguém com uma imaginação muito fértil. Ainda menos produtivo foi a resposta gerada quando tentou discutir o assunto com funcionários da Varo Corporation, em Garland, Texas. "A empresa," foi-lhe dito, "não está interessada em discutir o assunto com você ou qualquer outra pessoa." Além disso, ele foi avisado de que seria inútil insistir no assunto. A Varo dizia: “Todas as cartas sobre o tema ficarão sem resposta e todas as chamadas de telefone serão recusadas."

Apesar do silêncio oficial, uma indicação de que algo poderia ter acontecido pode ser encontrado na estranha história do extrassensorial e mágico famoso José Dunninger. Durante as fases iniciais da Segunda Guerra Mundial, bem antes da entrada dos Estados Unidos no conflito, boatos aparentemente oriundos na Alemanha começaram a aparecer na imprensa mundial no sentido de que os ingleses haviam aperfeiçoado alguma forma de "tinta secreta" que tornou seus aviões praticamente invisíveis à noite - mesmo quando iluminados pelos mais poderosos holofotes. Dunninger, que certamente conhecia o valor da publicidade, aparentemente leu estas histórias e imediatamente viu nelas uma base em potencial para um golpe publicitário. Consultando os amigos repórteres sobre cuja confiança e conselhos ele frequentemente utilizava, Dunninger preparou um comunicado à imprensa sobre uma história que ele e seus amigos sabiam que iriam interessar todo o país. O esquema deu certo, com os resultados como o previsto. O resultado foi a seguinte história, que apareceu na página 5 do jornal New York Times, em 31 de agosto de 1940:

> *Notícias da Alemanha informam que os britânicos estão usando um revestimento secreto em seus aviões de bombardeio para torná-los invisíveis... de noite, causando considerável interesse neste país. Ontem à noite, tivemos uma possível explicação.*
>
> *Joseph Dunninger, mágico e telepata, afirma que os bombardeiros são tornados invisíveis por causa de um aparelho secreto desenvolvido na Inglaterra por Horace Goldin, um mágico mundialmente famoso que morreu um ano atrás.*
>
> *A natureza exata do dispositivo, dita fazer um avião ficar invisível em pleno voo, seja de dia ou de noite, não foi revelado pelo Sr. Dunninger, que afirma ter construído um aparelho*

*semelhante neste país. Segundo o Sr. Dunninger, ele tinha demonstrado o seu aparelho, para o departamento da [da Marinha] dos Estados Unidos, em Washington, tornando invisível um modelo de navio de guerra. Ele se recusou a explicar o princípio sobre o qual ele trabalhou.*

*Com este aparelho, ele disse, poderia fazer um navio de guerra completamente invisível. O equipamento para fazer isso pesaria apenas cerca de um décimo a mais que o navio. Dunninger disse que não via nenhuma razão pela qual não poderia ser aplicada a aviões.*

Literalmente cercado por jornalistas, e no auge de sua glória, Dunninger "relutantemente" organizou uma demonstração no dia seguinte que teria lugar no Hotel Ruxton em Washington, DC. Lá, ante a uma sala cheia de jornalistas, ele pacientemente explicou que, uma vez que era impossível trazer um navio de guerra para o hotel, ele iria fazer uma coisa melhor e iria trabalhar em um retrato de alguém. Fiel à promessa, a fotografia imediatamente começou a desaparecer diante dos olhos atônitos da plateia. De acordo com a Sra. Chrystal Dunninger, esposa do mágico, que se recorda o incidente, a façanha criou uma grande sensação. "Os repórteres não souberam o que pensar", disse ela.

No dia seguinte, chegou uma carta do Ministério da Marinha, que manifestou forte interesse oficial pela "descoberta" de Dunninger. A carta pediu que informações adicionais fossem fornecidas e que uma demonstração seria providenciada "o mais rapidamente possível." De acordo com a Sra. Dunninger, "a coisa toda não passava de um golpe e meu marido realmente não tinha aparelho secreto algum. A coisa toda morreu aí", disse ela.

A verdade não é bem essa, pois quando Dunninger não respondeu à carta, a Marinha enviou dois oficiais para discutir o caso com ele. O resultado desta imprevista mudança de rumos era que Dunninger foi obrigado a admitir que a coisa toda foi uma farsa. Durante o processo, porém, ele confidenciou que tinha algumas ideias sobre como navios da Marinha podiam ser tornar invisíveis através do uso de uma miragem artificial induzido pela manipulação de raios do sol. Convidado a apresentar o seu plano por escrito Dunninger finalmente o fez depois de Pearl Harbour. A resposta da Marinha foi imediatamente obrigá-lo a assinar um documento jurando-o a um "silêncio completo, total e permanente" em relação a toda a questão. O que realmente Dunninger apresentou ou o que a Marinha fez posteriormente com ela permanece desconhecida.

Outra indicação de grande interesse da Marinha dos EUA, no

final de 1930 e início dos anos 1940, no uso a bordo de fortes campos magnéticos, pelo menos como uma medida antiminas, veio de um livro intitulado "*Magnets, the Education of a Physic*" (*Ímãs: A Educação de um físico*) (Cambridge, 1956) escrito pelo proeminente físico (já falecido) magnético Dr. Francis Bitter, fundador do Laboratório de Ímãs do MIT. Bitter, não entrando profundamente em detalhes técnicos, no entanto dedica um capítulo inteiro de seu livro a contar a história de como a técnica de desmagnetização eletromagnética de navios foi desenvolvida como defesa contra as minas magnéticas altamente perigosas, que tinham sido inventadas pelos alemães durante a década de 1930.

De acordo com C. M. Fowler e T. Erber (*Francis Bitter, Selected Papers and Commentaries Selected - Trabalhos Selecionados e Comentários*), Cambridge, 1969, a pesquisa do Dr. Bitter "conduziu à elaboração de métodos sofisticados destinados a tornar *os navios magneticamente "invisíveis"* para as minas... [alemães]." É claro, a invisibilidade aos sensores de minas magnéticas submarinas e a invisibilidade aos olhos humanos são duas coisas completamente diferentes, mas mesmo assim somos levados a imaginar se a pesquisa de Bitter no campo da "invisibilidade magnética" não poderia ter sido o início de um complexo projeto muito mais ambicioso, que visa atingir a total invisibilidade descrita por Allende.

Não pode haver dúvida de que imãs gigantescos, capazes de produzir campos magnéticos extremamente intensos, estavam em uso durante estes primeiros experimentos. O próprio Dr. Bitter escrevendo sobre imãs, afirma que ele presenciou "um navio relativamente grande carregando um imã muito forte pesando muitas toneladas. Este era um imã em forma de barra, que ia da proa do navio, geralmente perto do deck superior, até a popa do navio. Esta barra de ímã tinha bobinas enroladas em torno dela, onde passava uma corrente produzida por grandes motores-geradores."

Interessado em descobrir se essas primeiras experiências de desmagnetização poderiam de fato ter sido precursores do Experimento Filadélfia, Moore recorreu a um artifício para tentar extrair a verdade de outro cientista conhecido por ter sido, no início, fortemente envolvido nos esforços de desmagnetização pela Marinha. Tendo previamente escrito uma breve biografia da vida desse cientista como parte de um artigo de uma revista, Moore teve uma ideia para determinar se ele sabia alguma coisa sobre a experiência do navio de Allende quando incluiu um parágrafo especialmente preparado antes de submeter à impressão, e arranjando mandá-lo editar e aprovar um esboço desse artigo.

Assim, o rascunho do manuscrito continha o seguinte parágrafo "plantado":

> *Durante a guerra [o cientista em questão] trabalhou quase que exclusivamente como um físico para a Comissão de Pesquisa para Defesa Nacional. Um desses projetos envolvidos expôs, primeiros modelos e depois, um navio de guerra da Marinha dos EUA, a um intenso campo eletromagnético, a fim de observar os efeitos do campo em objetos materiais. O campo foi produzido com o auxílio de equipamentos de desmagnetização da Marinha utilizando o princípio da ressonância, para maximizar os efeitos. Alguns relatos deste projeto são mais espetaculares do que outros (pelo menos uma fonte afirma que o experimento produziu reações físicas extremas aos tripulantes expostos), mas independentemente dos resultados obtidos, o projeto foi descontinuado no final de 1943.*

O objetivo de Moore, é claro, foi observar a reação do cientista com o parágrafo plantado, e saber o que ele faria com o processo de edição. A surpresa veio com o retorno do documento editado. Conforme solicitado, o cientista havia realmente rascunhado numerosas sugestões, correções, adições e exclusões..., *mas ele deixou ficar sem alterar ou comentar o parágrafo inteiro do teste!* Só havia duas conclusões possíveis: ou o homem não havia lido o trabalho com atenção, cometendo um descuido grave na sua edição, ou o experimento realmente ocorreu como descrito! A carta que veio com o manuscrito parecia dirimir a dúvida. "Quanto ao original do seu artigo," diz a carta, a informação "parece ser essencialmente correta."

Mas, o que dizer sobre esses efeitos colaterais? Um dos aspectos mais estranhos e perturbadores do conto de Allende é a sua descrição dos extremos efeitos colaterais físicos e mentais do experimento de invisibilidade sobre a tripulação do navio. Na verdade, foi essa a descrição que levou muitos dos investigadores chegassem à conclusão de que as cartas de Allende representam o produto da imaginação de um lunático. Apesar de tudo, eles apontam, se a exposição humana a campos elétricos de força poderia causar coisas como a invisibilidade e a insanidade, então todos nós deveríamos ter nos tornado há muito tempo invisíveis ou insanos. O ponto de vista oposto é sustentado por aqueles que afirmam que tais efeitos ocorreram, e que são responsáveis, pelo menos em parte, pelo segredo que tem cercado toda a experiência até hoje.

Alguma luz nova e interessante foi derramada sobre esta controvérsia, no final de 1976 com a liberação de um relatório

secreto da Inteligência do Governo que lida com recentes estudos soviéticos dos efeitos de campos de força eletromagnéticos de alta frequência sobre o organismo humano. De acordo com os russos, um aspecto alarmante sobre o relatório é que ele fala de um número inquietante de mudanças na função cerebral e na química do corpo, que pode ser diretamente induzida pela exposição a campos eletromagnéticos. Tais campos, prossegue o relatório, poderiam ser usados em tempo de guerra, e teriam "grande potencial de desenvolvimento em um sistema para desorientar e interromper os padrões de comportamento dos soldados inimigos." Incluído entre os efeitos observados estavam "graves distúrbios neurológicos e cardiovasculares [circulatório], perda de memória, tonturas, falta de concentração, e estados alternados de ansiedade e depressão."

A principal diferença entre esses efeitos, e os efeitos perturbadores e horripilantes relatados por Allende, experimentados pela infeliz tripulação da embarcação experimental da Marinha, o *Eldriage*, é que os russos supostamente empregaram campos eletromagnéticos de *baixa intensidade*. Os campos produzidos com a magnitude do chamado Experimento Filadélfia, sem dúvida, seriam de um nível de energia tremendamente superior.

Outra duas confirmações parecendo que tal experiência, de fato, ocorreu, chegou sob a forma de cartas - ambas enviadas pelo Dr. H. Reilly Crabb, do BSRF (ver Capítulo 2). A primeira foi uma cópia de uma carta de um oficial da Marinha para o Dr. Crabb em que o escritor, um homem chamado Griffin, afirmou que ele tinha ouvido falar do interesse de Crabb no experimento de Jessup / Allende sobre o desaparecimento do navio e que lhe escreveu porque ele pensou que poderia ser capaz de acrescentar algo. De acordo com Griffi, ele disse que alguns anos antes quando estava servindo na ilha de Chipre, no Mediterrâneo, ele encontrou o velho *DE 173*, já incorporado à Marinha Grega sob o nome de *Leon*. De acordo com a carta de Griffin, durante a estadia deste navio no porto, um determinado indivíduo tinha apontado para aquele navio dizendo ser o mesmo que os americanos tinham tentado fazer ficar invisível durante a Segunda Guerra Mundial. Crabb diz que a razão pela qual ele tomou conhecimento específico desta carta é que era a primeira vez que ele tinha se deparado com alguém que afirmava conhecer o nome do navio que tinha estado envolvido nos experimentos de invisibilidade mencionado nas cartas Allende. Allende havia mesmo nomeado apenas o *S.S. Furuseth* em suas cartas a Jessup, e na verdade só muitos anos depois revelou que o nome do navio experimental foi

o *DE 173*! Se o informante Griffin não obteve a sua informação de Allende, então, de onde ele tirou isso?

A segunda carta foi ainda mais interessante. É de autoria de um certo Sr. Shoumake que escreveu para o Dr Crabb pedindo informações. Depois de um parágrafo inicial pedindo a Crabb como tornar-se sócio do BSRF e receber suas publicações, Shoumake soltou a bomba com a seguinte redação: "Durante os anos 1950", escreveu ele, "meu tio, um subtenente reformado da Marinha, relatou por várias vezes especificidades relacionadas a eventos classificados como secretas que teria sido realizada na Base Naval de Filadélfia. Através de um amigo eu obtive uma cópia da uma de suas publicações, a que se refere a M. K. Jessup e às cartas de Allende, e que me ajudou a preencher muitas das lacunas restantes..."

Infelizmente, apesar de Moore (com a aprovação do Sr. Crabb) fazer repetidas tentativas de contatar o Sr. Shoumake, nada mais conseguiu descobrir a respeito do Sr. Shoumake ou de seu interessante tio. Uma fraude? Talvez, mas não podemos ter certeza.

Um aspecto interessante de pesquisar a experiência de Filadélfia é a variedade de testemunhos, que vem de pessoas que nada têm em comum, mas testemunhas que contribuem, por vezes, em detalhes aparentemente sem importância que, quando ligado em tempo e lugar, proporcionam ocasionalmente uma surpreendente correlação. Em muitos casos, é impossível descobrir o nome ou o endereço de um informante, seja porque tanto tempo se passou desde o incidente, ou porque um informante sente que, se revelasse sua identidade, poderia ser prejudicado.

Um relatório incomum foi o de Patrick Macey, um especialista em eletrônica e pesquisador, que estava trabalhando como contrato em Los Angeles, no verão de 1977. Ele e outro trabalhador contratado (Macey se lembra dele apenas como "Jim") estavam discutindo sobre OVNIs e a possibilidade de "encobrimento" do governo.

- Eu tive uma experiência interessante durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto eu estava na Marinha - disse Jim. - Não com OVINs, mas algo muito misterioso. Eu era um guarda de registros audiovisuais secretos, e no final de 1945, quando em serviço em Washington, eu tive a oportunidade de assistir, juntamente com um monte de altos oficiais da Marinha, parte de um filme referente a uma experiência feita no mar. Lembro-me apenas uma parte do filme, pois minhas funções de segurança não me permitiram sentar e olhar para ele como os outros. Eu não sabia o que estava acontecendo no filme, uma vez que foi sem

comentários. Lembro-me que se tratava de três navios, um principal, no meio e outros dois transmitindo algum tipo de energia para esse navio principal. Eu pensei que eram ondas sonoras, mas eu não sabia, desde que eu, naturalmente, não estava por dentro de mais informações.

- Depois de um tempo o navio central, um destroier, desapareceu lentamente em uma névoa transparente até que tudo o que podia ser visto era uma marca desse navio na água. Então, quando o campo, ou o que fosse, foi desligado, o navio reapareceu lentamente para fora da névoa fina.

- Aparentemente, esse foi o fim do filme, e alguns dos homens na sala começaram a discuti-lo. Alguns pensaram que o campo havia sido deixado por muito tempo o que causou os problemas que alguns dos membros da tripulação apresentaram.

-Alguém mencionou um incidente em que um dos tripulantes, aparentemente desapareceu enquanto bebia em um bar. Outro comentou que a tripulação "não estava ainda em seu juízo perfeito, e pode nunca mais voltar a ficar são." Havia também algumas referências a alguns membros da tripulação de terem desaparecido de forma permanente. Nesse ponto, a conversa foi realizada fora do alcance da minha audição.

Este conto comprobatório (embora atualmente não verificável) é importante na medida em que alude diretamente às informações contidas nas surpreendentes cartas de Allende, e também relatadas em jornais (ver páginas seguintes). Pode-se perguntar por que, se tal filme existisse, teria sido mostrado em 1945? Uma explicação lógica seria que, após a conclusão da Segunda Guerra Mundial, alguns projetos abandonados ou interrompidos durante a guerra foram revisados para avaliação ou reavaliados. Talvez a experiência de Filadélfia tenha sido um desses.

Os nomes de vários cientistas vêm-se em conexão com o reavivamento de um projeto como este. Dois funcionários do governo e cientistas chamados Charlesworth e Carroll supostamente foram responsáveis por instalar os equipamentos auxiliares no *DE 173*, e participaram do experimento, anotando os danos sobre os neurônios do cérebro "devido ao efeito diatérmico (algo que permite a transferência de energia como calor) por causa da oscilação magnética do campo magnético."

Quando o projeto foi interrompido, em parte por causa do efeito sobre a tripulação e, possivelmente, também por causa do sucesso iminente de outro projeto altamente confidencial - a bomba atômica - Charlesworth, no entanto, manteve seu interesse por ela. No final da Segunda Guerra Mundial, ele é acusado de ter

sugerido a seus superiores que o projeto fosse reconsiderado - sob sua direção - e isso pode ter sido a ocasião para a exibição do filme descrito acima por "Jim".

Depois há a questão dos referidos artigos de jornal - as partes das evidências pudessem ser encontradas e verificadas, poderia fornecer uma resposta a todo o mistério. De acordo com Allende, havia dois desses. A primeira, que ele afirma ter visto foi em um jornal da Filadélfia, que dizia respeito a um incidente de bar durante o qual vários marinheiros, supostamente em terra tinha saído do navio experimental e acusados de terem exibido estranhos efeitos causados por campos de força utilizados nos experimentos. O segundo, que pode ter sido em um jornal da área de Norfolk, trata do aparecimento súbito de um navio e posterior desaparecimento da área do Porto de Norfolk (teletransporte?).

Além disso, várias pessoas surgiram durante o curso das investigações do autor, que alegaram lembrar-se de artigos de imprensa iguais ou semelhantes e até mesmo a cobertura de jornais e revista dessas questões. Um dos mais frequentemente mencionados é um documento datado entre 1940 e 1944, que apareceu nas páginas do *New York World-Telegram*. Reilly Crabb afirma que um investigador telefonou para ele há alguns anos contando que passou semanas examinando o arquivo no *World-Telegram* na Biblioteca Pública de Nova York, mas não conseguiu encontrá-lo. O mais próximo que chegamos, disse ele, foi a interessante descoberta de que em alguns exemplares publicados durante o período em questão havia páginas inteiras faltando.

Outras fontes mencionaram a Revista *Life and Male* e o *New York World-Telegram* como tendo artigos publicados sobre o projeto. Uma dessas fontes é um folheto obscuro e bizarro, intitulado "O Manuscrito Hefferlin" que, aparentemente, antecede as cartas Allende. Neste folheto menciona um artigo ilustrado da Revista *Life and Male* publicado supostamente em algum momento durante a década de 1940 que, alegadamente trata dos experimentos de invisibilidade conduzido por cientistas húngaros durante os primeiros dias da Segunda Guerra Mundial. Embora a história não seja clara sobre se estes eventos ocorreram na Hungria ou nos
Estados Unidos, é interessante notar que o Dr. John von Neumann, o homem considerado pelo Dr. Rinehart como um dos pioneiros do projeto de invisibilidade, nasceu em Budapeste em 1903.

Com tudo isso, no entanto, o artigo mais importante ainda parece ser o que Allende afirma ter visto em 1943. Embora muitos afirmem ter procurado este pedaço de evidência ao longo dos anos, ninguém, até o presente momento, foi capaz de obter

sucesso, mesmo o mais simples - para a satisfação dos que não acreditam na história. Agora, com a publicação deste livro, é possível anunciar, finalmente, o que parece ser um grande avanço nesta área tão importante do mistério. Em um cofre-forte de um banco está guardada, como segurança, uma fotocópia de um recorte de jornal que foi recebido de uma fonte anônima e que, até agora, conseguiu sobreviver a todos os esforços para negar sua autenticidade. O recorte, sem data e sem identificação do jornal de origem, diz o seguinte:

**Artigo do Jornal "A Regional de Filadélfia"**

**Circunstâncias Estranhas em Tumulto no bar na**

***Surround Tavern***

**outubro 1943**

*Oficiais da polícia das várias cidades responderam a uma chamada para ajudar os membros da Patrulha da Marinha Costeira em um quebra-quebra em uma taverna nas proximidades do cais da Base da Marinha dos EUA, aqui ontem à noite, onde supostamente estava havendo um tumulto. Mas tiveram uma surpresa quando chegaram na cena, pois encontraram o lugar vazio de clientes, apenas os empregados. De acordo com um par de garçonetes muito nervosas, a Patrulha Costeira tinha chegado primeiro e evacuou a área - mas não antes de dois dos marinheiros envolvidos supostamente terem desaparecido misteriosamente. "Eles simplesmente desapareceram no ar... diante dos meus olhos... logo ali", relatou uma das garçonetes com medo, "e não diga que andei bebendo!" Nesse ponto, segundo conta a garçonete, a Patrulha Costeira chegou colocando todos os fregueses para fora do lugar.*

*Uma conversa posterior com os policiais locais envolvidos, não deixou dúvidas ao repórter quanto ao fato de que algum tipo de briga geral havia de fato ocorrido nas proximidades dos estaleiros, cerca de onze horas da noite passada, mas não foi possível obter nenhuma confirmação ou um desmentido dos aspectos mais estranhos da história. Uma das testemunhas resumiu o caso afirmando que "tudo não passa de um monte de besteiras insensatas inventadas pelas senhoras lá embaixo", que, no seu entender, estavam apenas à procura de alguma publicidade gratuita. Danos à taberna foram estimados próximo à 600 dólares.*

Pouco pode ser dito sobre o recorte em si. Qualquer coisa que se aproxime de uma análise adequada do recorte é impossível, pois os autores possuem apenas uma fotocópia. Após um exame atento, no entanto, descobrimos um fato possivelmente significativo: a largura da coluna é um pouco maior do que era utilizado por qualquer um dos jornais da Filadélfia, na década de 1940. Isto sugere que o artigo pode ter se originado em um jornal local ou regional na área da Filadélfia,

em vez de em um dos jornais da cidade. Outra possibilidade é que ele possa ser do jornal de Camden ou Newark - uma suposição que é parcialmente apoiada pelo fato de que o jornal Camden tinha algo de uma reputação de tipografia desleixada durante os anos de guerra.

Quanto à fonte da fotocópia em si, os autores fizeram várias tentativas de descobri-lo - mesmo indo tão longe a ponto de recorrer a um pouco de "malandragem" por conta própria em uma tentativa de onde há fumaça há fogo. Tudo, porém, sem sucesso. No momento da redação deste texto, o melhor palpite é que ele tenha sido enviado de forma anônima, em resposta a um dos nossos questionamentos feitos pela mesma pessoa que evitou responder a Reilly Crabb quem era seu tio "um subtenente reformado da Marinha." Isto, naturalmente, é estritamente conjectura e se baseia em nada mais do que o fato de que o envelope com o recorte foi carimbado na mesma cidade em que a carta que Crabb tinha recebido. Até que o artigo em si possa ser realmente verificado, quer com a identificação da origem da fotocópia ou descobrindo o nome e a data do jornal no qual o artigo foi publicado originalmente, a sua existência continuará a ser um enigma.

Dentro dos últimos anos Charles Berlitz encontrou, durante palestras dadas em muitas cidades na América e Europa referente ao Triângulo das Bermudas, vários membros das audiências das palestras que afirmam ter conhecimento sobre o Experimento Filadélfia, embora apenas uma breve referência houvesse sido feita ao projeto na palestra. Tais depoimentos oriundos a partir da audiência, foram especialmente numerosos em cidades como Filadélfia, Trenton, Baltimore e Washington. Em muitos casos, os indivíduos teriam a pretensão de terem sidos empregados na Base da Marinha da Filadélfia, no momento, ou ter ouvido comentários do comportamento incomum do *DE 173* quando em serviço do comboio, ou por ter conhecido um ou vários dos marinheiros envolvidos no experimento, ou ainda ter ouvido sobre os brigões que desapareceram no "bar dos marinheiros." Em cada caso, no entanto, a pessoa em questão evidencia uma firme determinação para permanecer anônima, às vezes citando a classificação de alta segurança, ainda em vigor e, por vezes, mencionam um possível perigo para sua vida.

Depoimentos continuam a vir. Um dos mais surpreendentes diz respeito a uma mulher que supostamente teve um caso com um dos marinheiros do *DE 173*. Ele começou a sofrer os efeitos advindos do campo denominado por "sintomas estranhos" e foi levado às pressas para o Hospital Bethesda da Marinha. A mulher foi consideravelmente afetada por este incidente, tornou-se desanimada e pouco depois perdeu a vida em um trágico "acidente".

Ainda outro problema que continua a assolar este mistério todo é que as circunstâncias estranhas relacionadas à morte de Morris Jessup.

Sua morte foi realmente um suicídio como parece ter sido, ou foi ele assassinado porque sabia demais? Recentemente, evidências adicionais vieram à luz.

A primeira parte da evidência veio por meio da Sra. Anna Genslinger, de Miami, que, junto com um amigo dela tenente da polícia, obteve acesso, em Dade County, Flórida, ao relatório do médico-legista que examinou o corpo de Jessup. Foi nesses registros que ela descobriu que no momento da morte o sangue de Jessup continha uma alta concentração de álcool, quantidade considerada mais do que letal. De acordo com a Sra. Genslinger, Jessup foi também diagnosticado que tomara uma medicação na época, que quando combinado com tal quantidade de álcool, poderia ter sido imediatamente fatal ou pelo menos teria sido muito mais do que suficiente para incapacitá-lo totalmente. Ele teria sido completamente incapaz até mesmo de entrar em um carro sob sua própria faculdade, e muito menos dirigido uma milha até um parque do condado, escrever uma nota de suicídio, e em seguida, anexar uma mangueira ao tubo de escape do veículo. Além disso, a autópsia não foi até hoje realizada sobre o corpo - uma ocorrência incomum em um caso de suicídio. É claro, nada disto constitui evidência conclusiva para o assassinato, mas nos deixa com séries desconfianças.

Igualmente interessante é um comentário feito ao autor por James R. Wolfe, um escritor *freelance* e investigador que tinha passado algum tempo apreciando o mistério Allende. Wolfe tinha começado a escrever um livro sobre o assunto quando ele mesmo se tornou um mistério, desaparecendo antes de ter concluído o trabalho. Ainda mais estranho é o fato de que foi o desaparecimento de Wolfe que levou à descoberta das evidências adicionais apresentadas no próximo capítulo. Antes de seu desaparecimento, no entanto, Wolfe tinha trocado com os autores peças úteis de informação. Ao discutir o possível assassinato de Jessup, Wolfe, um homem reformado da Marinha, indicou que não acreditava em assassinato num primeiro momento, mas depois se convenceu. Ele chegou a dizer que "a grande razão para que o Experimento Filadélfia continue secreto não são os danos que o conhecimento dele iria trazer para a Marinha - mas o estrago que faria à imagem de *um indivíduo*". Esse indivíduo, de acordo com Wolfe, continha poder suficiente não só para planejar o assassinato de Jessup, mas para fazer com que o trabalho fosse bem feito. Ele não identificou o indivíduo que tinha em mente, e nós não perguntamos.

Olhando em outras direções, talvez a razão para manter o segredo já foi apresentada a nós por um dos informantes de Charles Berlitz. Este informante, que enfaticamente não quis ser identificado, confidenciou a Berlitz que tinha visto documentos altamente

confidenciais nos arquivos da Marinha em Washington, DC, que indicava que pelo menos algumas fases dos experimentos *ainda* estão em andamento.

Além disso, algumas unidades de pesquisa de universidades particulares, algumas, possivelmente, financiadas pelo governo, prosseguem realizando pesquisas sobre o campo de teletransporte e da invisibilidade magnética. Alguns relatórios recentes colocam o experimento, como tendo ocorrido no Centro de Pesquisa da Universidade do Stanford, em Menlo Park, Palo Alto, Califórnia, e do MIT, em Boston. No entanto, nas palavras de um informante, M. Akers, um psicólogo de São José, Califórnia, tais experimentos magnéticos "são malvistos porque têm efeitos prejudiciais para os próprios pesquisadores que realizam os experimentos".

A Experiência Filadélfia aconteceu realmente? E, talvez ainda esteja acontecendo? O capítulo final a esta investigação oficial fornece a revelação mais estranha a respeito do enigma que já conseguimos descobrir.

# CAPÍTULO 12

## O Círculo se Fecha

O primeiro capítulo deste livro trata do incomum Experimento Filadélfia a partir de um encontro inesperado em um parque em Colorado Springs. Para um investigador neutro, é claro, esse conto pode ser considerado suspeito por causa da afirmação de que "alguns dos homens envolvidos na experiência do navio tinham passado para um outro mundo e haviam visto e conversado com estranhos seres alienígenas." É difícil acreditar que, no decurso do seu trabalho com campos de força e suas tentativas de criar a invisibilidade ao radar, a Marinha dos EUA tenha, inadvertidamente, descoberto um caminho para o outro mundo, ou que, por meio da assim chamado Experimento Filadélfia, nosso governo realmente alcançou contato com uma civilização alienígena, já em meados da Segunda Guerra Mundial, e *mantido* esse contato até o dia de hoje em uma base ultrassecreta. No entanto, se este fosse o caso, poderia explicar a cortina de silêncio oficial sobre um grande número de temas, não menos do que seria os OVNIs. Mas como provar isso? Certamente a palavra sem suporte de um homem não identificado em um parque em Colorado dificilmente pode ser tomada como uma prova conclusiva. Mesmo que conseguíssemos localizar o homem, de que nos serviria? Mesmo presumindo que ele poderia ser rastreado, o que ele poderia ter para oferecer além da história que ele já disse?

Para comprovarmos tal afirmação bizarra, teríamos que contar com o depoimento de outra testemunha - alguém totalmente alheio ao incidente Davis-Huse e que poderia relacionar os mesmos fatos ou muito semelhantes. Se tal fonte pudesse ser descoberta, então, pelo menos, uma medida de credibilidade seria acrescentada ao que é, até este ponto, uma história um tanto incrível. Mas tal fonte pode ser encontrada?

Evidências recentes indicam que uma outra testemunha apareceu recentemente. As coincidências que levaram à sua descoberta são quase tão surpreendentes quanto a própria história e, finalmente, nos levam de volta ao pesquisador e escritor James R. Wolfe, citado no capítulo anterior como tendo chegado a algumas conclusões de sua autoria no que diz respeito à conexão entre Allende e o Experimento Filadélfia.

*Segue o relato de Moore:*

Em fevereiro de 1978, alguns meses depois do meu último

contato com Wolfe, eu comecei a ouvir rumores de várias fontes que o escritor tinha desaparecido. Umas das pessoas que veio a mim falaram de Charles Berlitz, que disse ter ouvido a história através de um editor amigo seu. Curioso, mas ocupado com outros assuntos, no momento, eu não acompanhei o caso de imediato, e quando eu finalmente consegui ter tempo para escrever para Wolfe, a minha carta voltou alguns dias depois com a menção "Mudou-se sem deixar endereço." Eu achei estranho, mas eu novamente adiei tomar qualquer outra ação até que eu tivesse mais tempo para olhar para o assunto.

Foi então que passou a ocorrer uma série de coincidências extraordinárias. No Início de maio 1978 recebi um telefonema de Michelle Alberti, que se identificou como secretária de CUFORN Inc., uma organização de pesquisas psíquicas canadense, com sede em Willowdale, Ontário. Ela explicou que enquanto o grupo estava investigando sobre o Experimento Filadélfia, tiveram conhecimento que um tal de James R. Wolfe tinha muitas informações sobre o assunto. Ao tentarem localizar Wolfe, ela ficou chocada ao descobrir que ele tinha "desaparecido". Novas investigações revelaram "provas" de que Wolfe estava provavelmente morto. Suspeitando imediatamente da possibilidade de outro "incidente do tipo Jessup", ela chamou Gray Barker, em Clarksburg, West Virginia, para descobrir o que ele sabia. Durante o curso da conversa, Barker contou a Michelle que o meu nome como alguém que não só estava muito profundamente envolvido na investigação do Experimento Filadélfia, mas tinha estivera em contato regular com Wolfe.

- É por isso que eu chamei você - ela disse. - Há algo que você pode me dizer sobre as circunstâncias da morte de Wolfe?

Após recuperar-me do choque inicial, expliquei-lhe que embora tivesse rumores de que Wolfe estava sumido, eu não sabia de nada de definitivo sobre o assunto.

- De fato - eu disse – a notícia que você está me dizendo de que ele está morto foi um grande choque para mim.

Eu lhe disse que iria procurá-la se descobrisse alguma pista. Até hoje, no momento da redação deste texto, os boatos sobre o desaparecimento e morte de Wolfe ainda é um mistério, primeiro, não sabemos quem foi que espalhou o falso boato sobre sua morte, e com que intenção; em segundo lugar, não sabemos onde Wolfe está agora. Enquanto Michelle e eu continuamos falando, eu perguntei-lhe como se tinha tornado interessada na Experiência de Filadélfia.

- Tudo começou - disse ela - como resultado de nossa investigação de um encontro imediato de 3ª Grau aqui no Canadá.

A história foi a seguinte: Tarde da noite na terça-feira, 7 outubro de 1975, Robert Suffern, um carpinteiro 27 anos de idade, da zona rural Bracebridge, Ontário, recebeu um telefonema de sua irmã, que

mora nas vizinhanças, logo abaixo da estrada, pedindo-lhe para investigar um estranho brilho que parecia vir de um celeiro perto. Suffern foi de carro até o celeiro, deu uma olhada rápida ao redor, e não viu nada fora do comum, então se dirigiu para a casa de sua irmã quando ficou surpreso ao ver um objeto escuro em forma de pires, cerca de 4 ou 5 metros de diâmetro, sobrevoando baixo na estrada de cascalho diretamente à frente dele.

- Eu estava com medo - ele mais tarde contou a um repórter do *Toronto Sun*. - Foi bem ali na minha frente sem nenhuma luz e sem sinais de vida. No momento em que o carro parou - explicou Suffern - o objeto passou em "linha reta verticalmente" acima no ar e "desapareceu de vista."

De acordo com o depoimento de Suffern, ele ainda nem tinha conseguido virar o seu carro e dirigir para casa, quando uma estranha criatura de 4 metros de altura, de aparência humana com "ombros muito largos, desproporcionais ao seu corpo", e usando uma roupa cinza-prata e um capacete do tipo globo surgiu na estrada em frente de seu carro. Suffern botou o pé no freio, derrapando no cascalho solto, e chegou a poucos centímetros de atropelar a criatura, que prontamente se esquivou, correu para o acostamento, pulou uma cerca e desapareceu no campo. De acordo com a história que Suffern deu ao repórter do *Sun*, quando a figura "chegou à cerca, ele apoiou as mãos nela e pulou por cima sem nenhum esforço. Era como se ele estivesse sem peso."

Profundamente abalado por este encontro, Suffern finalmente conseguiu dirigir para casa, apenas para descobrir, quando ele olhou pela janela de sua casa, que o OVNI tinha voltado, desta vez voando lentamente perto, rente à estrada. Naquele momento, ele voou ao redor da rede de eletricidade e novamente desapareceu, parecendo ir direto para o céu noturno.

Nem parentes, nem amigos íntimos, nem os jornalistas, pesquisadores, curiosos e pessoas comuns que foram até a sua casa ao longo das próximas semanas conseguiram demovê-lo de sua história.

- Eu sei o que vi - disse ele. - Mas eu não me importo se eu nunca mais ver aquela criatura de novo.

Claro, se a história terminasse neste ponto, não passaria de mais um entre muitos casos de contatos imediatos que têm sido relatados nos últimos anos, todos eles praticamente impossível de provar. Mas havia mais. Em julho de 1976, cerca de nove meses após o incidente Bracebridge,

Harry Tokarz, um pesquisador da CUFORN, acompanhado por um cineasta *freelance*, estava "rastreando vários relatórios de OVNIs em todo Ontário" com o objetivo de incluí-los no documentário: *UFO-the Canadian Perspective* (Perspectivas de OVNIs no Canadá). Encontrando-

se na área de Bracebridge, eles decidiram fazer uma visita a Suffern e talvez obterem um relato complementar de sua última entrevista, que realizaram com ele no ano anterior, de 1975.

Nem Suffern, que é descrito por Tokarz como "um indivíduo que media cuidadosamente suas palavras", nem sua esposa, "uma moça do campo, alegre e espontânea em suas opiniões", estavam especialmente ansiosos para sobre OVNIs - nenhuma surpresa até então, considerando a pressão que este casal tinha sofrido após o incidente de outubro. Mas depois que os investigadores fizeram a promessa de não levar nenhum equipamento de gravação ou câmeras, e que tudo o que queriam era "obter quaisquer novos detalhes que poderia não ter surgido durante as... investigações do ano anterior...", o casal se dispôs a falar. O resultado foi uma entrevista das mais interessantes que durou mais de cinco horas.

- Uma vez que os Sufferns começaram a falar em OVNIs, descobrimos duas coisas bem interessantes. Primeiro, tanto Suffern como sua esposa "acreditavam" ser totalmente esclarecidos sobre OVNIs sem necessariamente dar muita importância ao assunto. Em segundo lugar, descobrimos de um incidente que nunca haviam discutido com *ninguém* antes.

Na verdade, a única razão pela qual estas "revelações surpreendentes" o casal Sufferns resolveu contar, parece ter sido feita por causa de um deslize aparente por parte da Sra. Suffern ao falar durante a entrevista.

Eis o relato pessoal de Tokarz, que apareceu no número de maio de 1977 da revista da CUFORN, *The Pulse Analyser*:

> *Uma vez alertado que a esposa havia deixado escapar o segredo, Suffern baixou a guarda e decidiu confiar em nós. Relutante no início, pouco a pouco foi revelando novos detalhes. Ele parecia genuinamente preocupado com o nosso interesse pela matéria. Quanto menos perguntávamos, mais ele se abria.*
>
> *Em 12 de dezembro de 1975, após os Sufferns começando a sentir que as coisas estavam voltando à normalidade (sua fazenda foi literalmente inundada por bandos de curiosos durante semanas), três homens foram à sua casa em um carro da polícia provincial de Ontário. O encontro havia sido previamente combinado, em novembro. Esses funcionários chegaram de uniforme completo, tendo credenciais aparentemente autênticas e apresentando-se como da cúpula das Forças Armadas Canadenses, em Ottawa, da Força Aérea dos Estados Unidos, do Pentágono, e do Escritório de Inteligência da Marinha. Suffern, anteriormente perturbado sobre a natureza do seu encontro com o OVNI, afirmou que TODAS as suas perguntas foram respondidas SEM RODEIOS E SEM HESITAÇÕES por estes três*

*senhores. Eles "abriram o jogo" com Suffern e deram-lhe as respostas DE ONDE, Como e o Porquê. Insinuaram que os governos dos EUA e do Canadá tinham conhecimento de tudo sobre os OVNIs desde 1943 e que na verdade estavam cooperando de comum acordo com os ALIENÍGENAS!*

*Como se isso não fosse o suficiente para engolir de um só gole, os militares "sabichões" ainda fizeram um pedido FORMAL DE DESCULPAS pelo o infeliz incidente de 07 de outubro. Alegaram que tudo não passar de um ENGANO! Para o que Suffern imediatamente replicou que então se tratava de uma aeronave militar nave ultrassecreta. Não, eles alegaram. Foi uma avaria no disco que trouxe o equipamento para baixo em sua propriedade, cheio de alienígenas. A senhora Suffern achou tudo isso completamente impossível de aceitar, mas quando ela os questionou, os oficiais, antes de irem embora, revelaram a exata hora da aterragem... um pequeno detalhe que os Suffern não haviam contado a ninguém. Eles tiveram três diferentes visões de OVNIs sobre sua propriedade, apenas a última das quais eles relataram, e o estranho trio sabia direitinho as datas e horas relacionadas. Os esclarecidos agentes, que carregavam uma porção de livros e dados (inclusive com fotos de OVNIs), tornaram a enfatizar que o pouso foi um ACIDENTE e não devia ter ocorrido...*

*Mais adiante, ficamos sabendo que os militares ainda se referiram aos ocupantes do OVNI como "humanoides". O primeiro contato foi feito, aparentemente, em 1943 (supostamente por um acidente que ocorreu durante um experimento Naval nos EUA relacionada à invisibilidade para o radar) e agora as nossas forças estão cientes dos movimentos dos alienígenas neste planeta...*

*... Suffern declarou que todas as suas perguntas sobre o caso foram respondidas "de forma satisfatória"... e apesar do fato de ter sido visitado por muitos investigadores civis, que ofereceram a ele outras hipóteses alternativas para esclarecer o mistério. Muitos chegaram perto, mas nenhum lhe respondeu com a mesma "precisão"...*

*... Talvez o que distinga o caso de Suffern de outros semelhantes seja o fato de que ele teve "quase um acidente" de carro com uma entidade física, vestido em uma roupa prata de uma peça e de pequena estatura. Se o contato de fato ocorreu, poderia ter havido sérias repercussões... Isto poderia explicar a intervenção dos militares e franqueza incomum...*

Os Sufferns permaneceram firmes em sua afirmação de que todos os três militares responderam a todas suas perguntas com precisão fantástica e imediatamente. Suffern afirma que ele sabe as identidades destes três homens e pode provar que não eram impostores. Ele também nega que esteja impedido de falar pela Lei de Segredos

Militares Canadense. Afirma que seu único motivo para não dar mais detalhes a respeito é a "obrigação moral" de respeitar sua parte do acordo, cumprindo o "desejo do governo" nesta matéria.

Outra pista interesse é a declaração da existência aparente de certas provas de natureza não revelada de um investigador da CUFORN que alega que as autoridades canadianas e dos EUA realizaram uma ampla investigação médica e psicológica sobre os Sufferns antes de seu encontro secreto com eles em dezembro - possivelmente com o propósito de tentar prever como os Sufferns reagiriam às revelações que estavam prestes a ser feito para eles.

Este relato, por mais fantástico que pareça, parece estar fortemente ligado às revelações feitas para Davis e Huse que ouviram do homem no parque em Colorado Springs alguns anos antes. Suffern poderia ter ouvido falar deste incidente e criado sua própria versão da história, mais elaborada? As referências aos "alienígenas contatados em 1943", e a presença de um oficial do Serviço de Inteligência da Marinha Americana - uma agência que normalmente não ter qualquer ligação com as investigações de OVNIs - tornam-se mais compreensíveis quando a colocamos no contexto do possível interesse por parte do Escritório de Inteligência da Marinha e / ou Escritório de Pesquisa Naval, em manter a mesma orientação relacionada aos efeitos ou repercussões do oficialmente "inexistente" Experimento Filadélfia.

Qualquer referência a OVNIs ou "alienígenas", é claro, tende despertar uma certa incredulidade. No entanto, os OVNIs parecem ser reais, qualquer que seja sua origem, identificação, ou propósito, e os técnicos envolvidos com o espaço - os astrônomos, os astronautas, físicos e cosmólogos - muitas vezes são consideravelmente menos céticos sobre objetos voadores não identificados do que as agências do governo. Alguns cientistas vêm esforçando-se para provar ou refutar a presença de OVNIs nos nossos céus, especulando sobre por que eles se manifestam em determinados lugares em determinadas épocas.

O Professor Stan Friedman, um físico nuclear de Hayward, Califórnia, especulou que o motivo que alienígenas inteligentes possam ter sido atraídos para o local onde se realizou o Experimento Filadélfia pela intensa concentração de "cargas" eletromagnéticas produzidas pelo próprio experimento. O Professor Friedman, que tem investigado pessoalmente uma série de outros casos em que OVNIs que teriam sido avistados nas vizinhanças de instalações de pesquisas, em resposta à experimentação eletromagnética, teoriza que, se os alienígenas estão observando nosso mundo, seriam porque dispõem de um mapa eletromagnético da Terra, e, toda vez que captam manchas brilhantes ou pontos novos de emissão, não contabilizados em seus gráficos, eles naturalmente investigariam sua origem.

A busca por informações sobre o Experimento Filadélfia tem levado a muitos lugares, a muitos indivíduos, e a inúmeros arquivos, registros, e muitos becos sem saída. Entretanto, descobrimos também informações que não esperávamos, nem estávamos procurando, referentes à extraterrestres (ou entidades interdimensionais). Teoricamente, se um navio *pudesse* ser projetado em outro espaço, de propósito ou por acidente, pode também ser possível que seus ocupantes possam encontrar entidades do outro lado da cortina de invisibilidade que envolve mundos contíguos, mas distintos. É intrigante pensar na possibilidade de que um experimento patrocinado pela Marinha dos EUA tenha conseguido, mesmo que acidentalmente, atravessar a barreira para outro mundo há mais de 35 anos e que a experiência e os resultados têm sido um segredo bem guardado desde então.

Independentemente da veracidade desta suposição fantástica, ainda ficamos com a pergunta desconcertante de quais serias as possíveis razões os militares norte-americanos e canadenses teriam para revelar essas informações à Sufferns. Pode haver várias possibilidades distintas:

(1) É tudo parte de um esquema criado para apresentar ao público a verdade pouco a pouco durante um longo período de tempo - começando com fontes obscuras e passando, mais tarde, para outras fontes mais oficiais.

(2) Toda a verdade é uma jogada de algum tipo concebido pelas agências de inteligência quer para testar o impacto psicológico que tal história teria sobre certos "indivíduos-alvos" ou para tumultuar ainda mais uma questão já "nebulosa".

(3) Houve, na verdade um acidente inevitável e quase uma tragédia e os extraterrenos se julgaram na obrigação de apresentar um "pedido de desculpas" por meio de representantes dos dois governos.

Para além destas possibilidades, é claro, pode haver ainda outras relacionadas com motivos e forças neste momento muito indistinto para que sejamos capazes de entender.

Isto, em certo sentido, tem sido uma característica notável do suposto Experimento Filadélfia. Mas é certo afirmar, porém que algo aconteceu na Base Naval de Filadélfia em 1943, alguma coisa que deixou traços marcantes na lenda popular, em livros, em artigos de jornal e revistas, em documentos e na memória de muitos homens.

Não seria, é claro, a primeira vez que uma descoberta científica acontecesse antes do seu tempo, e foi abandonada por causa de sequelas imprevisíveis ou simplesmente porque existem necessidades mais urgentes - como neste caso de uma bem sucedida bomba atômica, que tem muito mais peso do que um experimento de invisibilidade, em uma situação incontrolável e com ramificações

interdimensionais.

Uma opinião de um cientista credenciado, Dr. James W. Moffet, um físico da Universidade de Toronto, vale a pena considerar aqui. Questionado se tal coisa como o Experimento Filadélfia poderia acontecer, ele respondeu que "em nível cósmico ou astrofísico tais fenômenos ocorrem o tempo todo." Ele afirmou que estava acostumado a trabalhar com problemas desta natureza como uma coisa natural, embora sejam estritamente limitados a grandes quantidades de energia e grandes corpos celestes. Em suas palavras: "De acordo com a teoria atual, seria impossível reproduzir esses m fenômenos na superfície da Terra."

*"No entanto, você deve se lembrar que, quando Einstein formulou sua Teoria da Relatividade em 1905, ele estava fazendo isso pensando em grandes massas a níveis de corpos celestes e nunca lhe ocorreu que suas teorias podiam ser aplicadas a átomos microscópicos. Quando se tornou evidente, na década de 193, que seria possível fissionar o átomo em um nível controlado tornou-se necessário reexaminar a Teoria da Relatividade para ver se ela seria compatível com essa possibilidade. A resposta foi afirmativae o resultado serviu para confirmar ainda mais a própria teoria. A mesma coisa pode ser verdade da Teoria do Campo Unificado, que hoje só parece ser aplicável no nível astrofísico, mas que pode ter outras aplicações que a ciência ainda não descobriu.*

*"É por isso que nós, os físicos, devemos necessariamente manter sempre a mente aberta a novas possibilidades."*

A exortação final Dr. Moffet, apesar de expressa em termos moderados, é, ao mesmo tempo, em vista a época em que vivemos, um convite para explorarmos os confins do universo, a estrutura infinita de matéria, e as fronteiras ilimitadas de tempo.

O mistério do Experimento Filadélfia ainda não foi esclarecido, e sua eventual resposta pode estar no fundo dos arquivos do Departamento da Marinha. Talvez, como a Marinha com tanta insistência sustentou, todo o incidente é uma lenda e nunca ocorreu. Mas então, considerando a grande quantidade de evidências de que foram coletadas ao longo dos anos, se nunca aconteceu o Experimento Filadélfia como descrito, *o que* realmente aconteceu em uma área de alta segurança do Arsenal de Marinha de Filadélfia em outubro de 1943?

# Agradecimentos

Os autores desejam expressar seus agradecimentos e apreciação sincera a cada um dos seguintes indivíduos e organizações, sem cujo auxílio e apoio seria impossível escrever este livro. Em ordem alfabética (por sobrenome):

Dr. Som Agarwal - físico, educador

Mike Akers - psicólogo

Michelle Alberti - pesquisadora

Janel Anderson - químico

Janie Anderson - educadora

Robert F. Anderson - educador

Carlos Miguel Allende

Sra. P. Aponte-Allende

Gray Barker – editor, escritor

Valerie Berlitz - escritora, artista

Lin Berlitz - pesquisador

Sra. Ellis (Susan) Blockson - historiadora

T. Townsend Brown - físico, inventor

Barão Johannes von Buttlar - escritor, pesquisador de OVINs

Reilly H. Crabb - pesquisador, palestrante, editor

James V. Dalager - advogado

Mary B. D'Antonio - educadora

James Davis, Jr - vendedor de computadores

Sra. Chrystal Dunninger – esposa do famoso mágico e extra-sensorial José Dunninge

Frederick C. Durant III - diretor e curador do "National Air and Space Museum" - Museu Nacional da Aeronáutica e do Espaço

Helen Ellwood - enfermeira

Stanton T. Friedman - físico, pesquisador de OVINs, escritor

Vincent Gaddis - escritor, pesquisador

Sra. Anna Genslinger - pesquisadora

Owen Heiberg - editor, jornalista

Dr Merle Hirsh - físico, educador

Comandante George W. Hoover, USN (reformado)

Robert Horning - estudante, fotógrafo

Allen Huse - cientista

Dr. David M. Jacobs - historiador, escritor

John A. Keel - escritor, pesquisador

Coral Lorenzen - escritora, pesquisadora de OVNIs

James Lorenzen - escritor, pesquisador de OVNIs

Patrick Macey - pesquisador

Gary C. Magnuson - educador

Nic Magnuson - pesquisador

Dorothy M. Moore - arquivista, historiadora

Duke Moore - artista

Lee Moore - programador de computadores

Randy Mclntosh - pesquisador, inventor

Otto Nathan - escritor, administrador do espólio de Albert Einstein

Joan W. O'Connell - escritora, pesquisadora

Dr. Linus Pauling - cientista, ganhador de prêmio Nobel

Tenente-Coronel Kenneth Peters, U.S.A. (reformado) - historiador militar

Dr. Raymond A. Rossberg - médico

Sabina W. Sanderson – escritora, editora

Nate Singer - leitor de mentes (ocultista) e médium

Otto Alexander Steen - engenheiro, arquivista, palestrante

Gene Steinberg - escritor, pesquisador de OVNIs

Harry Tokarz - Presidente do jornal CUFORN

Dr. J. Manson Valentine - oceanógrafo, arqueólogo, explorador, cartógrafo

Bob Warth - pesquisador químico; presidente da SITU - Sociedade para a Investigação do

Inexplicável

James R. Wolfe - escritor *freelance* e pesquisador

John David Wood - presidente da Solarlogos Inc.

*Organizações*:

The Aerial Phenomena Research Organization, Tucson, Arizona

Borderland Sciences Research Foundation, Vista, Califórnia

Carnegie Library of Pittsburgh, Pensilvânia

CUFORN, Inc., Willowdale, Ontário, Canadá

Duquesne University Library, Pittsburgh, Pensilvânia

The Einstein - Steen Sticks and Stones Museum & Library, Tujanga, Califórnia

*The Herman Review,* Herman, Minnesota

Matson Navigation Company, São Francisco, Califórnia

Minneapolis Public Library, Minnesota

Morris Public Library, Minnesota

National Air and Space Museum, Smithsonian Institution, Washington, D.C.

National Archives, Washington, D.C.

*The New York Times,* Nova York

National Investigations Committee on Aerial Phenomena, Kensington, Maryland

Sewickley Public Library, Sewickley, Pensilvânia

Society for the Investigation of the Unexplained, Little Silver, Nova Jersey

University of Michigan Library, Ann Arbor, Michigan

University of Minnesota Library, Morris, Minnesota

U.S. Department of the Navy

# Bibliografia


1947 Frank, Phillipp

1955 Jessup, M.K

1957 Hlavatý, Václav

1962 Crabb, Heilly H.

1963 Barker, Gray

1964 Gaddis, Vincent

1964 Barnothy, Madelene P.

*Albert Einstein, his Life and Times.* Nova York: Alfred Knopf, 1947.

*The Case for the UFO.* Secaucus, Nova Jersey: Citadel Press, 1955.

*Geometry ot Einstein's Unified Field Theory.* BIoomington, Indiana: Indiana University Press, 1957.

*M.K. Jessup, the Allende Letters and Gravity.* Vista, Califórnia: BSRF Pulications, 1962.

*The Strange Case of Dr. M.K. Jessup.* CIarksburg, West Virginia:

Saucerian Press, 1963.

*Invisible Horizons.* Filadélfia: Chilton Book Company, 1964.

*The Effects of Magnetic Fields.* Nova York: Plenum Co., 1964.

1967Steiger, Brad

1967 Sanderson, Ivan T.

1968 Binder, Otto

1968 Sanderson, Ivan T.

1968 O'Connell, Joan W. e Steiger, Brad

1969 Lorenzen, James e Coral, Comp.

1970 Lepoer Trench, Brinsley

1971 Flammonde, Paris

1973 Jessup; M.K. e Barker, Gray

1973 von Buttlar Johannes

"Fantastic Key to the Flying Saucer Mistery",

*Saga*, novembro de 1967.

*Uninvited Visitors: a Biologist Looks at UFOs.* Chicago: Henry Regnery CO., 1967.

*Flying saucers are Watching Us.* Nova York: Tower Books, 1968, 1970.

*"M. K. Jessup", Pursuit*, 30 de setembro de 1968.

*New UFO Breakthrough.* Nova York: AwardBooks, 1968.

*A. P. R. O. Bulletin,* julho-agosto de 1969.

Aerial Phenomena Research Organization, Tucson, Arizona.

*Flying Saucers Have Arrived.* Nova York: World Publishing CO., 1970.

*The Age ot Flying Saucers.* Nova York: Hawthorne Books, 1971.

*The Case for the UFO, Varo Annotated Edition,* fac-simile, Clarksburg, West Virginia: Saucerian Press, 1973.

*Journey to lnfinity.* Londres: Wm. Collins Sons & Co., 1973.

*The Utah UFO Display.* Old Greenwich, Connecticut: Davin-Adair, 1974.

*The New Apocrypha. Nova* York: Stein & Day, 1974.

*The Bermuda Triangle.* Nova York:

Doubleday, 1974.

*Beyond the 4th Dimension*. Londres: Futura Publications, 1-975.

"More on Jessup and the Allende Case",

1974 Salisbury, Dr. F.H.
1974 Jacek, Vincent
1974 Berlitz, Charles F.
1975 Berman, J.H.
1975 Salisbury, H.S.
1976 Herbig, B.R.
1976 Elliott, A.
1976 Cohen, Daniel
1977 Berlitz, Charles F.
1977 Jeffrey, Adi-Kent T.

*Pursuit*, abril de 1975.

"The Allende Letters", *Official UFO*, abril de 1976.

"Were the Allende Letters a College Prank?", *Pursuit*, abril de 1976.

*Mysterious Disappearances.* Nova York: Dodd, Mead & Co., 1976.

*Without a Trace.* Nova York: Doubleday, 1977.

*Parallel Universe.* Nova York: Warner Books, 1977.

1977 ----

1977 Helms, Harry L., Jr.

1978 Simpson, George E., and Burger,

Neal R.

1978 Barker, Gray, ed.

1978 Moore, William L.

"New Evidence-Top Secret, GovernmentAlien Liason?", *UFO Pulse Analyzer*, maio de 1977.

"The Carlos Allende Letters, Key to the

UFO Mystery", *Argosy UFO*

*Magazine,* Inverno 1977-8.

*Thin Air.* Nova York: Dell Publishing Co.,

1978. (Ficção).

"Carlos Allende Speaks", tape. Clarksburg, W.Va.: Saucerian Press.

"The Wizard of Electro-Gravity", *Saga UFO Report,* maio de 1978. Trechos usados. neste livro com

permissão de Gambi Publications, Div. of Web Offset Industries, Brooklyn, Nova York.

Revisão da tradução e conversão para ebook: TVCINESOM (maio de 2025)